
INDICADORES IBGE

volume 9
número 2
fevereiro de 1990
publicação mensal

SUMÁRIO

5 LEITURA RÁPIDA

7 ÍNDICE NACIONAL DE PREÇOS AO CONSUMIDOR — INPC,
ÍNDICE NACIONAL DE PREÇOS AO CONSUMIDOR AMPLO
— IPCA E ÍNDICE DE PREÇOS AO CONSUMIDOR — IPC

11 Tabelas (variação geral; principais contribuições na variação
mensal; números índices e variações; variação mensal, pesos
dos grupos, subgrupos e itens).

19 PESQUISA MENSAL DE EMPREGO — PME

26 Tabelas (taxa de desemprego, ocupados, conta-própria e ren-
dimento médio).

41 INDICADORES CONJUNTURAIS DA INDÚSTRIA

61 Tabelas (produção física — Brasil e produção física por re-
giões).

75 SISTEMA NACIONAL DE PESQUISA DE CUSTOS E ÍNDICES DA CONSTRUÇÃO CIVIL — SINAPI

77 Tabelas (custo médio, número índice e variações percen-
tuais; custos de projetos; salários-hora das categorias —
dezembro-89).

85 ESTATÍSTICA DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA ANUAL

88 Tabelas (área, produção e rendimento médio — um confronto
entre safras e estimativas; confronto entre estimativas; aba-
te de animais, produção de leite e ovos).

91 SUPLEMENTO — PROJEÇÕES DE POPULAÇÃO E O AJUSTE
DAS ESTIMATIVAS DA PESQUISA: SOLUÇÃO OU PROBLE-
MA?

CONVENÇÃO

— Quando, pela natureza do fenômeno, não puder existir o dado.

EQUIPE DE REDAÇÃO

DEPARTAMENTO DE AGROPECUÁRIA

Redatores: Bruno Marcus Rangel Pessanha
Elvio Valente
Jairo Augusto Silva
Terezinha Iza Cezar

DEPARTAMENTO DE EMPREGO E RENDIMENTO

Redator: Shyrlene Ramos
Colaborador: Mário Serres da Silva

DEPARTAMENTO DE ÍNDICES DE PREÇOS

Redatores: Eulina Nunes dos Santos
Luiz Fernando de Oliveira Fonseca
Vânia Maria Carelli Prata
Oreval Alves Moreira

DEPARTAMENTO DE INDÚSTRIA

Redatores: Isabella Chataignier
Ivan Gelabert Barbosa
José Leonídio M. Souza Santos
Maria Tereza Reis Ribeiro
Myrian Thereza Ferreira
Nilo Lopes de Macedo
Paulo Gonzaga M. de Carvalho
Rosângela Carnevale
Sílvio Sales de Oliveira Silva
Tereza Cristina Machado Mendes
Colaboradores: Carlos Alberto C. da Fonseca
Heloísa de V. Medina

Programação visual

Pedro Paulo Machado

Distribuição e Vendas

Gerência de Marketing/Centro de Documentação e Disseminação de Informações
Av. Beira Mar, 436 – 6º andar – Rio de Janeiro – RJ
CEP 20 021 – Tel.: (021) 533-3094

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE

DIRETORIA DE PESQUISAS

DIRETOR DE PESQUISAS

Lenildo Fernandes Silva

DIRETOR ADJUNTO DA DIRETORIA DE PESQUISAS

Fernando José de Araujo Abrantes

COORDENAÇÃO DO CENSO AGROPECUÁRIO

Manoel Antonio Soares da Cunha

COORDENAÇÃO DOS CENSOS ECONÔMICOS

Carmen de Jesus Garcia

NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO

Eva Doris Rosental

NÚCLEO DE METODOLOGIA

Pedro Luís Nascimento Silva

NÚCLEO DE PLANEJAMENTO E SUPERVISÃO

Nuno Duarte da Costa Bittencourt

DEPARTAMENTO DE AGROPECUÁRIA

Elvio Valente

DEPARTAMENTO DE COMÉRCIO E SERVIÇOS

Eduardo Luiz de Mendonça

DEPARTAMENTO DE CONTAS NACIONAIS

Claudio Monteiro Considera

DEPARTAMENTO DE EMPREGO E RENDIMENTO

Nelson de Castro Senra

DEPARTAMENTO DE ESTATÍSTICAS E INDICADORES SOCIAIS

Marcia Bandeira de Mello Leite

DEPARTAMENTO DE ÍNDICES DE PREÇOS

Ricardo Augusto Braule Pinto

DEPARTAMENTO DE INDÚSTRIA

Luisa Maria La Croix

DEPARTAMENTO DE POPULAÇÃO

Valéria da Motta Leite

GRUPO EXECUTIVO DE ADMINISTRAÇÃO

Angela Rosenberg Freire

Para informações, dirigir-se aos seguintes Departamentos, nos respectivos endereços classificados por assunto:

– **Índices Nacionais de Preços ao Consumidor**

Índices de Preços (DESIP) – Rua Visconde de Niterói, 1 246, Bloco B, 13º andar, telefone: 248-9724

– **Pesquisa Mensal de Emprego**

Emprego e Rendimento (DEREN) – Rua Visconde de Niterói, 1 246, Bloco B, 10º andar, telefone: 284-6539

– **Indicadores Conjunturais da Indústria**

Indústria (DEIND) – Rua Visconde de Niterói, 1 246, Bloco B, 7º andar, telefone: 284-8840 – Pesquisa Industrial Mensal – PIM

– **Custos e Índices da Construção Civil**

Índices de Preços (DESIP) – Rua Visconde de Niterói, 1 246, Bloco B, 13º andar, telefone: 264-3547, CEP 20 941, Mangueira, Rio de Janeiro, RJ, ou à Delegacia do IBGE de sua capital

– **Estatística da Produção Agrícola Anual**

Agropecuária (DEAGRO) – Rua Visconde de Niterói, 1 246, Bloco B, 9º andar, telefone: 284-8131

– **Suplemento**

Núcleo de Metodologia da Diretoria de Pesquisas (NME/DPE) – Rua Visconde de Niterói, 1246, BLOCO B, 12º andar, telefone: 284 9868

LEITURA RÁPIDA

O IPC de janeiro (56,11%) sofreu influência, principalmente, dos produtos alimentícios (62,86%), com taxas ascendentes desde o final do ano passado. Já os não-alimentícios (52,56%) tiveram variação praticamente igual a de dezembro (52,92%). Resultados por grupos: Transporte e Comunicação (66,19%), Saúde e Cuidados Pessoais (54,75%), Despesas Pessoais (54,01%), Artigos de Residência (51,29%), Habitação (50,83%) e Vestuário (43,40%). Assim, o acumulado do IPC nos últimos seis meses chegou a 720,32% e nos últimos doze meses, a 1 609,68%.

O INPC (68,19%) e o IPCA (67,55%) apresentaram taxas bem mais elevadas do que o IPC, com a variação dos preços dos alimentos, no INPC, revelando acentuado crescimento de 54,59% em dezembro para 75,21% em janeiro. Porém, o maior resultado, por grupo, também no INPC, ficou com Transporte e Comunicação (75,91%), refletindo os reajustes dos combustíveis. Os resultados acumulados são: INPC — últimos seis meses (851,87%) e últimos doze meses (2 337,64%), e IPCA — últimos seis

meses (864,63%) e últimos doze meses (2 426,12%).

A taxa de desemprego aberto, em dezembro de 1989 (2,36%), em relação ao mesmo mês de 1988 (2,92%), foi menor do que a de novembro (2,49%), com aumentos de 2% na PEA e no número de pessoas ocupadas e queda de 18% no número de pessoas desocupadas. O comércio (5%), a indústria de transformação (5%) e a construção civil (1%) registraram crescimento no número de pessoas ocupadas, enquanto que no setor de serviços se manteve estável.

Em um pequeno balanço de 1989, pode-se observar que a PEA sofreu redução no ritmo de crescimento (2%) — depois das médias de 4% em 1986 e 1987 —, em função do crescimento menor da População Ocupada (3%). A População em Idade Ativa (2,96%) manteve o ritmo de crescimento de 1988, enquanto a População Desocupada caiu 10,98% e a População Inativa subiu 4,02%.

A produção industrial brasileira fechou o ano de 1989 com um crescimento de 3,2%, sustentada, principalmente, pelo mercado interno de bens de consumo, que se expandiu em função do aumento do

rendimento médio, do emprego e das vendas no comércio. Dessa maneira, por categorias de uso, os melhores resultados ficaram com Bens de Consumo (3,9%) — Duráveis (2,5%) e Não-duráveis (4,3%) —, seguidos por Bens Intermediários (2,7%), com os Bens de Capital crescendo, apenas, (0,5%). Os gêneros que mais influenciaram o resultado acumulado no ano foram metalúrgica (5,3%), mecânica (4,4%) e material elétrico (5,8%).

Todas as taxas regionais da indústria, no ano, foram positivas, o que não acontecia desde 1986: Santa Catarina (4,4%), Bahia (4,4%), Rio de Janeiro (4,3%), Paraná (4,2%), Nordeste (4,2%), Região Sul (3,6%), São Paulo (2,0%), Rio Grande do Sul (1,8%), Minas Gerais (0,7%) e Pernambuco (0,3%). Os Estados que atingiram taxas acima de 4% tiveram duas características comuns: índices positivos nos gêneros com fortes vinculações com a agropecuária e, de modo geral, também nos associados à produção de bens de consumo.

O Sistema Nacional de Pesquisas de Custos e Índices da Construção Civil (SINAPI) registrou, em dezembro de 1989, um custo de NCz\$ 3.115,97 por metro quadrado, para o Brasil, com variação mensal de 49,22%. Os materiais de construção participaram com NCz\$ 2.435,39 (variação de 49,45%) e a mão-de-obra com NCz\$ 680,58 (48,41%).

Com esses resultados, encerram-se as séries de custos e índices com base em maio de 1987, devido à implantação das novas bases cadastrais e do novo calendário para a coleta de preços e salários. A partir de janeiro deste ano,

foram iniciadas novas séries com base em dezembro de 1989.

A situação das lavouras em janeiro de 1990, em relação à produção de 1989, segundo o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA), mostra possível aumento de produção para sete produtos: algodão herbáceo (22,04%), batata-inglesa — 1ª safra, (13,39%), cebola (17,51%), feijão — 1ª safra (42,05%), mamona (47,47%), mandioca (4,64%) e tomate (5,59%). Já para os seis produtos restantes as perspectivas de diminuição na produção são: amendoim — 1ª safra (– 4,43%), arroz (– 12,90%), cana-de-açúcar (– 1,13%), fumo (– 0,16%), milho (– 0,93%) e soja (– 10,14%). Quanto à produção de oleaginosas, cereais e leguminosas, estimativas preliminares apontam para um resultado em torno de 68,5 milhões de toneladas contra as 71,6 milhões de 1989.

Os resultados da produção animal em 1989 apontaram aumentos nos abates de bovinos (3,5%) e de aves (3,2%) e queda no de suínos (– 11,6%). Os pesos das carcaças cresceram 3,1% para os bovinos e 6,3% para as aves, caindo em 10,7% para os suínos.

Suplemento

Nesta edição, a revista *Indicadores IBGE* traz o suplemento *Projeções de População e o Ajuste das Estimativas das Pesquisas Domiciliares: Solução ou Problema?*, elaborado por Zélia Magalhães Bianchini, do Núcleo de Metodologia da Diretoria de Pesquisas.

Rio de Janeiro, fevereiro de 1990

Edição

Núcleo de Documentação da
Diretoria de Pesquisas

NOTA — Em referência aos dados publicados no número de outubro de 1989, deverão ser observadas as seguintes correções na página 6, Leitura Rápida, 2º parágrafo:

onde se lê	leia-se
132,5%	132,5
(133,4%)	(133,4)

ÍNDICE NACIONAL DE PREÇOS AO CONSUMIDOR, ÍNDICE DE PREÇOS AO CONSUMIDOR AMPLO E ÍNDICE DE PREÇOS AO CONSUMIDOR

RESULTADOS DO INPC E DO IPCA

O Índice Nacional de Preços ao Consumidor — INPC — apresentou, no mês de janeiro de 1990, variação de 68,19% e o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo — IPCA — variou 67,55%.

Os resultados acumulados encontram-se na tabela abaixo:

A variação apresentada pelo INPC de janeiro de 1990 corresponde a uma alta de 16,91 pontos percentuais em relação ao índice de 51,28% do mês de dezembro de

1989. Houve acentuada aceleração na taxa de crescimento de preços dos alimentos, cuja variação passou de 54,59% em dezembro para 75,21% em janeiro. Os produtos não-alimentícios também aumentaram significativamente, atingindo 64,14% de variação, superior, portanto, aos 49,44% de dezembro. O grupo Vestuário (46,28%) ficou com o menor resultado, contribuindo sobremaneira para que a taxa do mês de janeiro ficasse abaixo de 70,00%. Por outro lado, o grupo Transporte e Comunicação (75,91%) exerceu forte pressão sobre o índice do mês, tendo em vista o reflexo dos reajustes dos combustíveis sobre os transportes.

VARIAÇÕES DO INPC E DO IPCA, COM ÍNDICES ACUMULADOS

ÍNDICES	VARIAÇÃO (%)				NÚMERO ÍNDICE (março/86 = 100)
	Acumulado em três meses	Acumulado em seis meses	Acumulado no ano	Acumulado em doze meses	
INPC.....	277,76	851,87	68,19	2 337,64	213 028,04
IPCA.....	275,22	864,63	67,55	2 426,12	231 269,62

1 – Os produtos alimentícios

A variação do grupo Alimentação situou-se em 75,21%, constatando-se aumentos generalizados de preços. A menor variação foi registrada no item panificados (56,57%), devido ao resultado de 52,97% do pão francês, relativamente baixo, em face da maioria dos aumentos. As carnes (86,25%) constituíram-se, isoladamente, na maior contribuição do índice geral, com 3,50 pontos percentuais. Grande parte das variações de preços dos alimentos situaram-se entre 60 e 90%. As maiores altas ficaram com as hortaliças e verduras (178,51%), cereais (119,94%), pescado (101,51%), tubérculos, raízes e legumes (99,02%).

2 – Os produtos não-alimentícios

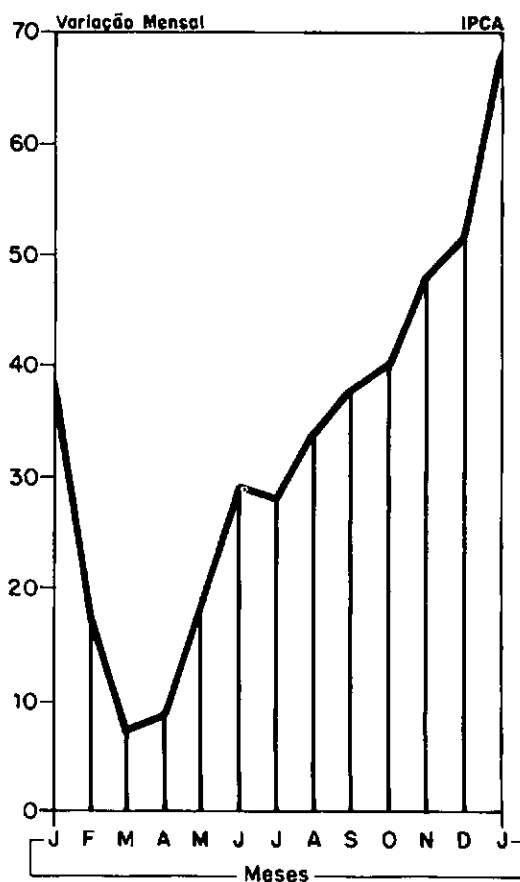
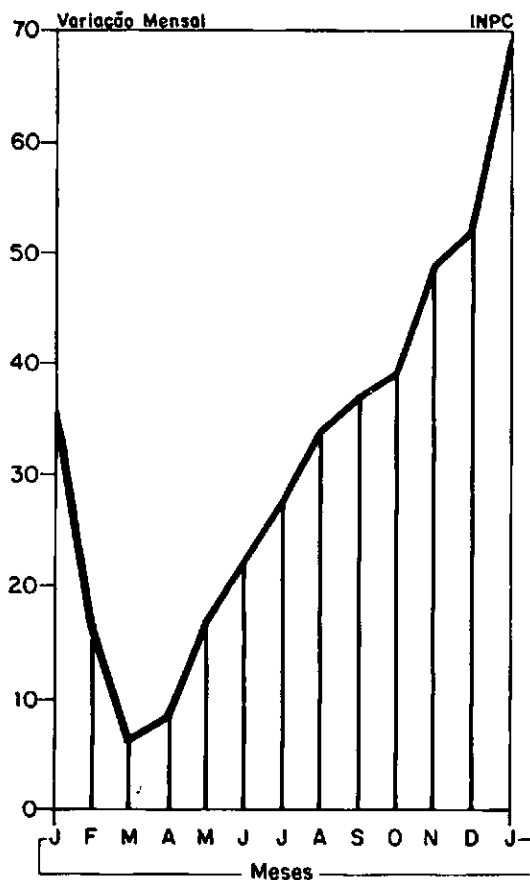
Com variação de 64,14%, os produtos não-alimentícios situaram-se abaixo do gru-

po Alimentação (75,20%). Transporte e Comunicação (75,91%) foi o grupo que mais aumentou, seguido de Saúde e Cuidados Pessoais (71,61%). Nestes dois grupos os destaques ficaram com as passagens dos ônibus urbanos (73,08%) e com os produtos farmacêuticos (65,45%), que, juntos, foram responsáveis por 5,67 pontos percentuais.

RESULTADOS DO IPC

O Índice de Preços ao Consumidor – IPC – no mês de janeiro de 1990 apresentou variação de 56,11%, superior aos 53,55% registrados no IPC de dezembro de 1989 devido, principalmente, aos produtos alimentícios cuja taxa vem se acelerando desde o final do ano de 1989. No mês de janei-

SISTEMA NACIONAL DE ÍNDICES DE PREÇOS AO CONSUMIDOR – SINPC
Janeiro-89/Janeiro-90



ro os alimentos apresentaram variação de 62,86%, em dezembro a taxa foi de 54,77%, uma elevação, portanto, de 8,09 pontos percentuais. Quanto aos produtos não-alimentícios, a variação situou-se em 52,56%, muito próxima à variação de 52,92% de dezembro. Assim, os alimentos continuam pelo segundo mês consecutivo superando o crescimento de preços dos não-alimentícios, o que não vinha ocorrendo desde o IPC de julho.

1 — Os produtos alimentícios

Os preços dos alimentos aumentaram 62,86% no IPC de janeiro, variação superior à registrada em dezembro (54,77%). A alta dos preços dos alimentos deve-se, principalmente, à entressafra. Os grandes destaques no mês foram:

Arroz (105,30%) — com variação de 53,46% em dezembro, os preços do arroz que estavam defasados em relação à inflação até setembro começaram a se elevar mais acentuadamente a partir de outubro, dada a proximidade da entressafra, levando o governo a intervir no mercado, desovando seus estoques de sequeiro. No período de 15-12-89 a 15-01-90, os preços do arroz agulhinha no Rio Grande do Sul (maior produtor) aumentaram 108% no atacado.

Açúcares e derivados (69,89%) — a variação do açúcar refinado (76,60%) ficou acima da verificada em dezembro (58,45%), os preços refletiram os reajustes de 41,42% e 53,55%, concedidos em 08-12-89 e 01-01-90, respectivamente. Também foram altas as variações do açúcar cristal (77,47%), balas (67,15%) e dos sorvetes (100%).

Carnes (67%) — a variação foi inferior à de dezembro (72,11%). As carnes de boi apresentaram variações ligeiramente superiores às registradas em dezembro, enquanto as carnes suínas apresentaram variações significativamente inferiores às de dezembro:

CARNES	DEZEMBRO-89	JANEIRO-90
Alcatra	69,83%	72,88%
Acém	63,58%	67,29%
Carne suína	101,34%	53,04%

A alta da carne bovina deve-se, principalmente, à retenção de animais no pasto repressando, assim, a oferta. Quanto à carne suína, seu preço que vinha registrando altas acima da inflação começou a se retrair. Os frigoríficos abastecidos para as festas de fim de ano reduziram suas compras ao mesmo tempo em que o consumo vem se normalizando.

Pescado (62,54%) — os peixes apresentaram variações elevadas em decorrência da menor oferta. É época de reprodução e neste período há proibição da pesca.

Carnes e peixes industrializados (69,21%) — a variação foi inferior à registrada no mês de dezembro (78%) em decorrência das elevações menos acentuadas nos preços da carne suína.

Frango e ovos — aumentaram 82,98% e 67,82%, respectivamente. Com variações ligeiramente inferiores às de dezembro, 85,80% e 70,23%, a alta continua sendo determinada pelo boi gordo, balizador no mercado de proteínas animais, e pelo crescimento nos preços dos insumos básicos como milho e rações.

Leite pasteurizado (51,55%) — a variação do produto no mês refletiu os reajustes médios de 41,4% e 53,5% em vigor a partir de 01-12-89 e 01-01-90, respectivamente.

Pão francês (47,41%) — a variação registrada no mês refletiu os reajustes de 37,5% e 45% concedidos em 02-12-89 e 30-12-89, respectivamente.

Óleos e gorduras (70,47%) — o item foi pressionado pelo óleo de soja (76,26%) e pela margarina (63,30%).

Bebidas e infusões (65,11%) — o item foi pressionado, principalmente, pelo café moído (84,97%) que no período de referência do índice foi reajustado em 37,28%, 35,4% e 48,2% nos dias 09-12-89, 20-12-89 e 06-01-90, respectivamente. Foram altas as variações dos refrigerantes (61,22%) e cervejas (72,34%).

Alimentação fora do domicílio (57,60%) — a variação foi superior aos 53,11% de dezembro, refletindo a alta generalizada nos preços dos alimentos.

2 — Os produtos não-alimentícios

Os produtos não-alimentícios apresentaram uma taxa de 52,56%, próxima aos 52,92% de dezembro. Da mesma forma que no mês anterior, a taxa foi superada pelos alimentos (62,86%). Os destaques por grupo foram:

Habitação (50,83%) — o resultado foi inferior ao de dezembro (62,48%), devido às menores variações dos valores de condomínio (46,68%), taxa de água e esgoto (42,86%), tarifas de energia elétrica (50,74%) e aluguéis residenciais (36,85%). Destacam-se, ainda, o gás de bujão, que aumentou 91,87%, reflexo dos reajustes de 24,9%, 42,5% e 29% concedidos em 07-12-89, 21-12-89 e 08-01-90, respectivamente, e os artigos de limpeza que aumentaram 59,39%.

Artigos de residência (51,29%) — a variação foi superior à verificada em dezembro (44,09%) devido, principalmente, ao crescimento de preços dos produtos dos itens utensílios e enfeites (62,56%), eletrodomésticos (56,17%) e artigos de cama, mesa e banho (52,95%).

Vestuário (43,40%) — a variação foi inferior à de dezembro (49,85%). Os artigos de vestuário de forma geral apresentaram variações de preços menos acentuadas. Os resultados dos principais itens que compõem o grupo foram:

VESTUÁRIO	DEZEMBRO-89	JANEIRO-90
Roupas masculinas ..	49,71%	45,92%
Roupas femininas	55,37%	42,82%
Roupas infantis	52,50%	39,26%

Transporte e comunicação (66,19%) — foi o grupo de maior variação no índice do mês, significativamente superior ao mês anterior (53,07%) devido, principalmente, ao maior crescimento do item transporte público, que passou de 46,48% em dezembro para 61,83% em janeiro. A variação dos combustíveis também foi superior: 49,97% em dezembro e 76,29% em janeiro, tendo em vista os maiores crescimentos de preços da gasolina (76,28%) e do álcool (76,31%) no período de referência do índice. A gasolina e o álcool refletiram os reajustes médios de 20%, 38% e 27%, concedidos, respectivamente, em 07-12-89, 21-12-89 e

08-01-90. Destacam-se, ainda, no grupo, as variações dos preços dos automóveis usados (58,54%) e das motocicletas (111,13%).

Saúde e cuidados pessoais (54,75%) — apresentou variação ligeiramente superior à registrada em dezembro (53,20%). Os principais destaques foram os produtos farmacêuticos (57,68%) e os artigos de higiene pessoal (52,19%).

Despesas pessoais (54,01%) — a variação foi pouco inferior à de dezembro (56,94%). Os principais destaques foram os itens recreação (50,35%) e educação (69,28%), onde foram altas as variações dos cadernos (78,14%), artigos de papeleria (69,02%), livros didáticos (105,57%) e as mensalidades de cursos formais (67,55%).

NOTA EXPLICATIVA DO IPC

O Índice de Preços ao Consumidor — IPC — é o indexador oficial da economia brasileira, criado através do Decreto-Lei nº 2.284 de 10 de março de 1986. De 28 de fevereiro de 1986 até outubro do mesmo ano, o IPC foi calculado pela metodologia do IPCA, de novembro de 1986 em diante passou a ser calculado pela metodologia do INPC.

O número índice de fevereiro refere-se à data de 28-02-86.

A variação de março de 1986 corresponde ao movimento de preços observados entre o dia 28 de fevereiro de 1986 e a base definida pelos preços coletados em março de 1986.

Até maio de 1987, o IPC foi calculado com base nos preços coletados no mês civil. O IPC de junho de 1987 foi obtido comparando-se a média dos preços vigentes, no período de 16 a 22 de junho, com a média dos preços constatados no mês de maio, conforme determinação do Decreto-Lei nº 2.335 de 12 de junho de 1987 e a Portaria nº 186 de junho de 1987. A partir de junho, também em cumprimento ao Decreto-Lei nº 2.335, o IPC passou a ser calculado, com base na média dos preços apurados, entre o início da segunda quinzena do mês anterior e o término da primeira quinzena do mês de referência.

1 - VARIAÇÃO GERAL E POR GRUPOS DE PRODUTOS, SEGUNDO AS REGIÕES METROPOLITANAS
INPC - Janeiro de 1990

REGIÕES METROPOLITANAS	GERAL	GRUPOS DE PRODUTOS (%)						
		Alimen- tos e bebidas	Habitação	Artigos de resi- dência	Vestuário	Transporte e comuni- cação	Saúde e cuidados pessoais	Despesas pessoais
Belém.....	73,00	83,49	70,71	65,89	50,40	71,58	75,37	69,00
Fortaleza.....	76,01	82,59	76,93	77,06	55,39	68,99	79,80	74,36
Recife.....	71,73	74,75	66,77	68,13	48,25	71,31	92,48	78,57
Salvador.....	67,08	68,82	75,53	58,77	54,66	71,25	64,53	77,00
Belo Horizonte.....	68,07	77,31	68,02	62,55	41,45	81,51	59,90	71,53
Rio de Janeiro.....	65,24	70,76	56,95	58,58	47,43	79,22	67,21	66,93
São Paulo.....	67,66	76,17	58,95	66,35	44,48	77,10	71,90	67,75
Curitiba.....	64,64	69,76	63,20	64,74	39,18	77,53	68,28	71,18
Porto Alegre.....	64,71	72,48	62,64	61,26	37,30	73,11	77,21	68,11
Brasília, DF.....	72,00	83,43	64,92	71,79	56,63	74,31	69,33	67,84
INPC.....	68,19	75,21	63,42	64,84	46,28	75,91	71,61	70,37

IPCA - Janeiro de 1990

REGIÕES METROPOLITANAS	GERAL	GRUPOS DE PRODUTOS (%)						
		Alimen- tos e bebidas	Habitação	Artigos de resi- dência	Vestuário	Transporte e comuni- cação	Saúde e cuidados pessoais	Despesas pessoais
Belém.....	71,26	80,55	67,86	66,83	49,76	73,03	77,17	67,78
Fortaleza.....	74,90	82,34	74,00	74,94	54,86	74,34	79,70	71,11
Recife.....	74,24	73,54	64,14	70,36	47,70	73,41	106,98	77,15
Salvador.....	67,61	69,72	71,01	57,81	54,17	71,39	65,66	76,15
Belo Horizonte.....	66,86	75,07	66,70	61,47	42,30	82,10	56,89	69,68
Rio de Janeiro.....	65,71	70,10	65,06	58,84	48,00	77,03	66,51	64,73
São Paulo.....	67,33	73,44	64,41	63,33	45,55	76,65	70,89	64,44
Curitiba.....	64,20	69,37	61,39	64,57	38,84	77,73	66,35	69,37
Porto Alegre.....	65,22	72,94	63,32	61,23	37,77	73,78	79,07	65,94
Brasília, DF.....	70,23	81,06	62,69	70,26	56,67	77,58	68,14	63,65
IPCA.....	67,55	73,60	64,96	63,39	46,08	76,64	71,55	67,01

IPC - Janeiro de 1990

REGIÕES METROPOLITANAS	GERAL	GRUPOS DE PRODUTOS (%)						
		Alimen- tos e bebidas	Habitação	Artigos de resi- dência	Vestuário	Transporte e comuni- cação	Saúde e cuidados pessoais	Despesas pessoais
Belém.....	58,69	67,92	56,80	42,97	43,49	67,99	57,05	56,40
Fortaleza.....	60,65	64,79	64,98	60,46	50,07	59,41	58,61	57,91
Recife.....	58,16	62,83	54,99	51,18	45,42	66,31	56,30	66,50
Salvador.....	57,31	57,28	64,50	58,73	53,37	63,10	52,01	55,27
Belo Horizonte.....	57,51	65,70	53,39	57,64	41,69	71,58	49,94	54,68
Rio de Janeiro.....	55,35	62,47	43,32	43,95	42,77	68,15	57,16	56,41
São Paulo.....	53,64	60,65	46,91	45,87	43,79	63,35	54,71	49,83
Curitiba.....	55,88	65,88	48,06	51,59	38,54	66,96	56,40	54,43
Porto Alegre.....	53,74	63,67	50,63	53,42	30,24	70,53	57,15	50,95
Brasília, DF.....	59,31	68,34	53,34	58,86	49,50	69,26	51,56	52,07
IPC.....	56,11	62,86	50,83	51,29	43,40	66,19	54,75	54,01

2 - PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES NA VARIAÇÃO MENSAL
INPC - Janeiro de 1990

ITENS	VARIAÇÃO (%)	CONTRIBUIÇÃO (%)
Carnes frescas e vísceras	82,25	3,50
Cereais	119,94	3,01
Produtos farmacêuticos	65,45	2,90
Ônibus urbano	73,08	2,77
Bebidas e infusões	75,43	2,36
Recreação	66,70	2,26
Refeição em restaurante	68,29	1,92
Açúcares e derivados	68,80	1,76
Utensílios e enfeites	71,57	1,74
Leite pasteurizado	83,31	1,55
Frango	60,73	1,55
Energia elétrica	70,83	1,53
Cigarros	75,88	1,46
Artigos de limpeza	75,13	1,40
Eletrodomésticos e equipamentos	72,13	1,19
TV e som	72,64	1,14
Lanche em restaurante	66,21	1,07
Pão francês	52,97	1,00
Gasolina	97,36	0,97
Farinha, féculas e massas	65,83	0,87
Itens listados acima	74,09	35,95
Demais itens	62,63	32,24

IPCA - Janeiro de 1990

ITENS	VARIAÇÃO (%)	CONTRIBUIÇÃO (%)
Recreação	66,72	3,34
Refeição em restaurante	66,41	2,64
Carnes	86,54	2,61
Produtos farmacêuticos	65,44	2,41
Gasolina	97,36	2,31
Artigos de higiene pessoal	84,06	2,18
Serviços médicos	84,69	1,92
Cereais	122,83	1,75
Bebidas	74,66	1,72
Ônibus urbano	74,34	1,58
Automóveis usados	71,80	1,52
Energia elétrica	73,24	1,29
Açúcares e derivados	66,20	1,22
Eletrodomésticos e equipamentos	69,49	1,08
Lanche em restaurante	67,77	1,06
Artigos de limpeza	74,41	1,01
Cigarros	75,82	0,84
Frango	59,60	0,92
TV e som	72,13	0,90
Alcool	96,88	0,80
Itens listados acima	75,85	33,20
Demais itens	61,08	34,35

IPC - Janeiro de 1990

ITENS	VARIAÇÃO (%)	CONTRIBUIÇÃO (%)
Carnes	67,00	2,61
Ônibus urbano	62,23	2,39
Produtos farmacêuticos	57,68	2,27
Bebidas	65,11	1,85
Frango	82,98	1,83
Roupas masculinas	45,92	1,82
Recreação	50,35	1,81
Calçados	42,49	1,74
Açúcares e derivados	69,89	1,69
Roupas femininas	42,82	1,65
Utensílios e enfeites	62,56	1,64
Refeição	59,55	1,60
Artigos de higiene pessoal	52,19	1,53
Arroz	105,30	1,42
Serviços pessoais	53,39	1,29
Artigos de limpeza	59,39	1,10
Energia elétrica	50,74	1,04
Eletrodomésticos	56,17	0,98
Leite pasteurizado	51,55	0,96
Pão francês	47,41	0,92
Itens listados acima	57,30	32,14
Demais itens	54,59	23,97

3 - NÚMEROS ÍNDICES E VARIAÇÕES - 1989/90
INPC

(continua)

MESES	NÚMERO ÍNDICE (março/88 = 100)	VARIAÇÃO (%)				
		No mês	Acumulada em três meses	Acumulada em seis meses	Acumulada no ano	Acumulada em doze meses
1989						
Janeiro.....	8 739,12	35,48	122,98	332,54	35,48	1 145,01
Fevereiro.....	10 167,97	16,35	102,45	317,19	57,63	1 150,81
Março.....	10 767,88	5,90	66,93	248,07	66,93	1 021,69
Abril.....	11 635,77	8,06	33,15	196,88	80,39	924,34
Maió.....	13 575,45	16,67	33,51	170,29	110,46	910,74
Junho.....	17 566,63	29,40	63,14	172,33	172,33	969,59
Julho.....	22 379,89	27,40	92,34	166,09	246,95	1 007,67
Agosto.....	29 805,54	33,18	118,55	193,13	362,07	1 122,91
Setembro.....	40 639,85	36,35	131,35	277,42	530,03	1 213,67
Outubro.....	56 391,86	38,76	151,98	384,64	774,23	1 338,83
Novembro.....	83 724,99	48,47	180,90	516,74	1 197,96	1 566,98
Dezembro.....	126 659,16	51,28	211,66	621,02	1 863,56	1 863,56
1990						
Janeiro.....	213 028,04	68,19	277,76	851,87	68,19	2 337,64

IPCA

MESES	NÚMERO ÍNDICE (março/88 = 100)	VARIAÇÃO (%)				
		No mês	Acumulada em três meses	Acumulada em seis meses	Acumulada no ano	Acumulada em doze meses
1989						
Janeiro.....	9 155,13	37,49	126,39	340,71	37,49	1 149,22
Fevereiro.....	10 891,36	16,78	106,64	323,28	60,56	1 160,88
Março.....	11 420,51	6,82	71,51	254,76	71,51	1 045,29
Abril.....	12 371,84	8,33	35,14	205,93	85,80	940,07
Maió.....	14 588,87	17,92	36,45	181,97	119,09	944,50
Junho.....	18 768,58	28,65	64,34	181,86	181,86	1 001,44
Julho.....	23 974,98	27,74	93,79	161,87	260,05	1 054,11
Agosto.....	32 058,95	33,71	119,74	199,84	381,43	1 169,15
Setembro.....	44 097,54	37,56	134,95	286,13	562,25	1 269,82
Outubro.....	61 635,13	39,77	157,08	398,19	825,62	1 424,12
Novembro.....	91 109,05	47,82	184,21	524,51	1 268,26	1 660,95
Dezembro.....	138 030,21	51,50	213,01	635,43	1 972,91	1 972,91
1990						
Janeiro.....	231 269,62	67,55	275,22	864,63	67,55	2 426,12

3 – NÚMEROS ÍNDICES E VARIAÇÕES – 1989/90 IPC

(conclusão)

MESES	NÚMERO ÍNDICE (março/86 = 100)	VARIÇÃO (%)				
		No mês	Acumulada em três meses	Acumulada em seis meses	Acumulada no ano	Acumulada em doze meses
1989						
Janeiro	10 029,15	70,28	178,34	429,97	70,28	1 410,64
Fevereiro	10 390,20	3,60	127,20	355,04	76,41	1 226,74
Março	11 022,96	6,09	87,15	289,29	87,15	1 113,29
Abril	11 828,74	7,31	17,94	228,28	100,83	991,53
Maió	13 004,52	9,94	25,16	184,36	120,80	918,88
Junho	16 233,54	24,83	47,27	175,62	175,62	964,05
Julho	20 902,31	28,76	76,71	108,42	254,89	1 004,55
Agosto	27 035,05	29,34	107,89	160,20	359,01	1 084,00
Setembro	36 754,15	35,95	126,41	233,43	524,03	1 198,00
Outubro	50 581,06	37,62	141,99	327,61	758,79	1 303,78
Novembro	71 531,74	41,42	164,59	450,05	1 114,50	1 464,16
Dezembro	109 836,99	53,55	198,84	576,61	1 764,87	1 764,87
1990						
Janeiro	171 466,53	56,11	238,99	720,32	56,11	1 609,68

4 – VARIAÇÃO MENSAL IPC – Janeiro de 1990

GRUPOS	PONDERAÇÃO (%)	VARIÇÃO (%)
Geral	100,00	56,11
Alimentação e bebidas	34,47	62,86
Habitação	10,26	50,83
Artigos de residência	9,38	51,29
Vestuário	15,83	43,40
Transporte e comunicação	10,20	66,19
Saúde e cuidados pessoais	9,40	54,75
Despesas pessoais	10,46	54,01

5 - VARIAÇÃO MENSAL, PESOS DOS GRUPOS, SUBGRUPOS E ITENS DE PRODUTOS,
SEGUNDO A IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS
Janeiro de 1990

(continua)

IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS	VARIAÇÃO (%)	PESOS (%)	IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS	VARIAÇÃO (%)	PESOS (%)
INPC			CALÇADOS E OUTROS APETRECHOS	43,50	3,52
INPC.....	68,19	100,00	Calçados e outros apetrechos	43,50	3,52
ALIMENTOS E BEBIDAS	75,21	36,57	JÓIAS.....	59,26	0,42
ALIMENTAÇÃO NO DOMICÍLIO	77,63	28,32	Jóias	59,26	0,42
Cereais, leguminosas e oleaginosas	119,94	2,51	TECIDOS E ARMARINHO	55,78	0,68
Farinhas, féculas e massas	65,33	1,33	Tecidos e armarinho	55,78	0,68
Tubérculos, raízes e legumes	99,02	0,68	TRANSPORTE E COMUNICAÇÃO	75,91	10,07
Açúcares e derivados	68,80	2,55	TRANSPORTE.....	76,02	9,78
Hortaliças e verduras.....	178,51	0,13	Transporte público	74,43	5,16
Frutas.....	61,24	0,70	Veículo próprio	71,73	3,53
Carnes frescas e vísceras	86,25	4,06	Combustíveis (transporte)	97,31	1,10
Pescados	101,51	0,41	COMUNICAÇÕES	72,23	0,29
Carnes e peixes industrializados	77,08	1,16	Comunicações	72,23	0,29
Aves e ovos	61,01	3,21	SAÚDE E CUIDADOS PESSOAIS	71,61	9,96
Leite e derivados.....	73,02	3,25	PRODUTOS FARMACÊUTICOS E APARELHOS DE TRATAMENTO	66,32	4,75
Panificados.....	56,57	3,07	Produtos farmacêuticos	65,45	4,43
Óleos e gorduras.....	101,99	0,92	Óculos e lentes.....	78,25	0,32
Bebidas e infusões	75,43	3,13	ATENDIMENTO E SERVIÇOS.....	68,84	2,17
Enlatados e conservas	72,09	0,28	Atendimento médico	50,19	1,13
Sal e condimentos.....	68,54	0,93	Serviços médicos.....	89,00	1,04
ALIMENTAÇÃO FORA DO DOMICÍLIO	66,90	8,26	CUIDADOS PESSOAIS	81,87	3,04
Alimentação fora do domicílio	66,90	8,26	Higiene pessoal	81,87	3,04
HABITAÇÃO.....	63,41	10,22	DESPESAS PESSOAIS.....	70,37	10,11
ENCARGOS E MANUTENÇÃO	57,20	7,35	SERVIÇOS.....	56,59	2,26
Habitação.....	45,82	4,41	Serviços pessoais	56,59	2,26
Reparos	72,84	1,08	RECREAÇÃO E FUMO	70,62	5,38
Artigos de limpeza	75,13	1,86	Recreação	66,70	3,39
OPERAÇÃO	79,27	2,88	Fumo.....	77,29	1,99
Combustíveis para uso doméstico...	104,52	0,72	EDUCAÇÃO E LEITURA	82,41	2,47
Energia elétrica.....	70,83	2,16	Educação	87,03	1,93
ARTIGOS DE RESIDÊNCIA	64,84	8,83	Leitura e papelaria	65,89	0,54
MÓVEIS E UTENSÍLIOS	60,51	5,61			
Mobiliário	47,99	2,14			
Utensílios e enfeites	71,57	2,44			
Cama, mesa e banho	60,40	1,03			
APARELHOS ELÉTRICOS	72,38	3,22			
Eletrodomésticos e equipamentos ..	72,13	1,65			
TV e som.....	72,64	1,56			
VESTUÁRIO	46,28	14,23			
ROUPAS	46,05	9,62			
Roupas masculinas.....	48,05	3,73			
Roupas femininas	45,58	3,66			
Roupas infantis	43,48	2,23			

5 - VARIAÇÃO MENSAL, PESOS DOS GRUPOS, SUBGRUPOS E ITENS DE PRODUTOS,
SEGUNDO A IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS
Janeiro de 1990

(continua)

IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS	VARIAÇÃO (%)	PESOS (%)	IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS	VARIAÇÃO (%)	PESOS (%)
IPCA			CALÇADOS E OUTROS APETRECHOS	44,06	3,24
IPCA.....	67,55	100,00	Calçados e outros apetrechos	44,06	3,24
ALIMENTOS E BEBIDAS	73,60	28,50	JÓIAS.....	57,08	0,47
ALIMENTAÇÃO NO DOMICÍLIO	76,41	20,09	Jóias	57,08	0,47
Cereais, leguminosas e oleaginosas	122,83	1,43	TECIDOS E ARMARINHO	54,49	0,68
Farinhas, féculas e massas	63,73	0,79	Tecidos e armarinho	54,49	0,68
Tubérculos, raízes e legumes	102,15	0,47	TRANSPORTE E COMUNICAÇÃO	76,64	16,07
Açúcares e derivados	66,20	1,85	TRANSPORTE.....	76,64	15,42
Hortaliças e verduras	192,91	0,12	Transporte público	76,65	3,65
Frutas	61,02	0,65	Veículo próprio	69,33	8,57
Carnes frescas e vísceras	86,54	3,01	Combustíveis (transporte).....	97,23	3,20
Pescados	101,68	0,30	COMUNICAÇÕES.....	71,77	0,65
Carnes e peixes industrializados	71,09	0,95	Comunicações	71,77	0,65
Aves e ovos	60,49	1,94	SAÚDE E CUIDADOS PESSOAIS	71,56	11,00
Leite e derivados.....	69,56	2,73	PRODUTOS FARMACÊUTICOS E APARELHOS DE TRATAMENTO	66,46	4,18
Panificados.....	56,90	2,03	Produtos farmacêuticos	65,44	3,69
Óleos e gorduras.....	99,23	0,58	Óculos e lentes.....	74,00	0,49
Bebidas e infusões	74,66	2,31	ATENDIMENTO E SERVIÇOS.....	68,91	4,23
Enlatados e conservas	69,39	0,28	Atendimento médico	50,60	1,96
Sel e condimentos.....	70,33	0,68	Serviços médicos.....	84,69	2,27
ALIMENTAÇÃO FORA DO DOMICÍLIO	66,87	8,41	CUIDADOS PESSOAIS	84,05	2,60
Alimentação fora do domicílio	66,87	8,41	Higiene pessoal	84,05	2,60
HABITAÇÃO.....	64,96	8,81	DESPESAS PESSOAIS	67,01	13,73
ENCARGOS E MANUTENÇÃO	60,19	6,63	SERVIÇOS.....	58,27	3,89
Habitacão.....	52,53	4,18	Serviços pessoais	58,27	3,89
Reparos	71,87	1,09	RECREAÇÃO E FUMO	68,64	6,26
Artigos de limpeza	74,41	1,36	Recreação	66,72	5,01
OPERAÇÃO	79,38	2,19	Fumo.....	76,34	1,25
Combustíveis para uso doméstico...	104,23	0,43	EDUCAÇÃO E LEITURA	73,69	3,57
Energia elétrica.....	73,24	1,76	Educação	77,14	2,62
ARTIGOS DE RESIDÊNCIA	63,39	7,93	Leitura e papeleria.....	64,18	0,95
MÓVEIS E UTENSÍLIOS	59,41	5,13			
Mobiliário	47,19	2,15			
Utensílios e enfeites	70,66	2,22			
Cama, mesa e banho	61,12	0,78			
APARELHOS ELÉTRICOS	70,67	2,80			
Eletrodomésticos e equipamentos ..	69,49	1,55			
TV e som.....	72,13	1,25			
VESTUÁRIO	46,08	13,95			
ROUPAS	45,63	9,56			
Roupas masculinas	46,91	3,74			
Roupas femininas	45,37	3,98			
Roupas infantis	43,57	1,83			

5 — VARIAÇÃO MENSAL, PESOS DOS GRUPOS, SUBGRUPOS E ITENS DE PRODUTOS,
SEGUNDO A IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS

Janeiro de 1990

(conclusão)

IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS	VARIAÇÃO (%)	PESOS (%)	IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS	VARIAÇÃO (%)	PESOS (%)
IPC					
IPC.....	56,11	100,00	CALÇADOS E OUTROS APETRECHOS	42,49	4,09
ALIMENTOS E BEBIDAS	62,85	34,47	Calçados e outros apetrechos	42,49	4,09
ALIMENTAÇÃO NO DOMICÍLIO	64,33	26,94	JÓIAS.....	59,04	0,42
Cereais, leguminosas e oleaginosas	83,30	2,39	Jóias	59,04	0,42
Farinhas, féculas e massas	51,95	1,37	TECIDOS E ARMARINHO	44,21	0,77
Tubérculos, raízes e legumes	56,89	0,71	Tecidos e armarinho	44,21	0,77
Açúcares e derivados	69,88	2,42	TRANSPORTE E COMUNICAÇÃO	66,19	10,20
Hortaliças e verduras	99,75	0,14	TRANSPORTE.....	66,28	9,94
Frutas	54,44	0,71	Transporte público.....	61,83	5,21
Carnes frescas e vísceras	67,00	3,90	Veículo próprio	69,28	3,45
Pescados	62,54	0,44	Combustíveis (transporte)	76,29	1,28
Carnes e peixes industrializados	69,21	1,05	COMUNICAÇÕES	62,70	0,25
Aves e ovos	79,51	2,79	Comunicações	62,70	0,25
Leite e derivados.....	52,07	3,16	SAÚDE E CUIDADOS PESSOAIS	54,75	9,40
Panificados.....	49,21	3,02	PRODUTOS FARMACÊUTICOS E APARELHOS DE TRATAMENTO	58,01	4,26
Óleos e gorduras	70,47	0,84	Produtos farmacêuticos.....	57,68	3,94
Bebidas e infusões	65,10	2,84	Óculos e lentes.....	61,98	0,32
Enlatados e conservas	52,36	0,27	ATENDIMENTO E SERVIÇOS.....	51,88	2,21
Sal e condimentos.....	51,55	0,89	Atendimento médico	39,07	1,23
ALIMENTAÇÃO FORA DO DOMICÍLIO	57,60	7,54	Serviços médicos.....	68,06	0,98
Alimentação fora do domicílio	57,60	7,54	CUIDADOS PESSOAIS	52,19	2,93
HABITAÇÃO	50,83	10,26	Higiene pessoal	52,19	2,93
ENCARGOS E MANUTENÇÃO	47,57	7,57	DESPESAS PESSOAIS.....	54,01	10,48
Habitação.....	39,60	4,71	SERVIÇOS.....	53,38	2,41
Reparos	62,99	1,02	Serviços pessoais	53,38	2,41
Artigos de limpeza	59,39	1,84	RECREAÇÃO E FUMO	48,68	5,49
OPERAÇÃO	60,00	2,69	Recreação	50,35	3,60
Combustíveis para uso doméstico...	90,12	0,63	Fumo.....	45,52	1,89
Energia elétrica.....	50,74	2,06	EDUCAÇÃO E LEITURA	66,00	2,56
ARTIGOS DE RESIDÊNCIA	51,29	9,38	Educação	69,28	2,06
MÓVEIS E UTENSÍLIOS	52,56	6,00	Leitura e papeleria.....	52,51	0,50
Mobiliário	40,52	2,21			
Utensílios e enfeites	62,56	2,62			
Cama, mesa e banho	52,95	1,17			
APARELHOS ELÉTRICOS.....	49,02	3,38			
Eletrodomésticos e equipamentos ..	56,17	1,74			
TV e som.....	41,44	1,64			
VESTUÁRIO	43,40	15,83			
ROUPAS	43,06	10,55			
Roupas masculinas	45,92	3,97			
Roupas femininas	42,82	3,84			
Roupas infantis	39,25	2,74			

PESQUISA MENSAL DE EMPREGO

ESTIMATIVAS PARA O MÊS DE DEZEMBRO DE 1989

A estimativa da População Economicamente Ativa — PEA, para o mês de dezembro-89, foi de 17 048 418 pessoas das quais 16 647 039 estavam ocupadas e 401 381 estavam desocupadas (procurando trabalho).

Em relação ao mês de dezembro do ano passado, a PEA e o número de pessoas ocupadas aumentaram 2%, enquanto o número de pessoas desocupadas caiu 18%, influenciando fortemente a queda da taxa de desemprego aberto que passou de 2,92% em dezembro-88 para 2,36% em dezembro-89.

A nível de setor de Atividade, observamos o aumento no número de pessoas ocupadas nos setores de Comércio (5%), da Indústria de Transformação (5%) e da Construção Civil (1%). O número de pessoas ocupadas no setor de Serviços, em relação a dezembro do ano passado, manteve-se estável.

No que diz respeito à posição na ocupação, aumentou o número estimado dos empregados (5%), dos empregados com carteira assinada (4%), dos conta-próprias (2%) e caiu o número de empregados sem carteira assinada (3%).

Os Gráficos de 1 a 3 mostram o número de pessoas ocupadas, desocupadas e a taxa de desemprego aberto no período de 1985 a 1989.

Em 1989, a População Economicamente Ativa sofreu redução no seu ritmo de crescimento, enquanto em 1986 e em 1987, cresceu em média 4%, neste ano cresceu apenas 2%, devido ao crescimento menor da População Ocupada que foi de 3%. Em 1986, o número de pessoas ocupadas apresentou o maior crescimento do período, 6%. O número de pessoas desocupadas caiu 11%. No período, as quedas mais acentuadas foram verificadas em 1985 e em 1986, 25% e 29%, respectivamente.

A redução no ritmo de crescimento da População Economicamente Ativa (PEA) e da População Ocupada (PO), aliada à queda menos acentuada da População Desocupada (PD), tem em contrapartida a aceleração

GRÁFICO 1
 NÚMERO DE PESSOAS OCUPADAS
 (Período de referência — Semana/Idade mínima — 15 anos)

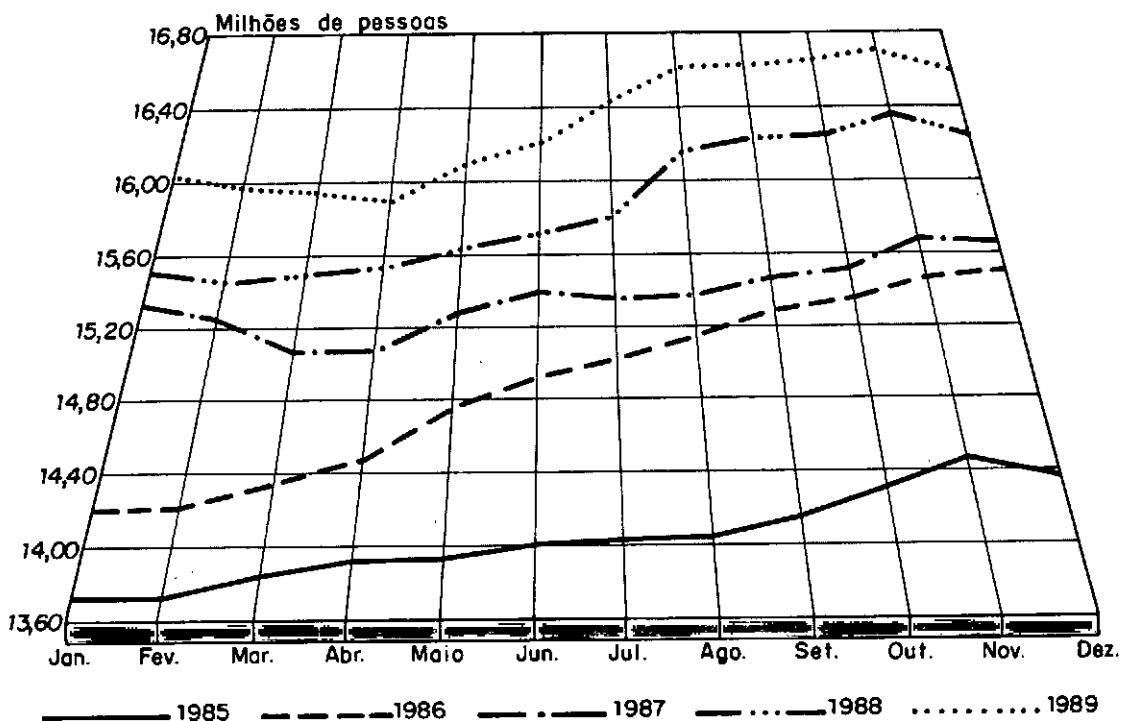


GRÁFICO 2
 NÚMERO DE PESSOAS DESOCUPADAS
 (Período de referência — Semana/Idade mínima — 15 anos)

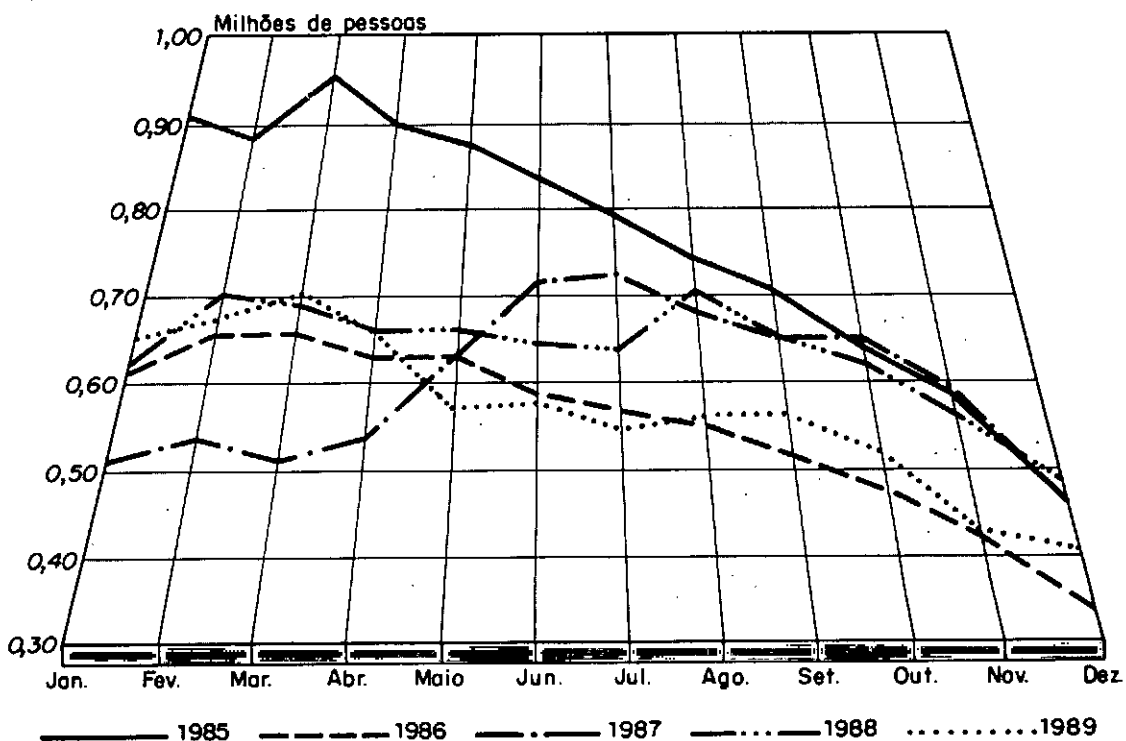
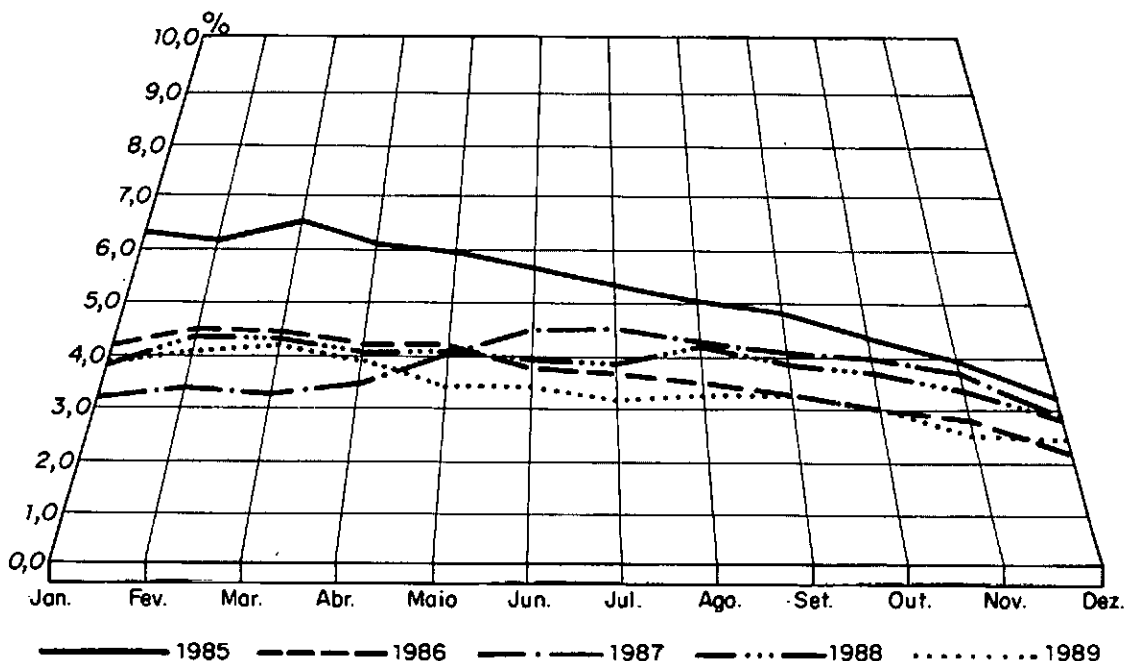


GRÁFICO 3
TAXA MÉDIA DE DESEMPREGO
(Período de referência — Semana/Idade mínima — 15 anos)



do ritmo de crescimento da População Inativa (PI), dado que a População em Idade Ativa (PIA) manteve o ritmo de crescimento do ano anterior, como podemos verificar na tabela que segue:

VARIAÇÃO MÉDIA ANUAL
Base: Ano anterior

ANOS	VARIAÇÃO MÉDIA ANUAL (%)				
	PIA	PEA	PO	PD	PI
1985	3,04	2,19	4,59	-24,81	4,45
1986	3,48	3,96	6,15	-28,58	2,76
1987	3,64	3,86	3,41	11,92	3,39
1988	2,91	3,41	3,27	8,09	2,13
1989	2,96	2,32	2,85	-10,98	4,02

RESULTADOS POR REGIÃO METROPOLITANA

A População Economicamente Ativa (PEA), em relação a dezembro do ano passado, aumentou em todas as regiões metropolitanas, com exceção de Recife. As maiores variações ocorreram em Salvador (5%) e em São Paulo (3%). O mesmo ocorreu com a população ocupada: em Salvador o

crescimento foi de 5%, enquanto em São Paulo foi de 4%, aproximadamente. O número de pessoas desocupadas (procurando trabalho) continua caindo significativamente. Neste mês, apenas a Região Metropolitana do Rio de Janeiro apresentou variação positiva (7%). Nas demais regiões, o declínio ficou entre 2% em Salvador e 30% em São Paulo. Em consequência, a taxa de desemprego aberto teve o mesmo comportamento.

Quanto aos rendimentos médios reais, no mês de novembro-89, em relação a novembro do ano passado, os empregados com carteira assinada ganharam substancialmente em Porto Alegre (24%), em São Paulo (17%) e em Belo Horizonte (16%). Os empregados sem carteira assinada auferiram ganhos elevados principalmente em São Paulo (36%), em Belo Horizonte (23%) e em Porto Alegre (21%). Já a categoria das pessoas que trabalham por conta própria destacou-se com os maiores ganhos em todas as regiões: Belo Horizonte (38%), São Paulo (36%), Recife (35%), Porto Alegre (35%), Salvador (30%) e Rio de Janeiro (16%).

Os Gráficos de 4 a 9 mostram a média móvel de 6 meses dos rendimentos médios

GRÁFICO 4
 RENDIMENTO MÉDIO REAL — MM (6)
 Recife
 (Base: março/86 NCz\$)

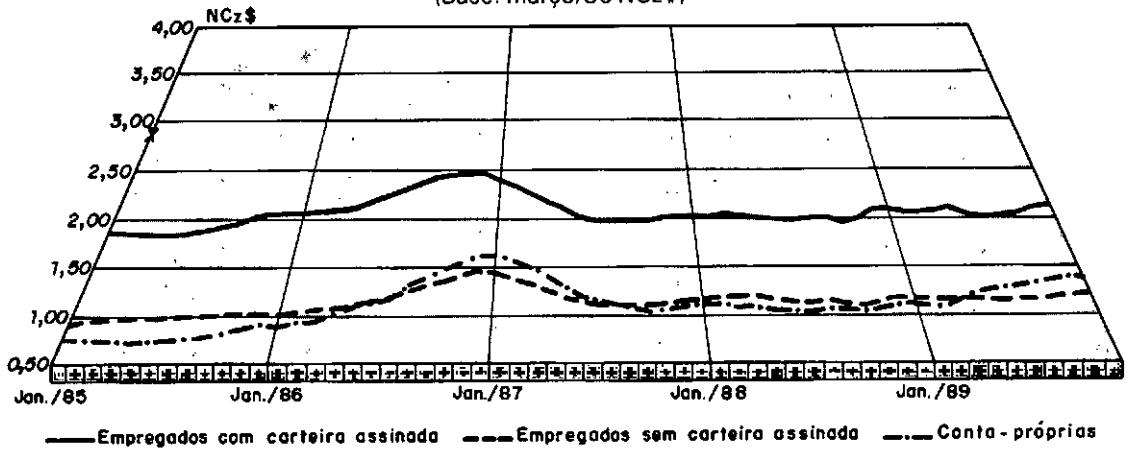


GRÁFICO 5
 RENDIMENTO MÉDIO REAL — MM (6)
 Salvador
 (Base: março/86 NCz\$)

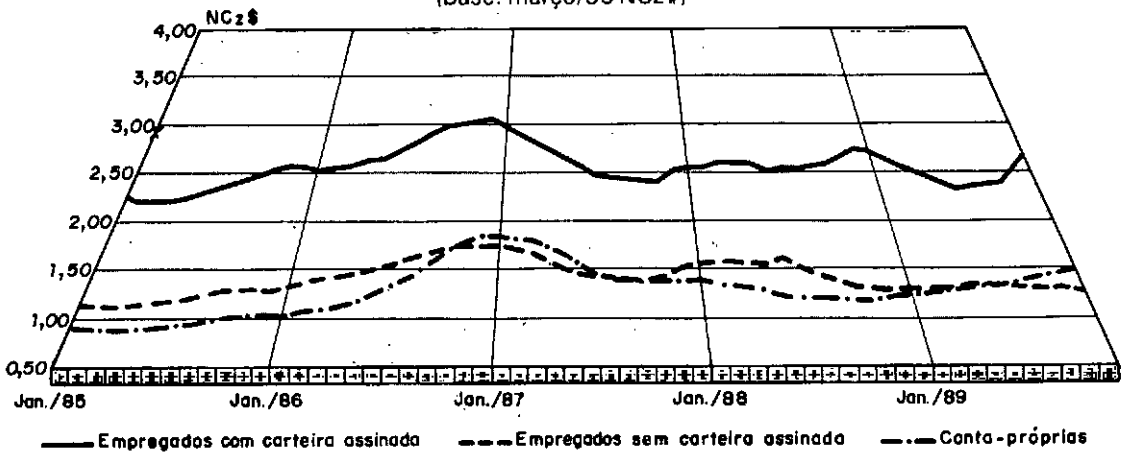


GRÁFICO 6
 RENDIMENTO MÉDIO REAL — MM (6)
 Belo Horizonte
 (Base: março/86 NCz\$)

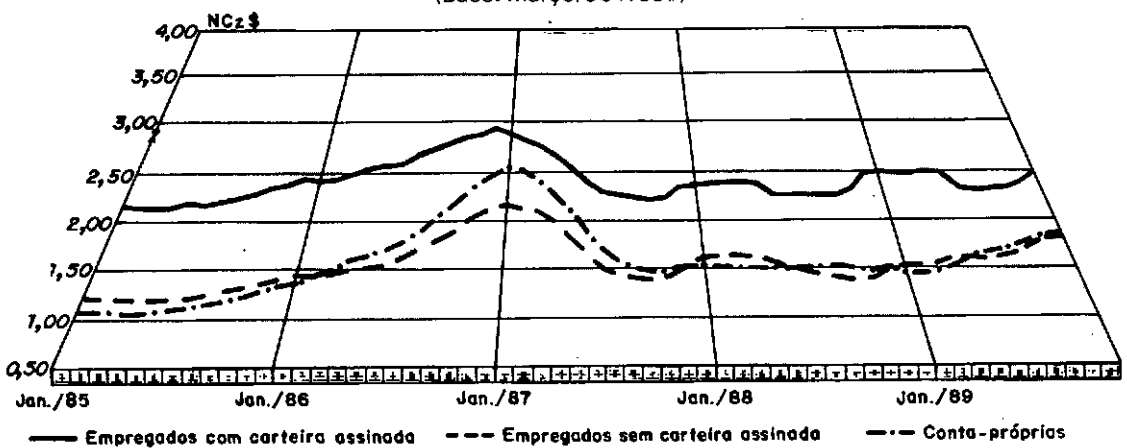


GRÁFICO 7
 RENDIMENTO MÉDIO REAL – MM (6)
 Rio de Janeiro
 (Base: março/86 NCz\$)

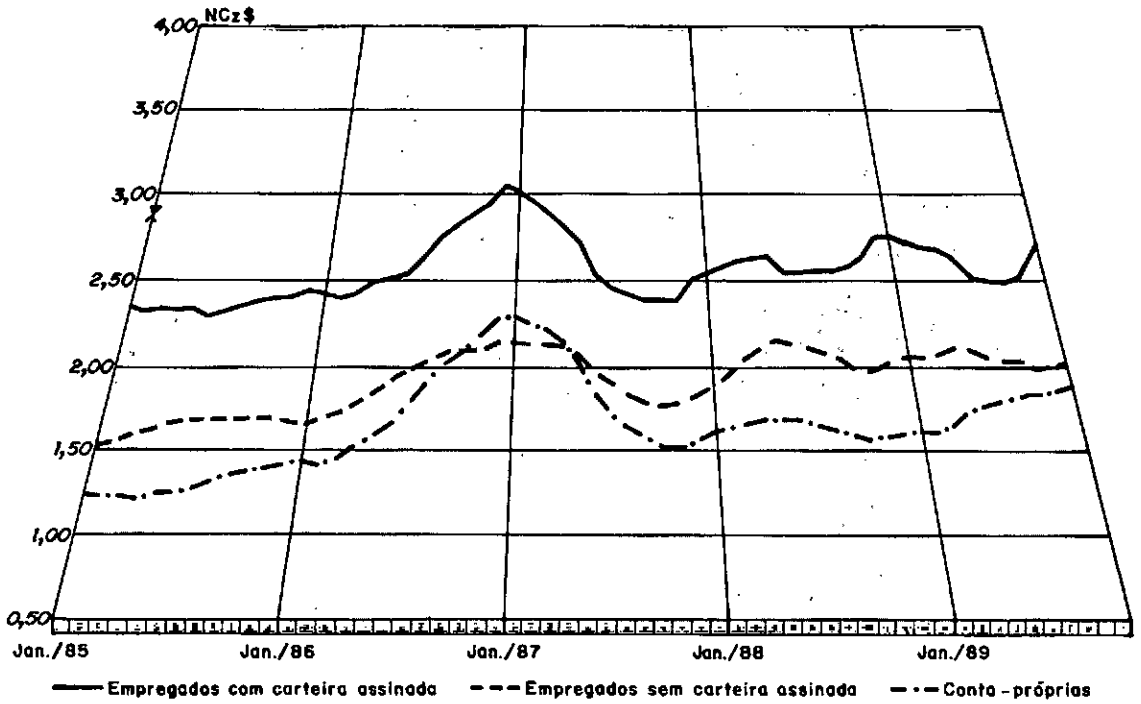


GRÁFICO 8
 RENDIMENTO MÉDIO REAL – MM (6)
 São Paulo
 (Base: março/86 NCz\$)

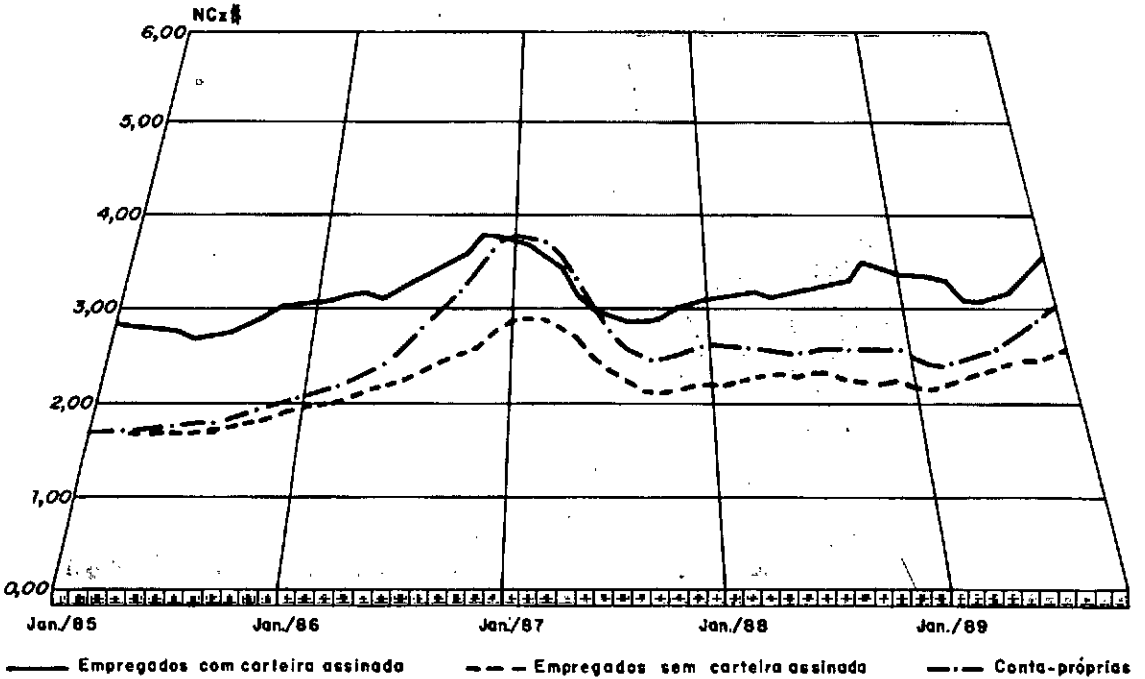
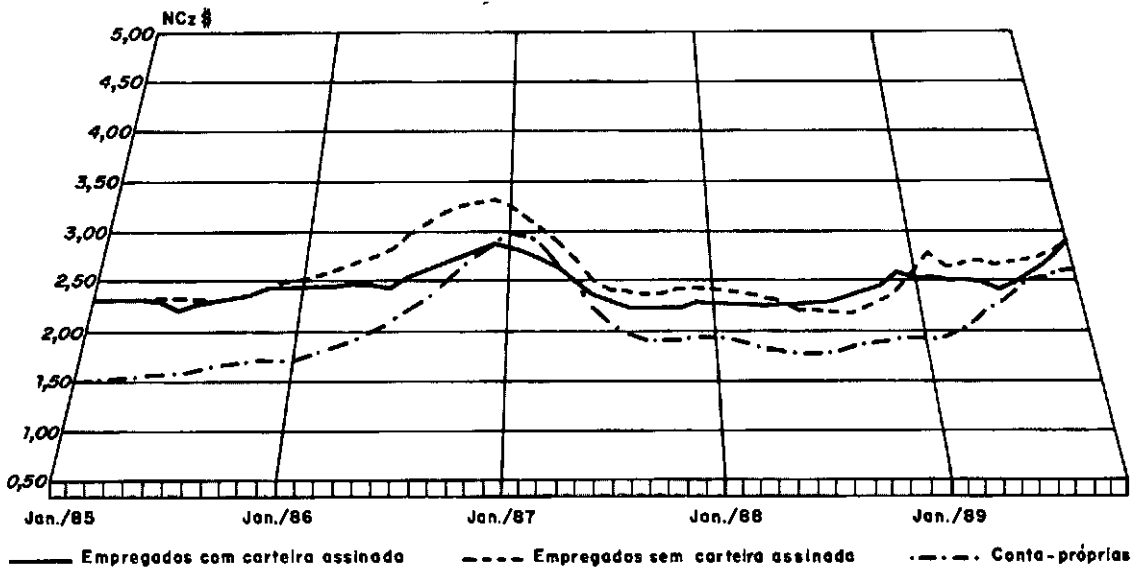


GRÁFICO 9
 RENDIMENTO MÉDIO REAL — MM (6)
 Porto Alegre
 (Base: março/86 NCz\$)



reais, no período de 1985 a 1989, dos empregados com carteira assinada (ECC), dos empregados sem carteira assinada (ESC) e dos conta-próprias nas seis regiões metropolitanas pesquisadas.

NOTA EXPLICATIVA

As informações da Pesquisa Mensal de Emprego — PME — são obtidas através de uma amostra probabilística de domicílios situados nas Regiões Metropolitanas de Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre.

Principais Conceitos

Os principais conceitos utilizados na pesquisa são os seguintes:

Trabalho — Considera-se como trabalho o exercício de:

- ocupação econômica remunerada em dinheiro, produtos ou outras formas não monetárias, como pode ser o caso dos empregados domésticos; e
- ocupação econômica sem remuneração, exercida normalmente pelo menos durante

15 horas por semana, ajudando a membro da unidade domiciliar em sua atividade econômica, ou em ajuda a instituições religiosas, beneficente ou de cooperativismo, ou, ainda, como aprendiz ou estagiário.

Pessoas Ocupadas — Consideram-se como ocupadas na semana de referência as pessoas que, nesse período ou em parte dele, trabalharam, ou tinham trabalho, mas não trabalharam, como, por exemplo, pessoas em férias.

Pessoas Desocupadas — Consideram-se como pessoas desocupadas aquelas que não tinham trabalho na semana de referência, mas estavam dispostas a trabalhar e que, para isto, tomaram alguma providência efetiva para conseguir trabalho (na semana de referência ou no período de referência de 30 dias, conforme o período considerado).

Pessoas Economicamente Ativas — PEA — Consideram-se como economicamente ativas as pessoas ocupadas e as desocupadas.

Pessoas Não-economicamente Ativas — Consideram-se como não-economicamente ativas as pessoas que não são classificadas como ocupadas ou desocupadas.

Empregados — Consideram-se como empregados as pessoas que trabalham para

empregador, geralmente cumprindo uma jornada de trabalho e recebendo em contrapartida uma remuneração em dinheiro, produtos ou somente em benefícios (moradia, alimentação, vestuário, etc.). Incluem-se entre os empregados as pessoas que prestam serviço militar obrigatório e os clérigos.

Conta-próprias — Consideram-se como conta-próprias as pessoas que exploram uma atividade econômica ou exercem uma profissão ou ofício, não tendo empregados.

Empregadores — Consideram-se como empregadores as pessoas que exploram uma atividade econômica ou exercem uma profissão ou ofício, com auxílio de um ou mais empregados.

Não Remunerados — Consideram-se como não remunerados as pessoas que exercem ocupação econômica, sem remuneração, pelo menos 15 horas por semana, ajudando a membro da unidade domiciliar em sua atividade econômica, ou em ajuda a instituições religiosas, beneficente ou de cooperativismo, ou, ainda, como aprendiz ou estagiário.

Rendimento de Trabalho — Para os empregados, considera-se a remuneração efetivamente recebida no mês de referência. Assim sendo, incluem-se as parcelas referentes ao 13º salário (14º, 15º, etc.) e a participação nos lucros paga pela empresa que tiver sido recebida no mês de referência. Para os empregadores e trabalhadores por conta própria, considera-se a retirada feita ou ganho líquido (rendimento bruto menos as despesas efetuadas com o negócio ou profissão — salário de empregados, matéria-prima, energia elétrica, telefone, etc.) recebido, efetivamente, no mês de referência. Para a pessoa que recebe, pelo seu trabalho, em produtos ou mercadorias, considera-se o valor de mercado, efetivamente recebido no mês de referência. Para a pessoa que estiver licenciada por instituto de previdência, considera-se o rendimento bruto do benefício (auxílio-doença, auxílio por acidente de trabalho, etc.), efetivamente recebido no mês de referência.

Semana de Referência — É aquela que antecede à semana fixada para a entrevista.
Período de Referência de 30 dias — São os 30 dias que antecedem à semana fixada para a entrevista.

Mês de Referência — É aquele que antecede ao mês de realização da pesquisa.

ESTIMATIVAS DE VALORES ABSOLUTOS

As estimativas dos valores absolutos apresentadas foram obtidas através de um estimador de razão. De uma forma simplificada, este estimador pode ser descrito como o produto de uma estimativa independente da população residente pela relação entre o valor da variável considerada e o total de pessoas residentes, ambos estimados através da amostra.

$$\hat{X} = P \frac{\hat{X}^*}{\hat{Y}^*}, \text{ onde:}$$

P — população residente obtida por estimativa independente;

\hat{X}^* — valor da variável estimado através da amostra; e

\hat{Y}^* — total de pessoas residentes estimado através da amostra.

A metodologia adotada para a revisão da estimativa da população residente considerou que a participação relativa das regiões metropolitanas, em relação à população total das respectivas Unidades da Federação, obedecia, no tempo, a um comportamento logístico.

Os limites dessas curvas logísticas foram determinados levando-se em conta a evolução das referidas participações no período 1970-85, conforme procedimento metodológico proposto por Frias¹. A partir dos valores das participações e das populações das Unidades da Federação, foram obtidas, por multiplicação, as populações residentes nas regiões metropolitanas, no dia 15 de cada mês.

¹ FRIAS, Luiz Armando de Medeiros. Determinação do limite superior ou inferior de curvas logísticas em projetos de população com base na tendência passada. Rio de Janeiro, DEPOP/IBGE, 1987 (a ser publicado).

1 — TAXA DE DESEMPREGO ABERTO (SEMANA) — 1988/89

Pessoas desocupadas em relação às pessoas economicamente ativas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima — 15 anos

Período de referência — Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	6,23	5,71	4,91	5,21	4,34	4,21	2,78	2,89	3,96	4,19	3,43	3,00	3,80	3,87
Fevereiro	6,04	5,60	4,82	4,03	4,28	3,99	3,42	2,98	4,67	4,53	4,21	3,45	4,33	3,99
Março	6,25	6,85	4,93	5,12	4,13	4,20	3,40	3,21	4,58	4,45	4,30	3,39	4,30	4,18
Abril	5,87	5,82	5,07	4,47	4,35	3,98	3,26	3,16	4,22	4,28	3,91	2,99	4,08	3,94
Maió	5,06	5,29	4,82	3,95	4,64	3,67	3,19	2,61	4,35	3,56	3,66	2,76	4,04	3,37
Junho	5,00	5,02	5,17	4,59	4,60	3,05	3,03	2,70	4,00	3,61	4,05	2,57	3,90	3,37
Julho	5,67	6,12	4,93	4,29	4,14	3,16	2,96	2,47	4,01	3,14	3,60	2,58	3,84	3,17
Agosto	6,26	5,48	5,24	4,51	4,25	2,99	3,30	2,75	4,32	3,24	3,76	2,13	4,16	3,22
Setembro	5,57	5,33	3,84	5,06	3,74	3,01	3,15	2,59	4,10	3,30	3,57	2,07	3,84	3,22
Outubro	5,17	5,10	3,76	4,24	3,61	2,98	3,20	2,67	3,80	2,85	3,33	2,12	3,65	2,98
Novembro	5,05	3,90	4,01	3,15	3,10	2,99	3,01	2,63	3,30	2,13	2,93	1,81	3,32	2,49
Dezembro	4,56	3,51	4,02	3,80	3,11	2,40	2,39	2,51	2,88	1,95	2,79	2,04	2,92	2,38

2 — TAXA DE DESEMPREGO ABERTO: PESSOAS QUE BUSCAM TRABALHO PELA PRIMEIRA VEZ — 1988/89

Pessoas desocupadas que nunca trabalharam anteriormente, em relação às pessoas economicamente ativas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima — 15 anos

Período de referência — Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	1,11	0,82	0,59	0,58	0,52	0,65	0,21	0,28	0,27	0,27	0,38	0,22	0,35	0,35
Fevereiro	1,30	0,80	0,57	0,42	0,59	0,36	0,25	0,28	0,30	0,32	0,39	0,38	0,40	0,35
Março	1,16	1,05	0,55	0,53	0,48	0,43	0,16	0,25	0,29	0,32	0,41	0,22	0,34	0,38
Abril	0,90	1,02	0,63	0,73	0,40	0,47	0,22	0,29	0,22	0,30	0,36	0,19	0,31	0,37
Maió	0,87	0,69	0,69	0,47	0,43	0,43	0,27	0,24	0,25	0,18	0,32	0,12	0,33	0,27
Junho	0,84	0,83	0,47	0,54	0,43	0,32	0,30	0,23	0,25	0,17	0,31	0,15	0,33	0,26
Julho	0,81	1,29	0,50	0,44	0,42	0,29	0,31	0,21	0,18	0,14	0,29	0,27	0,31	0,28
Agosto	0,87	1,04	0,56	0,24	0,48	0,25	0,33	0,21	0,33	0,20	0,34	0,16	0,39	0,26
Setembro	1,01	0,75	0,30	0,51	0,36	0,25	0,36	0,12	0,21	0,15	0,16	0,10	0,32	0,21
Outubro	0,81	0,95	0,30	0,30	0,48	0,20	0,20	0,16	0,18	0,09	0,17	0,14	0,25	0,19
Novembro	0,78	0,55	0,38	0,35	0,25	0,22	0,15	0,18	0,19	0,06	0,19	0,08	0,23	0,16
Dezembro	0,77	0,44	0,18	0,49	0,29	0,34	0,20	0,16	0,15	0,05	0,17	0,12	0,22	0,16

3 — TAXA DE DESEMPREGO ABERTO: PESSOAS QUE JÁ TRABALHARAM — 1988/89

Pessoas desocupadas que trabalharam anteriormente, em relação às pessoas economicamente ativas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima — 15 anos

Período de referência — Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	5,12	4,88	4,32	4,62	3,82	3,55	2,57	2,60	3,69	3,92	3,05	2,78	3,45	3,52
Fevereiro	4,74	4,79	4,25	3,60	3,69	3,63	3,17	2,70	4,37	4,21	3,82	3,06	3,93	3,63
Março	5,09	5,79	4,38	4,59	3,65	3,77	3,24	2,95	4,29	4,13	3,89	3,16	3,96	3,82
Abril	4,97	4,79	4,44	3,73	3,95	3,50	3,04	2,87	4,00	3,98	3,55	2,79	3,77	3,56
Maió	4,19	4,59	4,13	3,47	4,21	3,23	2,92	2,37	4,10	3,37	3,34	2,64	3,71	3,10
Junho	4,16	4,18	4,70	4,05	4,17	2,73	2,73	2,46	3,75	3,44	3,74	2,41	3,57	3,10
Julho	4,86	4,83	4,43	3,85	3,72	2,86	2,65	2,25	3,83	3,00	3,31	2,30	3,53	2,89
Agosto	5,39	4,44	4,68	4,26	3,77	2,73	2,97	2,54	3,99	3,03	3,42	1,96	3,77	2,95
Setembro	4,56	4,58	3,54	4,54	3,38	2,75	2,79	2,46	3,89	3,14	3,41	1,97	3,52	3,01
Outubro	4,36	4,15	3,46	3,93	3,13	2,78	3,00	2,50	3,62	2,76	3,16	1,97	3,40	2,79
Novembro	4,29	3,35	3,63	2,79	2,85	2,77	2,86	2,45	3,11	2,07	2,74	1,73	3,09	2,33
Dezembro	3,79	3,06	3,84	3,31	2,82	2,06	2,19	2,34	2,73	1,89	2,52	1,92	2,70	2,19

4 – TAXA DE DESEMPREGO: CHEFES DE DOMICÍLIO – 1988/89

Chefes de unidades domiciliares, desocupados, em relação às pessoas desocupadas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	CHEFES DE UNIDADES DOMICILIARES, DESOCUPADOS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	18,33	24,23	27,69	26,81	15,16	19,70	24,26	20,51	25,83	26,92	20,47	31,96	23,33	24,88
Fevereiro	18,42	25,77	27,86	33,81	15,30	18,33	23,43	20,20	21,94	25,22	24,55	29,04	21,92	24,35
Março	23,13	24,10	24,70	31,03	17,33	18,95	25,85	19,59	23,65	26,48	22,65	25,70	23,57	24,32
Abril	20,09	21,19	22,57	30,58	20,25	18,14	22,82	20,78	25,58	22,26	27,02	24,90	23,85	22,19
Mai	22,16	22,77	23,51	33,52	19,96	21,04	26,13	22,63	23,01	23,51	25,61	28,38	23,58	24,03
Junho	21,83	17,06	25,00	29,56	20,63	19,84	21,98	29,14	25,95	27,60	27,83	32,04	24,28	26,77
Julho	24,48	19,53	26,23	27,44	15,07	20,79	23,77	27,62	27,36	30,38	26,39	34,76	24,98	27,65
Agosto	21,63	21,65	24,92	33,20	15,75	20,32	23,03	22,77	23,03	30,45	24,66	30,20	22,52	27,08
Setembro	20,52	21,68	31,60	28,43	20,00	21,42	22,60	21,54	24,42	26,63	27,44	25,16	23,93	24,65
Outubro	21,20	20,90	32,02	28,04	18,45	21,72	24,16	18,95	24,43	25,81	24,81	28,98	24,08	23,55
Novembro	18,21	20,04	29,96	32,70	20,68	20,62	23,21	20,11	23,10	26,27	29,52	22,97	23,40	23,58
Dezembro	19,85	22,73	33,18	24,73	20,00	20,00	24,66	23,84	26,39	29,58	25,36	27,80	25,22	25,79

5 – TAXA DE DESEMPREGO NO SETOR DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO – 1988/89

Pessoas desocupadas cujo último trabalho foi no setor da indústria de transformação, em relação às pessoas economicamente ativas neste setor, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	6,80	6,85	5,41	6,09	4,08	4,17	3,35	3,17	4,97	5,04	3,80	3,09	4,56	4,53
Fevereiro	8,72	5,74	5,99	4,55	5,04	4,38	4,43	3,89	5,72	5,32	4,57	3,16	5,37	4,77
Março	8,70	8,58	5,66	7,28	4,77	4,90	4,38	3,98	5,45	5,05	4,35	3,63	5,22	4,92
Abril	7,47	6,11	8,17	5,14	4,75	4,11	4,07	3,95	5,22	4,68	4,74	3,57	5,03	4,46
Mai	7,83	7,99	5,87	3,53	4,71	3,66	3,94	2,68	5,89	4,28	4,47	3,53	5,34	3,97
Junho	6,27	5,92	5,73	3,75	5,04	3,69	3,82	3,13	5,45	4,42	4,62	2,82	5,06	4,01
Julho	8,15	5,87	6,22	4,68	4,35	3,82	3,98	2,79	5,20	3,49	4,35	3,38	4,95	3,49
Agosto	7,41	7,49	5,51	5,29	4,00	3,40	3,36	3,75	5,32	3,64	3,87	2,35	4,80	3,73
Setembro	7,23	6,74	4,81	4,56	4,28	3,34	3,31	3,19	4,89	4,02	5,11	2,25	4,63	3,77
Outubro	6,48	8,88	5,60	5,59	3,32	3,15	3,59	3,31	4,54	3,04	3,61	2,27	4,29	3,27
Novembro	6,52	4,22	4,45	3,49	3,35	3,38	3,39	2,68	3,98	2,97	2,83	1,95	3,82	2,91
Dezembro	5,34	5,12	5,60	5,00	3,63	3,27	2,80	3,36	3,42	2,65	2,57	2,46	3,37	2,99

NOTA – Exclui-se as pessoas desocupadas que nunca trabalharam ou que trabalharam antes somente sem remuneração.

6 – TAXA DE DESEMPREGO NO SETOR DA CONSTRUÇÃO CIVIL – 1988/89

Pessoas desocupadas cujo último trabalho foi no setor da construção civil, em relação às pessoas economicamente ativas neste setor, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	9,81	6,89	6,57	6,77	4,97	5,47	2,91	1,93	3,66	4,83	2,53	4,13	4,09	4,28
Fevereiro	8,70	7,03	7,31	5,05	4,05	5,04	3,00	3,44	3,63	4,80	3,54	4,57	4,06	4,57
Março	8,82	13,09	7,86	8,64	5,31	4,85	3,24	4,02	3,44	4,30	2,58	3,25	4,20	5,12
Abril	6,52	8,45	8,33	6,40	4,74	4,67	2,31	4,00	2,41	3,99	3,70	2,05	3,44	4,39
Mai	4,30	7,49	7,21	4,83	4,89	2,93	2,84	3,23	2,91	2,56	3,04	3,43	3,51	3,34
Junho	6,02	8,11	8,18	7,78	5,56	3,34	3,55	3,13	3,10	1,99	3,10	1,37	4,08	3,28
Julho	8,08	6,70	7,23	6,73	4,30	3,95	2,98	2,36	2,97	3,74	4,21	1,67	3,73	3,65
Agosto	9,26	7,07	6,87	7,88	4,95	2,37	3,79	2,47	2,95	2,16	3,55	2,45	4,14	3,02
Setembro	7,42	5,04	5,13	7,56	3,48	3,69	3,75	3,68	3,07	1,77	3,13	2,61	3,74	3,28
Outubro	4,95	5,81	5,70	5,10	4,88	4,41	3,13	3,23	3,87	2,49	1,71	2,39	3,83	3,36
Novembro	8,69	4,52	6,76	6,14	3,33	4,61	2,38	2,99	2,82	0,72	2,73	1,90	3,44	2,59
Dezembro	3,57	6,01	6,37	3,84	3,37	2,35	2,55	3,06	3,18	2,49	2,68	2,23	3,23	2,95

NOTA – Exclui-se as pessoas desocupadas que nunca trabalharam ou que trabalharam antes somente sem remuneração.

7 – TAXA DE DESEMPREGO NO SETOR DO COMÉRCIO – 1988/89
Pessoas desocupadas cujo último trabalho foi no setor do comércio, em relação
às pessoas economicamente ativas neste setor, por Regiões Metropolitanas,
segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	4,95	5,76	5,30	6,19	4,81	3,64	3,52	3,89	3,53	3,67	3,92	3,86	3,87	4,07
Fevereiro	5,08	4,79	5,47	4,04	5,10	4,77	2,75	3,62	4,27	4,31	6,31	3,60	4,18	4,12
Março	5,61	5,26	5,30	4,21	4,26	4,43	3,67	4,52	4,83	4,79	6,41	4,51	4,66	4,66
Abril	4,32	5,87	7,14	4,35	5,31	4,93	4,10	4,44	5,05	4,19	4,15	4,61	4,80	4,49
Mai	4,51	3,79	4,67	4,47	6,44	4,78	4,40	3,51	4,66	3,96	3,79	3,20	4,66	3,87
Junho	4,44	3,66	5,07	5,02	4,91	3,59	4,12	3,59	4,08	4,16	5,34	4,49	4,36	4,00
Julho	4,84	5,78	4,91	4,45	4,88	4,15	3,29	2,72	4,31	3,52	4,19	3,38	4,14	3,59
Agosto	5,77	5,17	6,28	4,92	4,95	3,27	3,96	3,60	5,00	4,47	4,53	2,71	4,82	4,07
Setembro	4,90	5,71	4,72	5,46	4,54	2,35	4,50	3,21	4,52	3,90	3,26	2,83	4,45	3,73
Outubro	4,86	4,50	5,43	5,02	3,73	2,98	4,21	2,73	4,46	3,76	4,19	2,85	4,41	3,48
Novembro	4,25	3,79	5,44	3,17	2,88	2,93	3,82	3,41	3,71	2,25	3,36	2,50	3,80	2,83
Dezembro	3,71	2,97	4,32	4,17	2,94	1,84	2,54	3,73	3,38	1,78	2,90	2,72	3,14	2,64

NOTA – Excluídas as pessoas desocupadas que nunca trabalharam ou que trabalharam antes somente sem remuneração.

8 – TAXA DE DESEMPREGO NO SETOR DOS SERVIÇOS – 1988/89
Pessoas desocupadas cujo último trabalho foi no setor dos serviços, em relação
às pessoas economicamente ativas neste setor, por Regiões Metropolitanas,
segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	4,77	4,41	4,01	4,00	3,47	3,19	2,29	2,34	2,95	3,23	2,89	2,28	2,95	2,99
Fevereiro	4,09	4,52	3,39	3,42	3,02	2,90	3,08	2,12	3,85	3,49	3,00	2,89	3,37	3,01
Março	3,84	4,47	3,79	3,99	2,99	3,21	3,00	2,37	3,50	3,38	3,47	2,54	3,33	3,09
Abril	4,68	4,11	3,30	3,28	3,46	2,80	2,80	2,29	3,25	3,55	3,13	2,13	3,21	2,97
Mai	3,86	3,90	3,46	3,28	3,67	2,88	2,53	2,05	3,00	2,71	2,78	1,95	2,87	2,58
Junho	3,86	3,60	4,31	3,40	3,54	2,10	2,16	2,03	2,71	2,89	3,16	1,81	2,81	2,55
Julho	4,13	4,54	4,11	3,15	3,20	2,01	2,33	2,18	2,86	2,51	2,60	1,81	2,85	2,47
Agosto	5,01	3,40	4,37	3,56	3,15	2,56	2,76	2,11	2,98	2,41	3,07	1,57	3,16	2,42
Setembro	4,23	4,25	3,11	4,39	2,94	2,61	2,43	2,13	3,28	2,48	2,74	1,67	2,99	2,57
Outubro	4,28	3,67	2,60	3,52	2,79	2,35	2,81	2,31	2,85	2,46	3,20	1,51	2,93	2,48
Novembro	3,79	3,23	3,09	2,37	2,78	2,29	2,78	2,31	2,56	1,58	2,78	1,49	2,78	2,03
Dezembro	3,86	2,27	3,33	3,01	2,42	1,72	2,13	1,80	2,02	1,36	2,84	1,45	2,35	1,71

NOTA – Excluídas as pessoas desocupadas que nunca trabalharam ou que trabalharam antes somente sem remuneração.

9 – TAXA DE DESEMPREGO NO SETOR DAS OUTRAS ATIVIDADES – 1988/89
Pessoas desocupadas cujo último trabalho foi no setor das outras atividades, em relação
às pessoas economicamente ativas neste setor, por Regiões Metropolitanas,
segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS CUJO ÚLTIMO TRABALHO FOI NO SETOR DAS OUTRAS ATIVIDADES, EM RELAÇÃO ÀS PESSOAS ECONOMICAMENTE ATIVAS NESTE SETOR (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	2,22	2,18	1,93	1,24	2,45	1,69	0,87	1,34	1,21	1,49	1,30	1,23	1,38	1,48
Fevereiro	2,79	3,64	1,74	1,41	1,88	2,43	1,68	1,54	1,73	2,22	1,87	1,73	1,86	2,02
Março	3,59	4,33	1,92	1,12	1,95	1,77	1,64	1,14	2,13	1,92	1,41	2,40	2,02	1,88
Abril	3,32	2,67	1,22	1,30	1,35	3,32	1,53	0,92	1,01	2,50	0,48	1,03	1,46	1,76
Mai	1,02	2,83	2,01	1,69	1,35	1,78	1,32	0,98	0,49	1,56	1,69	1,80	1,18	1,55
Junho	0,96	2,73	1,96	3,34	3,05	1,80	1,18	1,07	0,87	0,98	1,26	1,32	1,28	1,55
Julho	2,22	2,76	1,36	2,99	2,48	2,07	1,06	0,68	2,03	0,99	1,39	0,91	1,62	1,36
Agosto	2,19	2,81	1,24	2,16	2,91	1,30	1,54	0,97	1,93	1,21	1,45	0,99	1,80	1,37
Setembro	1,42	1,78	1,15	1,31	2,04	1,33	0,70	0,85	1,78	2,59	1,63	0,95	1,30	1,49
Outubro	1,86	1,75	0,43	1,02	1,61	1,54	1,15	0,87	0,93	0,69	0,79	1,26	1,12	1,04
Novembro	1,56	1,55	0,30	0,69	1,17	1,17	1,37	0,73	0,46	0,69	0,91	0,76	1,01	0,86
Dezembro	2,25	1,71	1,42	0,86	1,82	1,04	0,59	0,46	1,41	0,46	0,76	0,79	1,17	0,72

NOTA – Excluídas as pessoas desocupadas que nunca trabalharam ou que trabalharam antes somente sem remuneração.

10 – TAXA DE DESEMPREGO (30 DIAS) – 1988/89
 Pessoas desocupadas, em relação às pessoas economicamente ativas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – 30 dias

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	6,70	6,16	5,15	5,82	4,82	4,73	3,27	3,23	4,15	4,48	3,78	3,31	4,14	4,21
Fevereiro.....	6,92	6,17	5,12	4,45	4,93	4,52	3,96	3,53	5,16	4,83	4,62	3,80	4,66	4,40
Março.....	6,76	7,40	5,25	5,72	4,86	4,80	3,88	3,51	5,00	4,74	4,66	3,57	4,76	4,53
Abril.....	6,20	6,35	5,46	4,70	4,68	4,51	3,55	3,44	4,43	4,55	4,30	3,16	4,36	4,24
Maió.....	5,26	5,74	5,00	4,32	5,06	4,08	3,42	2,81	4,63	3,75	4,01	2,97	4,32	3,61
Junho.....	5,33	5,29	5,45	4,86	5,00	3,58	3,37	2,91	4,18	3,84	4,45	2,81	4,18	3,62
Julho.....	6,36	6,67	5,14	4,56	4,70	3,45	3,29	2,78	4,29	3,28	4,09	2,73	4,19	3,41
Agosto.....	6,84	5,80	5,46	4,95	4,77	3,38	3,44	3,00	4,41	3,44	4,11	2,26	4,36	3,47
Setembro.....	6,07	5,78	4,02	5,32	4,33	3,37	3,46	2,79	4,43	3,47	4,02	2,20	4,19	3,44
Outubro.....	5,58	5,55	3,82	4,53	4,07	3,40	3,48	2,92	3,99	3,17	3,58	2,22	3,91	3,28
Novembro.....	5,48	4,09	4,28	3,43	3,57	3,40	3,24	2,92	3,55	2,28	3,20	2,06	3,60	2,73
Dezembro.....	5,09	3,91	4,26	4,20	3,71	2,87	2,72	2,91	3,33	2,23	3,24	2,18	3,34	2,70

11 – TAXA DE ATIVIDADE – 1988/89
 Pessoas economicamente ativas, em relação às pessoas de 15 anos ou mais de idade, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS ECONOMICAMENTE ATIVAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	54,29	54,69	59,87	60,26	62,35	63,53	57,97	58,28	62,73	63,26	61,58	62,42	60,40	60,94
Fevereiro.....	55,25	54,25	60,77	59,85	62,07	62,48	58,11	58,06	63,27	63,42	60,20	62,61	60,68	60,80
Março.....	54,44	55,88	60,55	60,14	61,92	62,77	58,07	57,48	63,77	63,20	61,57	62,90	60,89	60,72
Abril.....	54,53	55,20	60,29	59,92	62,20	62,79	58,16	57,09	63,27	63,09	61,61	62,37	60,75	60,43
Maió.....	53,93	55,33	60,22	60,22	63,13	63,59	58,41	56,74	63,59	63,66	63,12	62,56	61,18	60,71
Junho.....	54,18	55,72	60,80	61,48	63,56	63,68	57,75	57,32	63,81	63,81	63,51	62,48	61,13	61,05
Julho.....	54,25	56,67	61,00	62,02	62,94	63,34	58,34	57,46	63,68	64,31	63,55	62,64	61,22	61,40
Agosto.....	56,91	56,45	63,25	62,14	64,38	63,55	59,21	58,14	65,25	64,73	64,10	63,05	62,59	61,84
Setembro.....	56,91	56,03	62,86	62,41	64,14	63,45	59,16	58,13	65,27	64,58	63,75	62,63	62,51	61,70
Outubro.....	56,66	56,28	63,12	61,33	63,91	62,79	59,30	58,25	64,67	64,10	63,82	62,89	62,29	61,43
Novembro.....	57,02	55,00	62,15	61,48	63,37	62,63	59,47	58,12	64,69	63,67	64,30	62,44	62,30	61,12
Dezembro.....	55,50	53,22	61,33	61,10	63,53	62,21	58,85	57,83	63,69	63,09	63,62	61,83	61,50	60,58

12 – TAXA DOS OCUPADOS NA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO – 1988/89
 Pessoas ocupadas na indústria de transformação, em relação às pessoas ocupadas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS NA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	14,61	14,66	12,78	13,06	19,55	19,51	17,59	17,40	34,21	32,22	27,16	26,72	25,08	24,14
Fevereiro.....	14,16	14,41	13,04	13,09	19,59	19,06	17,33	16,69	34,15	31,99	27,46	26,67	25,01	23,76
Março.....	13,56	14,25	13,00	13,60	20,26	19,28	17,05	16,50	33,93	32,55	26,92	26,18	24,89	23,95
Abril.....	14,28	14,67	12,06	13,23	19,23	20,01	17,11	17,00	33,65	33,03	25,93	26,68	24,62	24,34
Maió.....	13,50	14,65	12,57	12,95	19,47	19,30	17,11	17,37	33,07	32,95	27,38	25,78	24,60	24,42
Junho.....	14,00	15,14	12,42	13,17	19,42	19,46	17,07	17,47	33,33	33,30	27,17	26,87	24,63	24,68
Julho.....	14,37	15,08	11,98	13,30	19,39	19,94	17,49	18,01	33,46	33,39	27,09	27,11	27,74	25,02
Agosto.....	14,23	14,54	12,57	12,74	18,84	20,00	17,43	17,26	33,82	33,98	27,55	27,52	24,90	25,07
Setembro.....	14,66	14,11	13,01	12,87	18,75	19,73	17,59	17,73	33,37	33,17	26,82	27,09	24,73	24,78
Outubro.....	14,18	14,80	12,71	13,24	19,44	20,36	17,84	17,98	33,67	33,95	26,77	26,39	24,89	25,12
Novembro.....	13,64	14,16	12,47	12,41	19,44	19,77	17,41	17,57	33,21	33,69	26,46	27,08	24,50	24,89
Dezembro.....	14,27	15,10	13,28	12,83	19,02	19,46	17,44	17,70	32,23	33,52	26,07	25,51	24,10	24,83

13 — TAXA DOS OCUPADOS NA CONSTRUÇÃO CIVIL — 1988/89
Pessoas ocupadas na construção civil, em relação às pessoas ocupadas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima — 15 anos

Período de referência — Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS NA CONSTRUÇÃO CIVIL (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	6,50	7,79	8,13	9,05	9,50	10,13	7,34	7,55	5,65	6,20	5,98	6,57	6,70	7,23
Fevereiro	6,85	7,22	8,75	9,00	9,58	9,89	7,18	7,19	6,09	6,16	6,09	6,09	6,91	7,02
Março	6,75	7,08	8,60	8,27	9,56	9,81	7,16	7,28	6,15	6,53	6,03	5,84	6,91	7,12
Abril	7,26	6,75	8,89	7,88	9,72	9,00	7,28	7,53	6,34	6,16	6,20	6,07	7,10	6,95
Maió	7,09	7,12	8,33	8,69	10,07	9,43	7,37	7,67	6,28	6,42	5,89	6,22	7,06	7,21
Junho	7,09	6,92	8,81	8,52	10,06	9,77	7,06	7,45	6,39	6,49	5,92	5,80	7,05	7,16
Julho	6,85	6,84	8,92	9,26	10,63	10,32	7,24	7,52	6,20	6,14	6,06	6,20	7,07	7,14
Agosto	6,66	6,40	8,99	9,05	10,12	10,66	7,40	7,33	6,84	6,65	5,81	6,24	7,32	7,30
Setembro	6,60	6,69	9,27	9,27	10,44	10,52	7,44	7,63	6,52	6,55	5,79	5,96	7,23	7,33
Outubro	6,62	6,64	8,79	9,07	9,94	10,49	7,56	7,19	6,66	6,32	6,13	6,47	7,29	7,14
Novembro	7,32	7,46	8,98	8,55	10,46	10,04	7,28	7,08	6,54	6,54	6,16	6,43	7,26	7,18
Dezembro	7,73	7,60	8,82	9,40	10,60	9,98	7,68	7,16	6,26	6,43	6,49	6,76	7,31	7,23

14 — TAXA DOS OCUPADOS NO COMÉRCIO — 1988/89
Pessoas ocupadas no comércio, em relação às pessoas ocupadas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima — 15 anos

Período de referência — Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS NO COMÉRCIO (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	16,76	17,21	14,47	15,50	12,30	13,77	13,46	13,09	13,46	13,70	14,64	15,08	13,70	13,95
Fevereiro	16,47	16,88	14,89	14,60	12,36	13,38	12,97	13,52	13,48	13,80	13,87	14,21	13,51	13,95
Março	16,11	16,14	14,50	15,36	12,49	13,62	13,08	13,43	12,69	13,90	13,51	15,11	13,27	14,06
Abril	16,52	16,26	14,47	16,26	12,85	13,61	13,11	12,99	12,80	13,77	15,43	14,85	13,40	13,92
Maió	15,86	15,92	14,45	15,48	13,20	13,67	12,76	13,70	13,08	13,26	14,82	14,78	13,35	13,84
Junho	16,18	16,52	14,98	14,81	12,85	13,74	12,87	13,57	12,62	12,68	14,30	14,71	13,18	13,56
Julho	17,08	17,40	14,83	14,16	13,07	13,51	12,97	13,32	13,46	13,37	14,63	14,86	13,67	13,78
Agosto	16,37	16,82	14,59	14,21	13,65	13,01	12,52	13,25	12,79	13,02	14,64	14,48	13,26	13,51
Setembro	16,21	17,81	13,63	14,29	13,03	12,94	12,77	13,24	12,71	13,63	14,68	15,13	13,18	13,88
Outubro	17,22	17,51	14,61	15,18	12,84	13,26	12,61	13,56	12,77	13,32	14,96	15,03	13,28	13,90
Novembro	17,24	17,33	14,99	15,28	13,36	13,35	12,56	13,76	12,67	13,39	14,95	15,08	13,30	13,97
Dezembro	17,19	17,09	14,97	14,82	13,86	14,29	13,72	13,74	13,23	13,98	15,63	16,09	13,95	14,34

15 — TAXA DOS OCUPADOS NOS SERVIÇOS — 1988/89
Pessoas ocupadas nos serviços, em relação às pessoas ocupadas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima — 15 anos

Período de referência — Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS NOS SERVIÇOS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	48,14	47,13	52,49	51,51	51,05	49,30	52,00	52,39	42,13	43,52	43,18	42,36	46,87	47,23
Fevereiro	48,80	47,82	51,78	51,74	50,93	50,21	53,02	52,78	41,78	43,55	42,91	43,61	47,00	47,59
Março	49,06	48,66	51,95	51,58	49,98	49,79	52,93	53,05	42,30	42,30	43,94	43,56	47,15	47,12
Abril	47,59	48,32	52,23	51,44	50,57	50,07	52,49	52,53	42,82	42,31	43,10	43,00	47,07	46,96
Maió	49,58	48,64	52,17	51,25	49,98	50,21	52,86	51,94	43,02	42,82	42,96	43,89	47,36	47,02
Junho	48,06	47,90	51,93	52,54	50,54	49,81	53,17	52,29	43,20	43,37	44,03	43,68	47,57	47,36
Julho	47,49	47,99	51,95	52,20	49,69	48,94	52,99	51,59	42,50	43,15	43,87	43,25	47,11	46,90
Agosto	48,32	48,67	52,74	53,97	50,03	49,08	53,33	52,82	42,52	42,36	43,63	43,74	47,32	47,07
Setembro	47,12	47,25	52,20	53,39	50,18	49,56	52,74	51,99	43,04	42,52	44,65	43,71	47,35	46,83
Outubro	47,47	47,13	52,05	52,44	50,35	48,93	52,44	52,01	42,67	42,17	43,71	43,85	47,09	46,65
Novembro	47,83	46,70	51,87	53,79	49,66	49,60	53,13	52,30	43,28	42,25	43,78	42,48	47,51	46,75
Dezembro	47,63	45,95	51,16	52,77	49,20	49,09	51,77	51,75	43,95	41,81	42,80	42,72	47,25	46,25

16 – TAXA DOS OCUPADOS EM OUTRAS ATIVIDADES – 1988/89
 Pessoas ocupadas em outras atividades, em relação às pessoas ocupadas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS EM OUTRAS ATIVIDADES (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	14,00	13,16	12,13	10,86	7,60	7,26	9,61	9,55	4,56	4,34	9,04	9,23	7,64	7,42
Fevereiro	13,92	13,65	11,54	11,54	7,55	7,44	9,50	9,80	4,50	4,47	9,67	9,40	7,57	7,66
Março	14,53	13,84	11,95	11,17	7,72	7,48	9,78	9,72	4,66	4,70	9,60	9,28	7,79	7,72
Abril	14,34	13,97	12,34	11,16	7,62	7,28	10,01	9,92	4,59	4,72	9,36	9,38	7,81	7,80
Maio	13,96	13,65	12,48	11,60	7,28	7,37	9,90	9,28	4,55	4,51	8,96	9,30	7,63	7,49
Junho	14,68	13,48	11,86	10,94	7,13	7,19	9,84	9,19	4,46	4,14	8,58	8,92	7,58	7,22
Julho	14,21	12,66	12,33	11,06	7,22	7,26	9,33	9,53	4,38	3,92	8,36	8,57	7,41	7,14
Agosto	14,42	13,56	11,10	10,00	7,36	7,22	9,32	9,32	4,03	3,96	8,16	8,01	7,21	7,03
Setembro	15,41	14,12	11,90	10,16	7,60	7,22	9,46	9,39	4,36	4,11	8,06	8,08	7,51	7,18
Outubro	14,51	13,90	11,84	10,04	7,44	6,93	9,54	9,24	4,23	4,21	8,43	8,23	7,45	7,17
Novembro	13,96	14,33	11,69	9,95	7,08	7,22	9,62	9,27	4,29	4,10	8,65	8,92	7,45	7,19
Dezembro	13,18	14,24	11,76	10,15	7,31	7,16	9,39	9,62	4,33	4,23	9,02	8,89	7,40	7,32

17 – TAXA DOS EMPREGADOS COM CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA – 1988/89
 Empregados com carteira de trabalho assinada, em relação às pessoas ocupadas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	EMPREGADOS COM CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	48,61	48,74	54,76	52,43	55,48	54,91	54,26	55,43	61,54	61,67	60,72	61,22	57,61	57,89
Fevereiro	47,67	49,48	54,60	53,23	56,15	55,49	54,54	55,08	60,78	62,08	61,05	61,02	57,38	58,07
Março	47,85	49,94	54,40	53,31	55,30	55,46	54,86	54,80	61,51	61,68	59,77	60,26	57,67	57,79
Abril	47,89	49,23	52,68	54,94	55,33	55,84	54,22	55,29	61,41	62,10	59,26	59,96	57,32	58,16
Maio	49,00	49,39	51,91	55,60	55,41	55,72	54,63	55,60	61,48	61,44	59,80	59,53	57,63	58,03
Junho	48,03	49,04	52,46	54,05	54,67	55,32	54,89	55,70	61,32	61,44	60,07	60,15	57,52	57,94
Julho	48,47	48,85	53,59	53,28	55,24	55,45	54,38	55,06	61,32	62,10	60,00	60,85	57,48	58,08
Agosto	48,52	49,26	55,03	55,16	55,85	56,04	53,70	54,53	61,19	61,97	60,30	61,23	57,38	58,12
Setembro	49,66	49,93	55,17	54,50	55,65	56,71	53,97	54,78	60,73	62,61	60,18	60,98	57,31	58,50
Outubro	49,84	49,79	54,26	54,55	56,44	57,51	54,56	55,79	61,54	62,33	59,63	59,90	57,79	58,59
Novembro	48,48	50,10	54,35	54,21	56,44	58,17	54,32	54,71	62,09	63,69	59,16	59,96	57,83	58,97
Dezembro	48,52	50,79	53,28	54,12	55,88	57,33	55,36	54,84	61,82	63,43	59,72	61,12	57,95	58,97

18 – TAXA DOS CONTA-PRÓPRIAS SEM RENDIMENTOS – 1988/89
 Conta-próprias que, efetivamente, não receberam rendimento de todos os trabalhos, no mês de referência, em relação às pessoas economicamente ativas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	CONTA-PRÓPRIAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	1,00	1,24	0,20	0,45	1,55	1,53	0,57	0,54	0,76	0,79	0,88	0,85	0,76	0,79
Fevereiro	1,55	1,16	0,27	0,61	1,76	1,91	0,69	0,64	0,89	0,88	1,18	1,22	0,94	0,93
Março	1,21	1,41	0,42	0,42	1,40	1,66	0,56	0,51	0,85	0,91	1,32	1,34	0,85	0,90
Abril	1,15	1,04	0,33	0,44	1,58	1,69	0,49	0,40	0,74	0,79	1,02	1,16	0,77	0,78
Maio	0,84	0,86	0,29	0,42	1,20	1,47	0,60	0,43	0,85	0,63	1,13	1,07	0,79	0,69
Junho	0,81	0,89	0,25	0,27	1,40	1,22	0,46	0,36	0,73	0,65	0,92	0,87	0,71	0,63
Julho	1,02	0,82	0,28	0,43	1,24	1,20	0,45	0,53	0,55	0,66	1,19	0,91	0,65	0,69
Agosto	1,16	1,13	0,43	0,48	1,57	1,05	0,38	0,61	0,73	0,69	0,94	0,89	0,73	0,73
Setembro	1,24	0,73	0,32	0,49	1,24	1,65	0,54	0,52	0,77	0,67	0,93	0,88	0,76	0,73
Outubro	0,93	0,87	0,36	0,39	1,08	1,19	0,42	0,47	0,72	0,64	1,14	1,02	0,69	0,67
Novembro	1,02	0,63	0,36	0,54	1,17	1,09	0,59	0,64	0,66	0,54	0,89	1,02	0,70	0,66
Dezembro	1,23	0,72	0,43	0,35	1,32	1,37	0,52	0,50	0,58	0,53	0,99	0,73	0,68	0,61

19 – TAXA DOS CONTA-PRÓPRIAS COM MENOS DE UM SALÁRIO MÍNIMO 1988/89

Conta-próprias que, efetivamente, receberam rendimento de todos os trabalhos, no mês de referência, inferior a um salário mínimo, em relação às pessoas economicamente ativas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima — 15 anos

Período de referência — Semana

MESES DA PESQUISA	CONTA-PRÓPRIAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	8,40	11,28	8,43	8,62	5,65	7,62	5,53	6,10	1,85	2,45	3,42	4,14	4,07	5,01
Fevereiro	9,57	10,71	9,00	9,13	6,03	7,46	5,38	6,11	2,16	2,79	4,08	3,41	4,42	5,08
Março	10,17	10,37	8,61	8,42	6,77	6,95	5,14	5,60	2,20	2,72	4,17	3,73	4,44	4,83
Abril	10,15	10,26	8,63	7,78	6,90	6,50	5,77	4,35	2,42	2,13	4,41	3,19	4,75	4,10
Maió	8,67	8,32	8,98	5,90	6,11	6,00	5,08	3,75	2,11	1,71	4,65	2,80	4,25	3,42
Junho	9,85	8,86	8,96	6,53	6,70	6,19	4,88	4,00	2,20	1,45	4,16	2,52	4,35	3,46
Julho	10,52	9,63	9,80	8,60	7,05	6,69	5,75	5,39	2,52	2,17	4,64	2,99	4,91	4,41
Agosto	10,37	8,64	8,83	7,65	6,77	5,50	5,81	5,33	2,32	1,73	4,64	2,75	4,77	3,95
Setembro	10,18	8,55	9,13	7,44	6,88	5,19	5,78	4,52	2,34	1,56	4,36	2,38	4,76	3,57
Outubro	9,35	9,19	8,66	8,11	5,47	5,13	5,39	4,62	1,95	1,63	3,62	2,54	4,23	3,75
Novembro	10,47	7,73	9,16	7,48	6,26	5,05	5,82	4,73	2,50	1,63	4,16	2,39	4,81	3,61
Dezembro	10,52	8,39	9,47	6,96	7,36	6,31	6,04	5,11	2,73	1,76	3,99	2,55	5,06	3,89

NOTA — O piso nacional de salários substituiu o salário mínimo no período de setembro de 1987 a maio de 1989.

20 — TAXA DOS DESEMPREGADOS E OCUPADOS COM MENOS DE UM SALÁRIO MÍNIMO 1988/89

Pessoas desocupadas e pessoas ocupadas que, efetivamente, não receberam rendimento ou auferiram remuneração de todos os trabalhos, no mês de referência, inferior a um salário mínimo, em relação às pessoas economicamente ativas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima — 15 anos

Período de referência — Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS E PESSOAS OCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	30,78	33,70	24,42	28,18	23,55	24,78	16,86	19,33	12,63	15,46	15,65	17,15	16,85	19,42
Fevereiro	35,21	33,79	25,75	26,85	25,31	24,82	18,94	20,98	15,12	17,21	19,58	18,04	19,29	20,64
Março	35,59	34,75	26,97	25,44	28,27	24,03	19,24	18,51	16,10	16,36	19,72	17,16	20,14	19,45
Abril	34,35	30,53	28,86	22,84	27,67	22,57	20,46	15,42	15,74	13,87	20,05	14,74	20,24	16,76
Maió	29,11	27,42	25,27	19,97	26,35	20,70	18,09	13,12	15,30	11,57	18,70	13,21	18,63	14,45
Junho	32,88	28,87	28,53	23,04	27,88	21,98	17,56	14,25	14,74	12,67	18,01	13,03	18,82	15,64
Julho	34,86	33,20	28,73	27,44	26,09	23,30	19,01	17,87	15,05	13,22	18,87	14,76	19,42	17,62
Agosto	34,58	32,05	28,27	26,77	25,77	20,88	19,02	17,66	15,63	12,87	18,80	12,77	19,65	16,99
Setembro	32,53	29,52	27,47	24,11	24,46	20,14	18,29	14,95	15,40	12,26	18,30	11,58	19,01	15,48
Outubro	31,91	29,82	28,08	24,75	22,33	19,75	16,95	14,43	14,17	11,52	16,67	11,96	17,68	15,10
Novembro	32,52	25,32	26,97	21,89	22,99	19,34	18,96	14,93	14,35	10,45	16,43	12,33	18,48	14,27
Dezembro	30,88	25,57	26,72	22,49	22,92	19,40	17,94	14,16	13,58	9,79	16,13	11,05	17,68	13,70

NOTA — O piso nacional de salários substituiu o salário mínimo no período de setembro de 1987 a maio de 1989.

21 – RENDIMENTO MÉDIO DAS PESSOAS OCUPADAS

Rendimento médio, nominal e real, do trabalho principal, das pessoas ocupadas que, efetivamente, receberam remuneração no mês de referência, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses de referência – 1988/89

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DE REFERÊNCIA	RENDIMENTO MÉDIO											
	Nominal (Cz\$)						Real (Cz\$ 1.000,00) (base – março de 1986) (1)					
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
1988												
Dezembro	132 631	153 610	175 704	191 760	250 083	197 964	2,05	2,38	2,72	2,97	3,87	3,06
1989⁽²⁾												
Janeiro	150,93	174,02	195,54	213,00	257,17	221,62	1,72	1,99	2,23	2,43	2,94	2,53
Fevereiro	178,37	197,46	208,77	241,47	295,80	246,59	1,73	1,94	2,05	2,37	2,91	2,43
Março	188,92	215,88	237,67	264,58	336,91	280,50	1,75	2,00	2,21	2,46	3,13	2,60
Abril	214,94	247,28	273,59	298,51	390,12	320,88	1,84	2,12	2,35	2,56	3,35	2,75
Maio	271,03	284,85	317,99	352,79	477,02	389,30	1,99	2,09	2,34	2,59	3,51	2,86
Junho	331,14	369,50	403,40	428,14	556,89	485,93	1,88	2,10	2,29	2,43	3,17	2,78
Julho	396,49	485,77	519,07	552,77	719,78	640,18	1,77	2,17	2,31	2,46	3,21	2,86
Agosto	558,09	692,73	696,08	719,02	1 024,80	879,16	1,87	2,32	2,33	2,41	3,43	2,94
Setembro	785,61	901,31	962,88	981,49	1 341,30	1 205,25	1,93	2,21	2,36	2,41	3,30	2,96
Outubro	1 311,74	1 518,01	1 524,20	1 707,83	2 402,24	1 874,47	2,32	2,69	2,70	3,02	4,25	3,32
Novembro	1 830,09	2 236,83	2 255,70	2 436,80	3 522,68	2 835,33	2,18	2,67	2,69	2,91	4,20	3,38

NOTA – Os rendimentos médios das pessoas ocupadas são calculados incluindo-se os rendimentos auferidos pelos empregadores.

(1) Deflacionado pelo INPC (sem o empréstimo compulsório instituído no período de julho de 1986 a setembro de 1988). (2) Em cruzados novos.

22 – RENDIMENTO MÉDIO DOS EMPREGADOS COM CARTEIRA

Rendimento médio, nominal e real, do trabalho principal, dos empregados com carteira de trabalho assinada que, efetivamente, receberam remuneração no mês de referência, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses de referência – 1988/89

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DE REFERÊNCIA	RENDIMENTO MÉDIO											
	Nominal (Cz\$)						Real (Cz\$ 1.000,00) (base – março de 1986) (1)					
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
1988												
Dezembro	158 142	188 117	202 688	208 851	273 778	200 795	2,45	2,91	3,14	3,23	4,24	3,11
1989⁽²⁾												
Janeiro	176,42	207,46	207,80	224,74	265,20	214,71	2,01	2,37	2,37	2,57	3,03	2,45
Fevereiro	203,03	227,64	223,28	247,14	296,56	224,15	2,00	2,24	2,20	2,43	2,92	2,20
Março	206,02	255,88	249,27	265,62	334,42	248,80	1,91	2,38	2,31	2,47	3,11	2,31
Abril	236,09	261,86	279,85	298,53	373,98	281,53	2,02	2,25	2,40	2,56	3,21	2,41
Maio	304,10	317,34	324,56	349,77	446,04	355,26	2,24	2,33	2,39	2,57	3,28	2,61
Junho	358,95	411,21	401,55	434,16	516,37	446,30	2,04	2,34	2,28	2,47	2,93	2,54
Julho	443,50	540,47	510,44	552,96	673,39	598,90	1,98	2,41	2,28	2,47	3,00	2,67
Agosto	614,81	771,81	684,30	735,13	952,28	834,44	2,06	2,58	2,29	2,46	3,19	2,79
Setembro	821,69	1 042,58	947,82	1 042,72	1 292,05	1 154,29	2,02	2,56	2,33	2,56	3,17	2,84
Outubro	1 433,97	1 804,21	1 527,99	1 799,55	2 387,60	1 773,59	2,54	3,19	2,70	3,19	4,23	3,14
Novembro	1 971,22	2 614,86	2 444,83	2 601,30	3 527,02	2 755,24	2,35	3,12	2,92	3,10	4,21	3,29

NOTA – Os rendimentos médios das pessoas ocupadas são calculados incluindo-se os rendimentos auferidos pelos empregadores.

(1) Deflacionado pelo INPC (sem o empréstimo compulsório instituído no período de julho de 1986 a setembro de 1988). (2) Em cruzados novos.

23 – RENDIMENTO MÉDIO DOS EMPREGADOS SEM CARTEIRA

Rendimento médio, nominal e real, do trabalho principal, dos empregados sem carteira de trabalho assinada que, efetivamente, receberam remuneração no mês de referência, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses de referência – 1988/89

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DE REFERÊNCIA	RENDIMENTO MÉDIO											
	Nominal (Cz\$)						Real (Cz\$ 1.000,00) (base – março de 1986) (1)					
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
1988												
Dezembro	89 184	84 263	115 912	151 465	153 590	181 011	1,38	1,30	1,79	2,34	2,38	2,80
1989⁽²⁾												
Janeiro	94,82	100,81	144,03	174,98	174,91	223,55	1,08	1,15	1,64	2,00	2,00	2,55
Fevereiro.....	117,05	133,29	150,93	201,15	220,13	270,96	1,15	1,31	1,48	1,98	2,16	2,66
Março.....	119,69	136,40	157,46	222,19	251,20	283,21	1,11	1,27	1,46	2,06	2,33	2,63
Abril.....	146,14	166,17	186,97	237,90	292,22	320,57	1,25	1,42	1,60	2,04	2,51	2,75
Maió.....	174,95	191,70	220,65	297,50	358,21	381,83	1,28	1,41	1,62	2,19	2,63	2,81
Junho.....	207,75	223,44	288,24	349,38	436,98	452,69	1,18	1,27	1,64	1,98	2,48	2,57
Julho.....	259,82	264,51	388,39	437,45	546,15	613,24	1,16	1,18	1,73	1,95	2,44	2,74
Agosto.....	331,04	400,01	551,13	572,44	732,29	828,24	1,11	1,34	1,84	1,92	2,45	2,77
Setembro.....	504,21	459,61	752,10	747,93	954,29	1 164,61	1,24	1,13	1,85	1,84	2,34	2,86
Outubro.....	817,66	841,84	1 141,67	1 247,53	1 631,91	1 761,70	1,44	1,49	2,02	2,21	2,89	3,12
Novembro.....	1 131,72	1 141,58	1 557,87	1 869,26	2 447,90	2 638,11	1,35	1,36	1,86	2,23	2,92	3,15

NOTA – Os rendimentos médios das pessoas ocupadas são calculados incluindo-se os rendimentos auferidos pelos empregadores.

(1) Deflacionado pelo INPC (sem o empréstimo compulsório instituído no período de julho de 1986 a setembro de 1988). (2) Em cruzados novos.

24 – RENDIMENTO MÉDIO DOS CONTA-PRÓPRIAS

Rendimento médio, nominal e real, do trabalho principal, dos conta-próprias que, efetivamente, receberam remuneração no mês de referência, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses de referência 1988/89

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DE REFERÊNCIA	RENDIMENTO MÉDIO											
	Nominal (Cz\$)						Real (Cz\$ 1.000,00) (base – março de 1986) (1)					
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
1988												
Dezembro	75 705	87 309	103 757	110 375	169 471	133 644	1,17	1,35	1,60	1,71	2,62	2,07
1989⁽²⁾												
Janeiro	103,95	100,14	118,81	139,85	191,77	163,97	1,19	1,14	1,36	1,60	2,19	1,87
Fevereiro.....	115,81	132,06	150,98	157,48	227,95	193,11	1,14	1,30	1,48	1,55	2,24	1,90
Março.....	120,77	136,14	175,85	191,60	257,50	247,22	1,12	1,26	1,63	1,78	2,39	2,30
Abril.....	155,42	165,70	197,24	228,94	311,40	286,51	1,33	1,42	1,69	1,96	2,67	2,46
Maió.....	206,77	205,66	237,50	266,30	390,15	366,30	1,52	1,51	1,74	1,96	2,87	2,69
Junho.....	234,11	206,71	318,97	332,99	501,33	437,65	1,33	1,17	1,81	1,89	2,85	2,49
Julho.....	295,43	307,95	382,34	387,91	634,97	571,08	1,32	1,37	1,70	1,73	2,83	2,55
Agosto.....	388,18	451,05	525,37	523,68	877,89	749,21	1,30	1,51	1,76	1,75	2,94	2,51
Setembro.....	564,24	593,40	727,59	708,66	1 161,91	1 023,17	1,38	1,46	1,79	1,74	2,85	2,51
Outubro.....	885,86	876,77	1 165,21	1 229,28	1 873,49	1 640,31	1,57	1,55	2,06	2,17	3,32	2,90
Novembro.....	1 202,07	1 419,86	1 643,41	1 709,91	2 988,30	2 263,55	1,43	1,69	1,96	2,04	3,56	2,70

NOTA – Os rendimentos médios das pessoas ocupadas são calculados incluindo-se os rendimentos auferidos pelos empregadores.

(1) Deflacionado pelo INPC (sem o empréstimo compulsório instituído no período de julho de 1986 a setembro de 1988). (2) Em cruzados novos.

25 – PESSOAS DESOCUPADAS, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA – 1988/89

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total
1988							
Dezembro	49 322	36 633	46 474	110 265	208 195	36 324	487 213
1989							
Janeiro	60 440	46 057	62 954	134 523	308 260	37 907	650 141
Fevereiro	58 555	35 509	58 477	138 069	335 208	43 751	669 569
Março	73 222	45 700	61 355	147 059	328 871	43 490	699 697
Abril	61 994	39 873	58 220	143 621	314 690	38 202	658 600
Maió	56 513	35 716	54 272	118 953	263 441	35 583	564 478
Junho	54 231	42 731	45 565	123 803	268 067	33 014	567 411
Julho	67 836	40 184	47 567	114 398	237 363	33 230	540 378
Agosto	60 655	42 431	45 297	129 402	247 136	27 787	552 708
Setembro	58 900	48 304	46 176	121 138	252 435	27 248	554 201
Outubro	56 776	39 947	45 444	126 690	216 346	28 045	513 248
Novembro	42 686	29 860	45 548	124 789	161 506	23 834	428 223
Dezembro	37 493	35 833	36 789	117 891	146 727	26 648	401 381

26 – PESSOAS DESOCUPADAS, QUE NUNCA TRABALHARAM ANTERIORMENTE, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA – 1988/89

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS QUE NUNCA TRABALHARAM ANTERIORMENTE						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total
1988							
Dezembro	8 388	1 626	4 306	9 126	11 006	2 267	36 719
1989							
Janeiro	8 712	5 211	9 845	13 232	19 883	2 836	59 719
Fevereiro	8 459	3 763	5 286	13 041	23 842	4 895	59 286
Março	11 254	4 777	6 324	11 889	23 962	2 869	61 075
Abril	10 918	6 585	6 929	13 258	22 307	2 441	62 438
Maió	7 449	4 282	6 496	11 051	13 849	1 655	44 782
Junho	9 058	5 041	4 844	10 888	12 686	2 025	44 542
Julho	14 274	4 188	4 465	9 934	11 131	3 582	47 574
Agosto	11 506	2 337	3 928	10 117	15 519	2 204	45 611
Setembro	8 298	4 920	3 973	5 788	12 178	1 367	36 524
Outubro	10 627	2 909	3 060	7 925	7 083	1 921	33 525
Novembro	6 029	3 353	3 365	8 585	4 892	1 080	27 304
Dezembro	4 764	4 651	5 222	7 615	4 229	1 635	28 116

**27 – PESSOAS ECONOMICAMENTE ATIVAS, POR REGIÕES METROPOLITANAS,
SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA, – 1988/89**

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS ECONOMICAMENTE ATIVAS						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total
1988							
Dezembro	1 072 781	900 243	1 497 586	4 680 157	7 328 302	1 291 319	16 770 388
1989							
Janeiro	1 058 470	883 626	1 493 848	4 651 410	7 352 505	1 261 529	16 701 388
Fevereiro	1 045 247	880 222	1 462 760	4 621 794	7 389 962	1 268 092	16 668 077
Março	1 068 434	891 191	1 458 268	4 574 272	7 375 942	1 281 693	16 649 800
Abril	1 064 577	890 864	1 461 691	4 535 632	7 336 677	1 277 379	16 566 820
Mai	1 067 767	903 881	1 477 686	4 540 780	7 388 562	1 284 842	16 663 518
Junho	1 079 858	929 927	1 491 339	4 580 090	7 419 329	1 281 868	16 782 411
Julho	1 103 760	934 950	1 502 898	4 624 771	7 537 102	1 287 018	16 990 499
Agosto	1 106 237	939 279	1 514 148	4 695 865	7 619 403	1 303 382	17 178 314
Setembro	1 103 184	953 594	1 530 770	4 677 115	7 629 152	1 310 182	17 203 997
Outubro	1 111 135	941 129	1 521 620	4 740 378	7 570 122	1 320 613	17 204 997
Novembro	1 094 073	947 319	1 522 445	4 733 284	7 557 310	1 312 326	17 166 757
Dezembro	1 066 771	941 391	1 528 288	4 696 796	7 514 911	1 300 262	17 048 418

**28 – PESSOAS OCUPADAS, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES
DA PESQUISA – 1988/89**

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total
1988							
Dezembro	1 023 459	863 610	1 451 112	4 569 892	7 120 107	1 254 995	16 283 175
1989							
Janeiro	998 029	837 569	1 430 895	4 516 887	7 044 245	1 223 622	16 051 247
Fevereiro	986 692	844 713	1 404 284	4 483 725	7 054 754	1 224 341	15 998 509
Março	995 213	845 492	1 396 913	4 427 213	7 047 071	1 238 204	15 950 106
Abril	1 002 583	850 991	1 403 471	4 392 011	7 021 987	1 239 177	15 910 220
Mai	1 011 254	868 165	1 423 414	4 421 827	7 125 121	1 249 259	16 099 040
Junho	1 025 627	887 196	1 445 774	4 456 287	7 151 262	1 248 854	16 215 000
Julho	1 036 124	894 765	1 455 331	4 510 373	7 299 736	1 253 788	16 450 119
Agosto	1 045 582	896 848	1 468 850	4 566 464	7 372 267	1 275 595	16 625 806
Setembro	1 044 264	905 290	1 484 594	4 555 978	7 376 717	1 282 933	16 649 796
Outubro	1 054 359	901 181	1 476 176	4 613 688	7 353 776	1 292 568	16 691 748
Novembro	1 051 387	917 459	1 476 898	4 608 495	7 395 803	1 288 492	16 738 534
Dezembro	1 029 279	905 559	1 491 499	4 578 904	7 368 184	1 273 614	16 647 039

29 – PESSOAS OCUPADAS NA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA – 1988/89

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS NA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total
1988							
Dezembro	147 220	114 956	277 717	806 151	2 289 823	321 882	3 957 749
1989							
Janeiro	146 394	109 393	279 260	786 283	2 270 001	326 982	3 918 313
Fevereiro	142 234	110 590	267 757	748 536	2 256 986	326 642	3 852 745
Março	141 899	115 036	269 328	730 878	2 294 044	324 264	3 875 449
Abril	147 143	112 636	280 878	746 964	2 319 417	330 698	3 937 736
Maió	148 215	112 501	274 730	768 309	2 348 023	322 136	3 973 914
Junho	155 349	116 890	281 405	778 647	2 381 404	335 690	4 049 385
Julho	156 323	119 032	290 329	812 600	2 437 889	339 944	4 156 117
Agosto	152 049	114 324	293 646	788 379	2 505 242	351 076	4 204 916
Setembro	147 379	116 511	292 958	808 067	2 447 147	347 578	4 159 640
Outubro	156 111	119 319	300 631	829 814	2 496 755	341 226	4 243 856
Novembro	148 935	113 886	292 021	809 746	2 492 018	348 962	4 205 578
Dezembro	155 434	116 216	290 265	810 772	2 489 989	324 999	4 167 675

30 – PESSOAS OCUPADAS NA CONSTRUÇÃO CIVIL, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA – 1988/89

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS NA CONSTRUÇÃO CIVIL						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total
1988							
Dezembro	79 072	75 273	153 532	348 660	444 781	82 247	1 183 565
1989							
Janeiro	77 777	75 852	145 088	341 146	437 043	80 505	1 157 411
Fevereiro	71 267	76 107	138 929	322 397	434 756	74 579	1 118 035
Março	70 538	69 931	137 119	322 429	460 422	72 365	1 132 804
Abril	67 692	67 100	126 403	331 043	432 847	75 293	1 100 378
Maió	72 030	75 456	134 316	339 593	458 052	77 781	1 157 228
Junho	71 016	75 598	141 327	332 014	464 528	72 475	1 156 958
Julho	70 972	82 884	150 286	339 523	448 214	77 759	1 169 638
Agosto	66 933	81 243	156 685	334 756	490 862	79 608	1 210 087
Setembro	69 871	83 940	156 298	347 898	483 297	76 471	1 217 775
Outubro	70 026	81 821	154 907	331 821	464 967	83 641	1 187 183
Novembro	78 471	78 474	148 315	326 411	484 414	82 863	1 198 948
Dezembro	78 257	85 155	148 920	328 082	473 989	86 203	1 200 606

31 — PESSOAS OCUPADAS NO COMÉRCIO, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA — 1988/89

Idade mínima — 15 anos

Período de referência — Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS NO COMÉRCIO						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total
1988							
Dezembro	176 214	129 415	201 121	626 148	942 140	196 112	2 271 150
1989							
Janeiro	171 856	129 876	197 071	591 546	965 395	184 634	2 240 378
Fevereiro	166 606	123 406	187 996	606 457	974 023	174 045	2 232 533
Março	160 682	129 899	190 322	594 770	979 875	187 195	2 242 743
Abril	163 097	138 450	191 152	570 760	968 955	184 032	2 214 446
Mai	160 996	134 447	194 630	606 123	945 382	184 667	2 226 245
Junho	169 526	131 400	198 781	605 149	907 020	183 722	2 195 598
Julho	180 300	126 725	196 757	601 110	976 249	186 325	2 267 466
Agosto	175 871	127 470	191 176	605 173	960 533	184 723	2 244 946
Setembro	186 006	129 404	192 196	603 220	1 005 787	194 226	2 310 839
Outubro	184 664	136 875	185 838	625 997	980 089	194 371	2 317 834
Novembro	182 289	140 227	197 202	634 232	990 518	194 328	2 338 796
Dezembro	175 981	134 260	213 261	629 573	1 030 805	204 995	2 388 875

32 — PESSOAS OCUPADAS EM SERVIÇOS, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA — 1988/89

Idade mínima — 15 anos

Período de referência — Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS EM SERVIÇOS						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total
1988							
Dezembro	486 931	442 672	712 510	2 363 691	3 134 054	540 557	7 680 415
1989							
Janeiro	470 418	431 476	705 521	2 366 524	3 066 029	518 449	7 558 417
Fevereiro	471 889	437 082	705 120	2 366 667	3 072 939	533 940	7 587 637
Março	484 348	436 108	695 561	2 348 638	2 981 489	539 435	7 485 579
Abril	484 511	437 806	702 731	2 307 300	2 971 037	532 901	7 436 286
Mai	491 881	445 004	714 742	2 297 100	3 051 625	548 409	7 548 761
Junho	491 301	466 213	720 273	2 330 599	3 101 928	545 528	7 655 842
Julho	497 289	467 125	712 242	2 327 227	3 150 551	542 288	7 696 722
Agosto	508 935	484 070	720 953	2 412 377	3 123 358	558 000	7 807 693
Setembro	493 486	483 408	735 876	2 368 723	3 136 803	560 878	7 779 174
Outubro	496 958	472 619	722 436	2 399 665	3 101 813	566 884	7 760 375
Novembro	491 011	493 528	732 606	2 410 635	3 125 023	547 359	7 800 162
Dezembro	473 029	477 948	732 227	2 369 853	3 081 008	544 107	7 678 172

33 – PESSOAS OCUPADAS EM OUTRAS ATIVIDADES, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA – 1988/89

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS EM OUTRAS ATIVIDADES						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total
1988							
Dezembro	134 022	101 295	106 231	425 242	309 310	114 197	1 190 297
1989							
Janeiro	131 585	90 971	103 954	431 389	305 777	113 052	1 176 728
Fevereiro	134 696	97 529	104 482	439 667	316 051	115 135	1 207 560
Março	137 745	94 518	104 582	430 499	331 241	114 944	1 213 529
Abril	140 141	94 999	102 307	435 944	331 731	116 253	1 221 375
Maió	138 132	100 757	104 995	410 702	322 038	116 266	1 192 890
Junho	138 435	97 096	103 987	409 878	296 382	111 440	1 157 218
Julho	131 239	98 998	105 717	429 913	286 838	107 472	1 160 175
Agosto	141 795	89 742	106 190	425 779	292 272	102 188	1 157 966
Setembro	147 542	92 028	107 267	428 070	303 683	103 781	1 182 371
Outubro	146 601	90 548	102 364	426 391	310 151	106 446	1 182 501
Novembro	150 681	91 334	106 754	427 472	303 830	114 981	1 195 052
Dezembro	145 578	91 979	106 824	440 625	312 393	113 309	1 211 706

34 – EMPREGADOS COM CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA – 1988/89

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	EMPREGADOS COM CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total
1988							
Dezembro	496 908	459 863	811 284	2 541 060	4 397 315	748 214	9 454 644
1989							
Janeiro	486 487	439 143	785 805	2 504 095	4 344 769	749 103	9 309 402
Fevereiro	488 272	449 686	779 278	2 469 952	4 380 100	747 093	9 314 381
Março	497 107	450 747	774 830	2 426 376	4 346 778	746 188	9 242 026
Abril	493 619	467 612	783 743	2 426 752	4 361 239	743 070	9 278 035
Maió	499 517	481 914	793 165	2 458 626	4 377 988	743 690	9 354 900
Junho	503 019	479 597	799 920	2 482 546	4 394 144	751 208	9 410 434
Julho	508 196	476 799	807 068	2 483 594	4 533 581	762 968	9 570 206
Agosto	515 146	494 708	823 285	2 490 531	4 569 295	781 130	9 674 095
Setembro	521 479	493 380	842 061	2 496 002	4 618 586	782 430	9 753 948
Outubro	525 068	491 603	849 003	2 574 226	4 584 184	774 372	9 798 456
Novembro	526 770	497 419	859 195	2 521 350	4 711 001	772 635	9 888 370
Dezembro	522 803	490 164	855 094	2 511 079	4 673 922	778 441	9 831 503

**35 — POPULAÇÃO RESIDENTE, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS
MESES DA PESQUISA — 1988/89**

ANOS E MESES DA PESQUISA	POPULAÇÃO RESIDENTE						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total
1988							
Dezembro	2 923 946	2 341 768	3 497 488	11 020 342	16 786 344	2 901 144	39 471 032
1989							
Janeiro	2 929 959	2 347 895	3 508 517	11 040 650	16 824 738	2 908 712	39 560 471
Fevereiro	2 935 924	2 353 987	3 519 517	11 060 801	16 862 937	2 916 251	39 649 417
Março	2 941 899	2 360 085	3 530 544	11 080 963	16 901 123	2 923 797	39 738 411
Abril	2 947 868	2 366 188	3 541 568	11 101 121	16 939 329	2 931 339	39 827 413
Maió	2 953 838	2 372 296	3 552 603	11 121 261	16 977 521	2 938 886	39 916 405
Junho	2 959 811	2 378 398	3 563 666	11 141 411	17 015 699	2 946 448	40 005 433
Julho	2 965 785	2 384 506	3 574 726	11 161 544	17 053 896	2 954 007	40 094 464
Agosto	2 971 754	2 390 618	3 585 813	11 181 672	17 092 112	2 961 572	40 183 541
Setembro	2 977 725	3 396 737	3 596 896	11 201 797	17 130 313	2 969 142	40 272 610
Outubro	2 983 697	2 402 849	3 608 007	11 221 918	17 168 502	2 976 709	40 361 682
Novembro	2 989 671	2 408 966	3 619 129	11 242 035	17 206 708	2 984 291	40 450 800
Dezembro	2 995 646	2 415 088	3 630 247	11 262 149	17 244 900	2 991 878	40 539 908

INDICADORES CONJUNTURAIS DA INDÚSTRIA

ÍNDICES DA PRODUÇÃO FÍSICA BRASIL

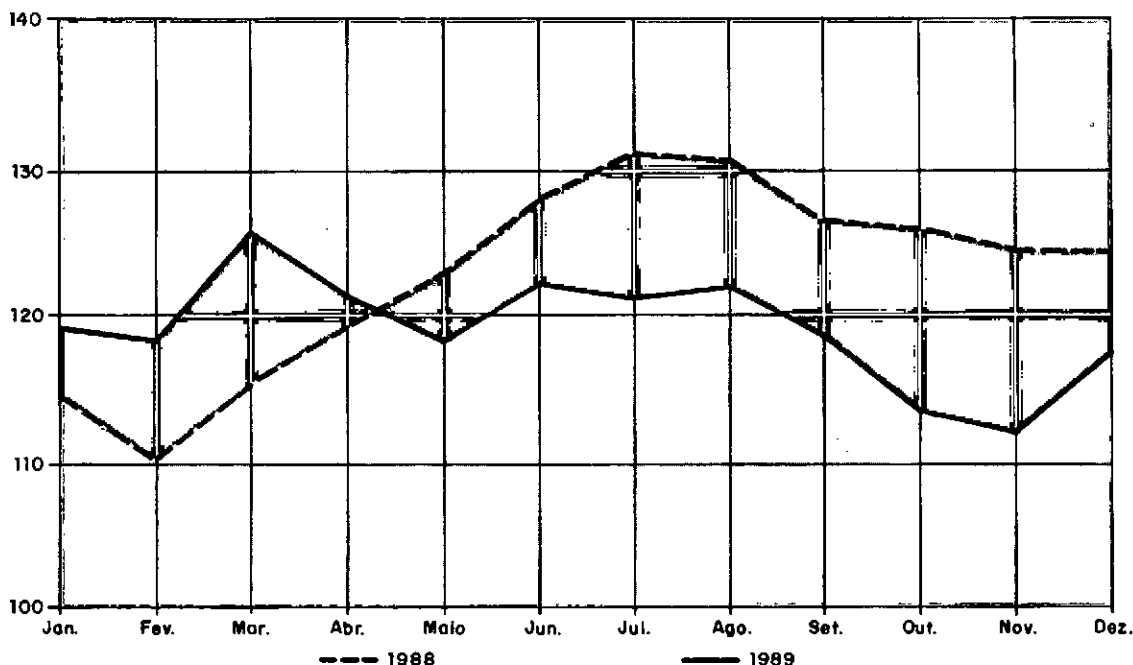
A indústria termina o ano de 1989 com um crescimento de 3,2% no indicador acumulado e 4,4% no mensal e uma estabilização (0,2%) na comparação mês/mês anterior no índice com ajustamento sazonal. Estes dados não chegam a alterar, de forma significativa, o quadro delineado nos últimos meses de contração do indicador de base fixa dessazonalizado, devido ao progressivo esgotamento dos impactos positivos provocados pelo Plano Verão. Este movimento, no entanto, não impede a ocorrência de taxas positivas no confronto com igual período do ano anterior, devido à base de comparação deprimida nos meses finais do ano (Gráfico 1).

O indicador mensal aponta um aumento de 4,4%, bem inferior ao de outubro 13,1% e novembro 10,8%. Neste mês influenciados pela menor intensidade do *efeito-base*,

quatro gêneros, que no mês anterior estavam com variações positivas, assinalam agora diminuições: borracha (-10,9), vestuário (-6,3%), produtos de matérias plásticas (-4,2%) e química (-2,5%). Cabe assinalar que produtos alimentares, que vinha até agosto apresentando resultados quase sempre negativos, está em dezembro, pelo quarto mês consecutivo, com uma taxa positiva (8,5%). Esta aceleração deveu-se, basicamente, à maior produção de suco de laranja. O principal impacto positivo, em termos de gêneros de indústria, no entanto, coube à mecânica (9,4%) *puxada* pelo setor de refrigeradores domésticos e elétricos.

A comparação acumulada fecha o ano com um crescimento de 3,2%. Os gêneros que mais influenciaram neste resultado foram metalúrgica (5,3%), mecânica (4,4%) e material elétrico (5,8%), com destaque para os seguintes produtos: esquadrias de metais não-ferrosos, pulverizadores e aparelhos receptores de televisão em cores, respectivamente. Nas categorias de uso, as taxas foram todas positivas, variando de

GRÁFICO 1
INDÚSTRIA GERAL
ÍNDICE BASE COM AJUSTAMENTO SAZONAL
(Base: média de 1981 = 100)
Brasil



0,5% em bens de capital a 4,3% em bens de consumo não-duráveis. Dentre os quarenta e nove setores-matriz, apenas em quinze ocorreram decréscimos, sendo que cinco foram de segmentos vinculados à agropecuária — destacando-se adubos e fertilizantes (– 18,0%) e usinas de açúcar (– 13,1%), quatro à indústria automobilística — como caminhões e ônibus (– 8,9%), e dois à metalúrgica — Ex.: aço, ferroligas em formas primárias (– 3,3%). O desempenho de produtos alimentares só não foi negativo este ano (Tabela A) devido ao aumento da produção de suco de laranja (25,8%), na esteira de uma boa safra, pois os derivados de cana-de-açúcar tiveram forte impacto depressivo. O setor de material de transporte foi muito prejudicado pela demorada negociação com produtores de insumos e por greves, na época do Plano Verão, e mais recentemente pela perda de dinamismo de suas exportações, o que também afetou a metalúrgica. Este ano as vendas externas de produtos industrializados cresceram apenas 1,3%¹ (Tabela B), com um decréscimo

A — PRODUTOS ALIMENTARES
INDICADOR ACUMULADO
Dezembro de 1989

SETORES	ÍNDICE	COMPOSIÇÃO DA TAXA
Suco de laranja	125,78	1,46
Demais produtos	99,81	-0,19
Total do gênero	101,27	1,27

B — EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES (1)
EM 1989

DISCRIMINAÇÃO	ÍNDICE
Produtos básicos	102,00
Produtos industrializados	101,33
• Semimanufaturados	118,69
• Manufaturados	96,91
Total (2)	101,75

FONTE — Carteira de Comércio Exterior — CACEX. (1) Em valor (US\$). (2) Inclui: operações especiais.

de – 12,5% em automóveis de passageiros e de – 62,4% em ferro e aço, em lingotes, segundo a CACEX.

A performance positiva da indústria em 1989 foi sustentada, principalmente, pelo mercado interno e bens de consumo que

¹ Compatibilizando a classificação da CACEX com a do IBGE, a exportação de produtos industrializados fica com um resultado ligeiramente superior (1,5%).

creceu em função do aumento do rendimento médio, do emprego (Tabela C) e das vendas no comércio (Tabela D), onde a antecipação de compras e a procura por ativos reais tiveram um papel importante, conforme já analisado em notas anteriores. O movimento da indústria esteve intimamente relacionado com o Plano Verão, que gerou um ciclo com início no primeiro trimestre, auge em julho e declínio nos meses seguintes. Esta evolução fica nítida na série de índices de base fixa com ajustamento sazonal (Tabela E). Nos índices trimestrais (Tabelas F, G e H), esta trajetória não fica tão clara devido à influência da base de comparação deprimida nos últimos meses do ano. Durante o período de influência do Plano Verão (Tabela E) a indústria cresceu 16,5% (julho/mé dia-janeiro/fevereiro com índices dessazonalizados), marca muito próxima à verificada no Cruzado (17,9% — fevereiro-87/março-86), porém num período de tempo menor. Após o pico (julho-89), a queda nos cinco meses

seguintes foi, no entanto, muito mais suave (-4,8% contra -13,4% no Cruzado), mesmo levando-se em conta que o decréscimo pós-cruzado, verificado em 1987, foi influenciado pelo impacto inicialmente contracionista do Plano Bresser². Este bom desempenho está relacionado à manutenção dos níveis de emprego e rendimento, pois, diferentemente de 1987, não ocorreu agora uma rápida aceleração da inflação. Dois setores, inclusive, têm mantido seu crescimento durante o ano: papel e papelão e produtos alimentares.

Por conta dessa lenta contração da atividade industrial, o setor manufatureiro chega a dezembro ainda bastante aquecido, com um nível de produção (Tabela I) superior à média dos anos 1986/89, destacando-se papel e papelão, que nunca produziu tanto em toda década. Este fator, aliado à base de comparação deprimida — no início de 1989 a indústria estava na fase de adaptação ao Plano Verão — deve garan-

C — EVOLUÇÃO DO PESSOAL OCUPADO E DO RENDIMENTO MÉDIO

(Base: igual período do ano anterior = 100)
Região Metropolitana de São Paulo — 1989

VARIÁVEIS	JANEIRO/ MARÇO	ABRIL/ JUNHO	JULHO/ SETEMBRO	OUTUBRO/ NOVEMBRO	JANEIRO/ NOVEMBRO (1)
Pessoal ocupado (total)	103,39	103,32	103,52	102,92	103,32
• Construção civil	110,36	107,28	103,72	100,96	105,79
• Indústrias de transformação	97,60	102,80	103,87	104,29	101,95
Rendimento médio (total)	93,56	104,81	102,90	109,82	104,63
• Com carteira	99,02	98,85	96,99	129,36	101,49
• Sem carteira	94,88	110,60	107,43	135,05	107,21
• Conta-própria	89,74	109,67	109,81	142,49	106,76

(1) Outubro e janeiro/outubro para os dados de rendimento.

D — EVOLUÇÃO DO FATURAMENTO REAL DO COMÉRCIO VAREJISTA

(Base: igual período do ano anterior = 100)
Região Metropolitana de São Paulo — 1989

SETORES	JANEIRO/ MARÇO	ABRIL/ JUNHO	JULHO/ SETEMBRO	OUTUBRO/ DEZEMBRO	JANEIRO/ DEZEMBRO
Bens não-duráveis (1)	98,79	120,28	123,02	126,41	116,98
Bens semiduráveis (2)	84,48	88,23	91,27	101,71	92,32
Bens duráveis (3)	92,38	101,50	90,44	93,10	94,30
Concessionária de veículos	138,43	107,97	96,21	87,33	105,54
Autopeças e acessórios	87,09	110,72	102,87	89,38	102,27
Material de construção	89,19	129,99	104,25	115,57	112,07
Total do comércio	101,69	107,25	102,90	105,47	104,39

FONTE — Federação do Comércio do Estado de São Paulo — FCESP.

(1) Inclui: supermercados, farmácias e perfumarias. (2) Inclui: vestuário, tecidos e calçados. (3) Inclui: lojas de departamentos e utilidades domésticas, cinema — foto — som, óticas, móveis e decoração.

² Com base nos índices dessazonalizados, a queda da indústria no período anterior ao Plano Bresser — de fevereiro de 1987 a maio de 1987 — foi de -4,9%, taxa superior à verificada após o auge do Plano Verão (-3,7%), no mesmo período de tempo (três meses, de julho a outubro de 1989).

E — EVOLUÇÃO DA INDÚSTRIA NOS PLANOS CRUZADO E VERÃO
ÍNDICE DE BASE FIXA COM AJUSTAMENTO SAZONAL
 (Base: média de 1981 = 100)

CLASSES E GÊNEROS	PLANO CRUZADO				
	(1) Início março-86	(2) Auge fevereiro-87	(3) Declínio julho-87	(2)/(1) (%)	(3)/(2) (%)
Extrativa mineral.....	187,12	181,68	186,11	- 2,91	2,44
Minerais não-metálicos	93,95	115,75	98,89	23,20	- 14,37
Metalúrgica.....	121,01	135,97	124,02	12,36	- 8,79
Mecânica.....	106,14	125,53	111,93	18,27	- 10,83
Material elétrico e de comunicações	124,57	163,93	110,57	31,60	- 32,55
Material de transporte.....	124,38	110,43	98,62	- 11,22	- 10,70
Papel e papelão.....	126,07	147,23	139,40	16,78	- 5,32
Borracha	115,23	139,38	130,97	20,96	- 6,03
Química	113,99	139,70	130,45	22,55	- 6,62
Farmacêutica	116,07	151,92	123,82	30,87	- 18,50
Perfumaria, sabões e velas	96,01	168,17	127,77	75,16	- 24,02
Produtos de matérias plásticas	114,90	157,74	109,09	37,28	- 30,84
Têxtil	109,06	124,54	109,71	14,19	- 11,91
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	99,55	121,14	87,02	21,69	- 28,17
Produtos alimentares	94,24	120,95	105,16	28,34	- 13,05
Bebidas	101,32	138,24	112,77	36,44	- 18,42
Fumo	120,19	137,12	109,96	14,09	- 19,81
Indústria geral	113,38	133,69	115,82	17,91	- 13,37

CLASSES E GÊNEROS	PLANO VERÃO				
	(4) Início janeiro-89	(5) Auge julho-89	(6) Declínio dezembro-89	(5)/(4) (%)	(6)/(5) (%)
Extrativa mineral.....	185,82	194,82	197,74	4,84	1,50
Minerais não-metálicos	91,73	115,17	98,38	25,55	- 14,58
Metalúrgica.....	120,88	139,59	134,24	15,48	- 3,83
Mecânica.....	97,13	126,67	115,76	30,41	- 8,61
Material elétrico e de comunicações	121,05	148,01	143,59	22,27	- 2,99
Material de transporte.....	112,14	125,99	124,07	12,35	- 1,52
Papel e papelão.....	135,76	155,40	163,98	14,47	5,52
Borracha	123,44	146,47	121,54	18,66	- 17,02
Química	121,02	132,28	128,39	9,30	- 2,94
Farmacêutica	97,54	135,51	125,57	38,93	- 7,34
Perfumaria, sabões e velas	132,77	186,17	167,56	40,22	- 10,00
Produtos de matérias plásticas	114,71	157,61	125,18	37,40	- 20,58
Têxtil	104,28	115,00	111,12	10,28	- 3,37
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	84,20	95,76	82,62	13,73	- 13,72
Produtos alimentares	102,24	109,01	113,71	6,62	4,31
Bebidas	124,54	156,28	141,96	25,49	- 9,16
Fumo	125,55	180,72	131,48	43,94	- 27,25
Indústria geral	112,60	131,14	124,83	16,47	- 4,81

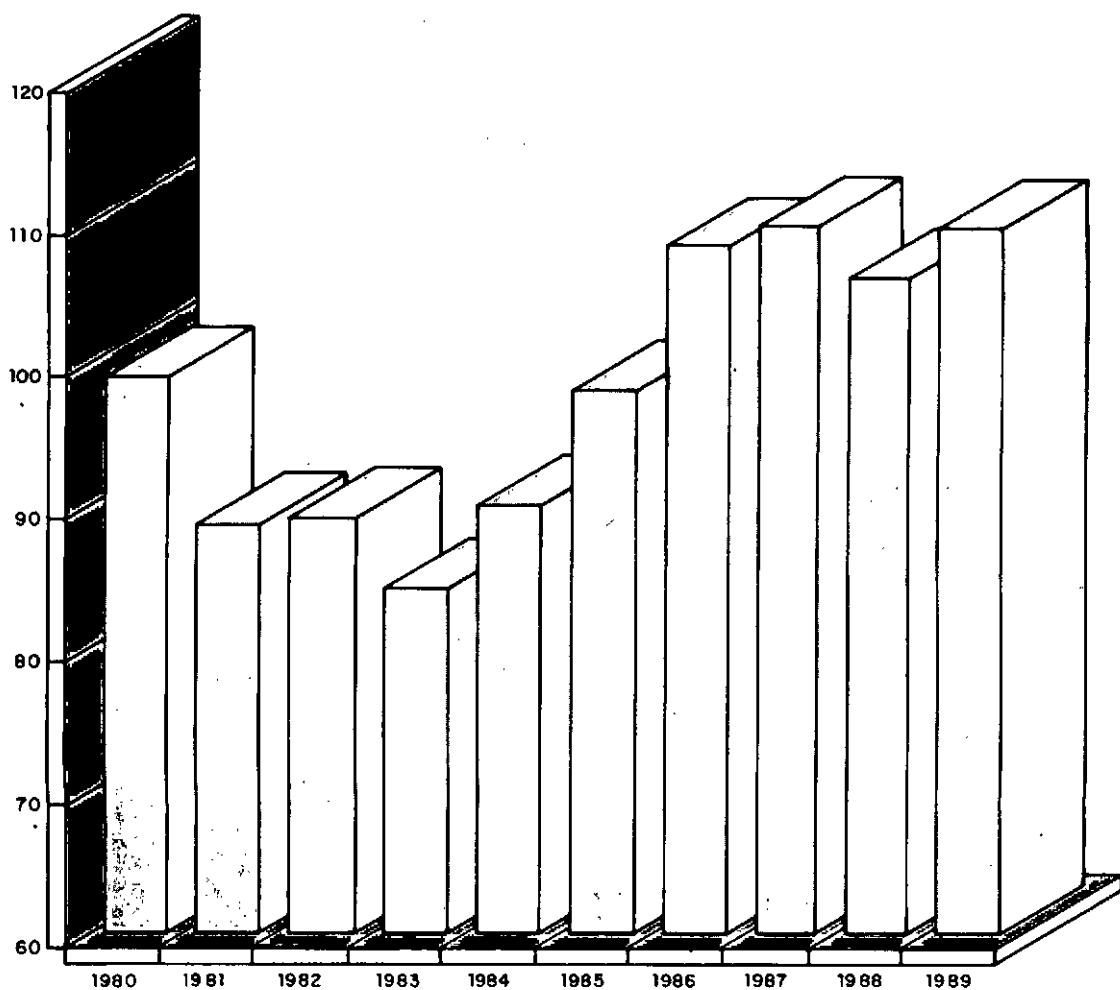
F – EVOLUÇÃO DA INDÚSTRIA, SEGUNDO CATEGORIAS DE USO
ÍNDICE TRIMESTRAL – 1989
(Iguar período do ano anterior = 100)

CATEGORIAS DE USO	JANEIRO-MARÇO	ABRIL-JUNHO	JULHO-SETEMBRO	OUTUBRO-DEZEMBRO
Bens de capital.....	87,68	94,62	111,50	107,89
Bens intermediários	93,93	102,84	104,72	109,05
Bens de consumo	94,42	104,64	106,24	109,54
Consumo duráveis.....	99,88	99,99	109,09	100,09
Consumo não-duráveis.....	93,14	105,80	105,57	111,91

tir índices mensais positivos nos primeiros meses de 1990. Isto não impede, no entanto, que o saldo dos anos 80 seja pouco alen-

tador, com crescimento de 10,5% de 1980 a 1989 (Gráfico 2), o que significa um aumento médio de cerca de 1,1% ao ano.

GRÁFICO 2
EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL – 1988-89
ÍNDICE BASE FIXA ACUMULADO NO ANO
(Base: média de 1989 = 100)



G – EVOLUÇÃO DA INDÚSTRIA, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS
ÍNDICE TRIMESTRAL – 1989
 (Iguar período do ano anterior = 100)

CLASSES E GÊNEROS	JANEIRO/ MARÇO	ABRIL/ JUNHO	JULHO/ SETEMBRO	OUTUBRO/ DEZEMBRO
Indústria geral	92,95	102,67	106,66	109,65
Extrativa mineral.....	95,85	103,16	107,71	109,26
Indústrias de transformação.....	92,80	102,65	106,62	109,67
Minerais não-metálicos	89,19	106,52	109,61	109,08
Metalúrgica.....	93,60	103,97	111,98	111,71
Mecânica.....	84,08	105,17	117,27	110,86
Material elétrico e de comunicações.....	96,24	100,33	112,97	112,67
Material de transporte.....	92,73	90,49	104,32	101,10
Papel e papelão.....	99,77	107,62	110,22	114,30
Borracha	92,58	95,55	103,48	101,16
Química	95,23	100,65	96,83	107,03
Farmacêutica	80,88	108,54	114,60	117,81
Perfumaria, sabões e velas	82,79	117,37	134,03	114,47
Produtos de matérias plásticas.....	85,98	122,62	121,64	108,27
Têxtil	93,95	104,02	103,32	107,99
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	92,57	104,77	105,47	103,88
Produtos alimentares.....	96,30	95,05	97,41	115,58
Bebidas	98,92	122,72	119,85	117,65
Fumo	86,35	120,92	113,59	100,67

H – DESEMPENHO DE SETORES INDUSTRIAIS SELECIONADOS – 1989
 (Base: igual período do ano anterior = 100)

CLASSES E GÊNEROS	JANEIRO/ MARÇO	ABRIL/ JUNHO	JULHO/ SETEMBRO	OUTUBRO/ DEZEMBRO	JANEIRO/ DEZEMBRO
Vinculados à agricultura					
Adubos e fertilizantes	73,48	94,21	71,25	92,90	82,00
Produtos alimentares.....	96,30	95,05	97,41	115,58	101,27
Bebidas	98,92	122,72	119,85	117,65	114,70
Fumo	86,35	120,92	113,59	100,67	105,11
Vinculados à construção civil					
Cimento	91,93	107,54	106,75	103,96	102,68
Tijolos	97,30	106,54	106,59	117,62	106,78
Pigmentos e tintas.....	90,35	126,26	123,60	111,11	113,14
Vinculados à exportação					
Aço, ferroliga em formas primárias.....	97,75	102,03	91,43	96,00	96,68
Laminados de aço	93,82	104,67	103,14	106,15	101,90
Celulose e pasta mecânica.....	101,27	104,38	97,14	102,63	101,35
Abate e preparo de carnes	88,50	82,50	87,77	110,83	90,99
Vinculados ao mercado interno					
Receptores, TV, rádio e som	110,58	97,82	111,00	106,56	106,36
Laminados de plásticos	106,58	121,37	120,28	112,82	115,58
Fiação e tecelagem têxteis naturais.....	94,43	107,02	102,41	109,54	103,29

I – NÍVEL DE PRODUÇÃO DA INDÚSTRIA
ÍNDICE DE BASE FIXA COM AJUSTAMENTO SAZONAL – 1986-89
 (Base: média de 1981 = 100)

CLASSES E GÊNEROS	MÉDIA DO ANO				DEZEMBRO
	1986	1987	1988	1989	1989
Extrativa mineral	186,39	184,87	185,79	192,22	197,74
Minerais não-metálicos.....	102,58	105,33	100,72	104,09	98,38
Metalúrgica.....	128,28	128,89	124,54	131,22	134,24
Mecânica.....	114,27	119,36	109,01	113,42	115,76
Material elétrico e de comunicações.....	135,82	133,55	126,95	134,11	143,59
Material de transporte	119,21	85,47	116,61	113,52	124,07
Papel e papelão.....	137,04	141,97	139,49	151,05	163,98
Borracha	129,37	134,20	137,09	134,40	121,54
Química	125,70	133,29	128,23	128,40	128,39
Farmacêutica	130,20	134,17	115,15	119,98	125,57
Perfumaria, sabões e velas	144,28	162,39	149,50	165,93	167,56
Produtos de matérias plásticas	138,21	133,34	123,03	138,18	125,18
Têxtil	116,59	115,97	108,61	111,31	111,12
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	104,21	95,21	88,16	89,62	82,62
Produtos alimentares.....	104,36	112,02	108,66	109,99	113,71
Bebidas	126,10	121,73	124,50	143,32	141,96
Fumo	128,73	129,60	131,01	138,01	131,48
Indústria geral	122,16	123,61	119,17	122,89	124,83

COMPOSIÇÃO DA TAXA DE CRESCIMENTO DA INDÚSTRIA GERAL ⁽¹⁾
 (Indicador Acumulado, segundo os Gêneros da Indústria)
 Janeiro/Dezembro — 1989

GÊNEROS	COMPOSIÇÃO DA TAXA	PRODUTOS RESPONSÁVEIS (2)
Extrativa mineral.....	0,18	Petróleo em bruto — Gás natural
Minerais não-metálicos	0,20	Chapas ou telhas, lisas ou corrugadas de fibrocimento — Lajotas, soleiras, degraus e rodapés de cerâmica
Metalúrgica	0,70	Esquadrias de metais não-ferrosos — Estruturas metálicas
Mecânica	0,45	Pulverizadores — refrigeradores domésticos, elétricos
Material elétrico e de comunicações	0,43	Aparelhos receptores de televisão em cores — Fios, cabos e condutores de cobre, isolados, com ou sem alma de aço
Material de transporte.....	-0,22	Automóveis para passageiros — Caminhões de 20 t de CMT e mais
Papel e papelão	0,31	Sacos de papel Kraft — exclusive multifolhados — Caixas de papelão corrugado
Borracha	-0,03	Pneumáticos para caminhões e ônibus — Mangueiras, canos e tubos de borracha
Química	-0,03	Fertilizantes compostos NPK — Adubos e fertilizantes fosfatados
Farmacêutica	0,09	Antibióticos — inclusive trimetoprim — Suplementos minerais
Perfumaria, sabões e velas	0,14	Sabões e cremes para lavar e enxaguar cabelos — Detergentes para uso industrial
Produtos de matérias plásticas.....	0,34	Artigos de material plástico para mesa, copa e outros usos domésticos — Plásticos em lençol (filmes)
Têxtil.....	0,15	Fios crus de algodão — Lençóis
Vestuário, calçados e artefatos de tecido	0,07	Calças compridas de tecido — inclusive tecidos de malha — tênis ou quedis
Produtos alimentares.....	-0,13	Suco e concentrado de laranja — Sorvetes
Bebidas.....	0,20	Refrigerantes — Cervejas — inclusive chope
Fumo.....	0,05	Fumo em folha beneficiado (seco ou defumado) — Cigarros
Indústria geral	3,17	

(1) $C = (I_G - 100) \cdot K$, onde:

C = Participação do gênero na formação do total da taxa de crescimento;

I_G = Indicador do gênero; e

K = Peso do gênero no total da indústria geral.

(2) Foram destacados, em cada gênero, os dois principais produtos responsáveis pelo indicador.

ÍNDICES DA PRODUÇÃO FÍSICA POR REGIÕES

A indústria brasileira terminou o ano de 1989 com um incremento de 3,2%. Regionalmente, todas as taxas foram positivas, o que não acontecia desde 1986, variando de 0,3% em Pernambuco a 4,4% em Santa Catarina. Este ano a tônica do desempenho industrial, conforme já analisado anteriormente, foi a expansão voltada para o mercado interno de bens de consumo, na esteira dos impactos positivos provocados pelo Plano Verão.

As exportações de produtos industrializados (1,3%) e a agropecuária (2,2%), duas importantes fontes de crescimento do parque manufatureiro, alcançam no ano incrementos inferiores ao da indústria, segundo a CACEX e o Departamento de Agropecuária do IBGE, respectivamente. Os resultados pouco expressivos destes setores tiveram forte influência na performance da indústria de Pernambuco (0,3%), Minas Gerais (0,7%) e Rio Grande do Sul (1,8%). No caso da primeira, foi determinante (Tabela J) a queda de -8,1% em produtos alimentares, em consequência da menor produção dos derivados da cana-de-açúcar. Também cabe destacar, neste estado, a contração

J — DESEMPENHO INDUSTRIAL REGIONAL
 COMPOSIÇÃO DO CRESCIMENTO DO INDICADOR ACUMULADO EM JANEIRO/DEZEMBRO,
 SEGUNDO OS GÊNEROS INDUSTRIAIS — 1989

GÊNEROS INDUSTRIAIS	PERNAMBUCO		BAHIA		MINAS GERAIS		RIO DE JANEIRO	
	Índice	Composição da Taxa	Índice	Composição da Taxa	Índice	Composição da Taxa	Índice	Composição da Taxa
Extrativa mineral	-	-	99,6	-0,05	99,2	-0,06	107,2	0,62
Minerais não-metálicos	82,6	-1,63	95,1	-0,20	99,2	-0,08	110,1	0,52
Metalúrgica	110,0	0,95	110,5	0,61	98,6	-0,46	98,9	-0,24
Mecânica	-	-	-	-	-	-	-	-
Material elétrico e de comunicações ..	134,6	2,28	98,4	-0,04	98,5	-0,05	110,6	0,88
Material de transporte	-	-	-	-	103,8	0,33	105,1	0,28
Papel e Papelão	111,9	0,52	-	-	95,5	-0,15	104,4	0,09
Borracha	-	-	108,9	0,09	-	-	-	-
Química	102,3	0,55	105,6	3,46	106,8	0,82	100,0	0,00
Farmacêutica	-	-	-	-	-	-	108,8	0,47
Perfumaria, sabões e velas	103,8	0,03	101,2	0,01	-	-	107,5	0,14
Produtos de matérias plásticas	98,5	-0,08	-	-	101,7	0,01	121,4	0,99
Têxtil	92,9	0,74	-	-	105,9	0,40	98,7	-0,05
Vestuário, calçados e artefatos de tecido	-	-	-	-	114,2	0,29	95,6	-0,20
Produtos alimentares	91,9	-1,94	103,6	0,31	94,7	-0,55	103,7	0,31
Bebidas	110,8	0,36	112,3	0,18	106,2	0,08	124,5	0,44
Fumo	99,0	-0,03	-	-	103,3	0,07	103,0	0,04
Indústria geral	100,3	0,27	104,4	4,36	100,7	0,65	104,3	4,28

GÊNEROS INDUSTRIAIS	SÃO PAULO		PARANÁ		SANTA CATARINA		RIO GRANDE DO SUL	
	Índice	Composição da Taxa	Índice	Composição da Taxa	Índice	Composição da Taxa	Índice	Composição da Taxa
Extrativa mineral	-	-	-	-	76,1	-0,78	92,9	-0,05
Minerais não-metálicos	103,4	0,15	107,5	0,71	108,4	0,87	113,2	0,41
Metalúrgica	104,3	0,54	-	-	107,4	0,67	105,9	0,72
Mecânica	101,8	0,21	118,1	1,44	130,3	3,57	105,6	0,94
Material elétrico e de comunicações ..	103,4	0,26	-	-	97,8	-0,14	116,2	0,56
Material de transporte	95,0	-0,61	-	-	-	-	102,6	0,14
Papel e papelão	113,7	0,59	107,5	0,88	101,8	0,10	105,7	0,18
Borracha	97,6	-0,06	-	-	-	-	115,6	0,22
Química	99,0	-0,19	98,5	-0,47	84,2	-0,94	90,7	-1,38
Farmacêutica	103,6	0,47	-	0,09	-	-	-	-
Perfumaria, sabões e velas	113,0	0,21	116,2	0,06	-	-	94,6	-0,03
Produtos de matérias plásticas	115,4	0,50	97,7	-0,04	109,3	0,61	-	-
Têxtil	99,5	-0,03	104,0	0,32	96,2	-0,57	-	-
Vestuário, calçados e artefatos de tecido	102,5	0,07	-	-	103,9	0,32	100,1	0,01
Produtos alimentares	101,4	0,11	104,4	1,12	100,7	0,11	97,2	-0,45
Bebidas	118,1	0,17	108,8	0,17	108,3	0,05	108,0	0,34
Fumo	107,3	0,01	104,4	0,06	124,9	0,56	104,1	0,22
Indústria geral	102,0	2,03	104,2	4,42	104,4	4,43	101,8	1,84

em minerais não-metálicos (-17,4%). Em Minas Gerais a retração de produtos alimentares (-5,4%), provocada também pelos derivados da cana e em menor medida pela queda no processamento da carne bovina, foi acompanhada da variação negativa de gêneros que são, tradicionalmente, grandes exportadores como a metalúrgica (-1,4%) e extrativa mineral (-0,8%). No Rio Grande do Sul, a menor produção de carne bovina e fertilizantes teve grande influência nas contrações de produtos alimentares (-2,8%) e química (-9,3%), respectivamente.

Os estados que atingiram em 1989 marcas acima de 4,0% de crescimento anual — Santa Catarina (4,4%), Bahia (4,4%), Rio de Janeiro (4,3%) e Paraná (4,2%) — tiveram duas características comuns: todos ob-

tiveram índices positivos nos gêneros com fortes vinculações com a agropecuária (produtos alimentares, bebidas e fumo) e, de modo geral, também nos associados à produção de bens de consumo. No caso de Santa Catarina e Paraná, destaca-se o desempenho da mecânica (30,3% e 18,1%, respectivamente) na esteira do aumento da produção de refrigeradores para uso doméstico. No Rio de Janeiro, o principal impacto foi o de produtos de matérias plásticas (21,4%) e na Bahia foi a química (5,6%).

São Paulo fica numa situação intermediária em relação aos demais locais. Neste estado houve um pequeno crescimento de produtos alimentares (1,4%), que só foi assegurado nos meses finais do ano, básica-

mente em função do processamento da safra de laranja. Por outro lado, dois importantes gêneros produtores de bens de consumo duráveis — material de transporte (-5,0%) e borracha (-2,4%) — tiveram decréscimos provocados pelas demoradas negociações entre produtores de automóveis e de autopeças ocorridas no início do ano em função do Plano Verão. Os setores de maior influência no resultado positivo do ano foram: papel e papelão (13,7%), metalúrgica (4,3%) e produtos de matérias plásticas (15,4%).

Analisando-se a evolução da indústria nas diferentes regiões nos anos 80 (Tabelas L e M), nota-se que os principais Estados da Federação: São Paulo (16,0%) e Rio de Janeiro (19,3%) estão com desempenho no período abaixo da média nacional (23,1%). No primeiro, verifica-se resultados negativos em três gêneros: fumo (-28,2%), vestuário (-19,1%) e mecânica (-4,0%) e no Rio de Janeiro em cinco: material de transporte (-46,3%), vestuário (-29,3%), têxtil (-19,9%), papel e papelão (-12,5%) e minerais não-metálicos (-2,0%). Vale ressaltar que a base de comparação é o ano de 1981, que foi muito ruim para a indústria, pois a economia estava em recessão. Numa década caracterizada pela estagnação econômica e pelo baixo crescimento da massa salarial, é natural que setores vinculados à produção de bens de capital — mecânica e material de transporte — e

bens de consumo não-duráveis — vestuário e têxtil — tenham resultados pouco expressivos.

Por outro lado, os segmentos mais articulados com o mercado externo e com os consumidores de altas rendas saíram favorecidos. Estes fatores explicam boa parte da expansão de Santa Catarina (29,7%) e Minas Gerais (29,6%), os locais de maior incremento de produção de 1981 a 1989. Em Santa Catarina destaca-se, pelo seu peso, a mecânica (91,2%), com o segmento de refrigeradores domésticos, e em Minas Gerais, material de transporte (59,6%) e metalúrgica (36,6%), onde as vendas externas possuem papel determinante.

Pernambuco

Conhecidos os resultados de dezembro, a indústria pernambucana acumula em 1989 o menor crescimento (0,3%) dentre todas as regiões analisadas, ficando próxima da performance alcançada por Minas Gerais (0,7%) e 3,9 pontos percentuais abaixo da produção anual da Região Nordeste (4,2%). A estagnação de produção deste parque fabril deve-se, principalmente, à retração registrada nos setores vinculados à agricultura — produtos alimentares (-8,1%) e têxtil (-7,1%) — e à construção civil — minerais não-metálicos (-17,4%), que contrabalançaram a expansão verificada nos gêneros material elétrico e de comunicações

L — ÍNDICE ACUMULADO NO ANO, SEGUNDO OS LOCAIS — 1982-89

LOCAIS	1982	1983	1984	1985
Região Nordeste.....	103,26	97,79	103,16	108,79
Pernambuco.....	104,66	94,04	106,37	109,74
Bahia.....	100,34	103,94	104,97	104,07
Minas Gerais.....	104,06	94,91	111,13	107,93
Rio de Janeiro.....	104,21	89,04	101,25	106,15
São Paulo.....	98,94	93,39	106,66	108,48
Região Sul.....	99,05	97,25	107,00	108,52
Paraná.....	100,74	93,78	101,27	104,04
Santa Catarina.....	102,47	98,20	105,44	107,21
Rio Grande do Sul.....	108,22	95,90	105,15	101,48
Brasil.....	100,03	94,82	107,10	108,49

LOCAIS	1986	1987	1988	1989	1989/1981
Região Nordeste.....	105,69	103,70	92,37	104,20	119,64
Pernambuco.....	105,41	106,69	88,75	100,27	112,40
Bahia.....	107,27	99,49	95,96	104,36	121,77
Minas Gerais.....	104,14	101,96	102,40	100,65	128,64
Rio de Janeiro.....	115,04	100,01	99,75	104,28	119,33
São Paulo.....	109,95	99,94	96,53	102,03	115,95
Região Sul.....	111,81	101,17	97,22	103,80	125,09
Paraná.....	108,65	102,24	104,43	104,24	120,37
Santa Catarina.....	112,12	103,11	94,43	104,43	129,68
Rio Grande do Sul.....	112,49	99,16	97,22	101,84	122,29
Brasil.....	110,93	100,87	96,76	103,17	123,11

M – NÍVEL DE PRODUÇÃO DA INDÚSTRIA EM 1989
BRASIL E REGIÕES
ÍNDICE BASE FIXA ACUMULADO
(Base: média de 1981 = 100)

GÊNEROS	BRASIL	REGIÃO NORDESTE	PERNAMBUCO	BAHIA	MINAS GERAIS	RIO DE JANEIRO
Extrativa mineral	192,99	152,31	-	107,98	116,64	546,85
Minerais não-metálicos	104,45	89,08	78,67	78,90	101,47	98,01
Metalúrgica	131,28	146,91	137,56	112,52	136,59	139,28
Mecânica	113,82	-	-	-	-	-
Material elétrico e de comunicações ..	134,54	135,19	143,35	158,07	140,58	167,17
Material de transporte	113,58	-	-	-	159,61	53,67
Papel e Papelão	151,07	119,64	123,20	-	154,53	87,56
Borracha	134,78	131,90	-	184,25	-	-
Química	128,54	128,37	189,30	130,25	169,23	118,23
Farmacêutica	120,89	-	-	-	-	121,63
Perfumaria, sabões e velas	166,45	109,63	104,44	132,05	-	133,17
Produtos de matérias plásticas	138,51	104,26	94,46	-	117,66	167,44
Têxtil	111,32	107,39	83,87	-	124,43	80,06
Vestuário, calçados e artefatos de tecido	89,68	122,17	-	-	95,37	70,73
Produtos alimentares	110,34	95,61	87,66	104,68	99,98	110,17
Bebidas	143,07	118,10	102,24	160,78	147,39	142,79
Fumo	137,66	113,10	123,49	-	160,08	116,74
Indústria geral	123,11	119,54	112,40	121,77	129,64	119,33

GÊNEROS	SÃO PAULO	REGIÃO SUL	PARANÁ	SANTA CATARINA	RIO GRANDE DO SUL
Extrativa mineral	-	91,77	-	85,18	120,11
Minerais não-metálicos	109,83	119,79	100,70	141,01	105,47
Metalúrgica	116,64	146,52	-	153,42	135,28
Mecânica	96,02	169,32	160,57	191,16	175,98
Material elétrico e de comunicações ..	106,40	188,76	-	281,62	134,11
Material de transporte	122,60	-	-	-	118,00
Papel e Papelão	166,66	153,37	160,05	141,59	145,77
Borracha	136,28	-	-	-	128,90
Química	126,86	90,00	99,75	115,31	96,69
Farmacêutica	127,09	-	-	-	-
Perfumaria, sabões e velas	168,94	119,87	143,28	-	114,46
Produtos de matérias plásticas	140,34	126,32	100,76	123,43	-
Têxtil	105,46	127,12	142,92	95,53	-
Vestuário, calçados e artefatos de tecido	80,91	103,91	-	95,33	98,44
Produtos alimentares	111,54	114,37	125,00	120,57	104,05
Bebidas	149,87	143,80	146,10	105,87	141,95
Fumo	71,83	167,91	247,30	159,93	186,61
Indústria geral	115,95	125,09	120,37	129,68	122,29

(34,6%), metalúrgica (10,0%), química (2,3%) e papel e papelão (11,9%).

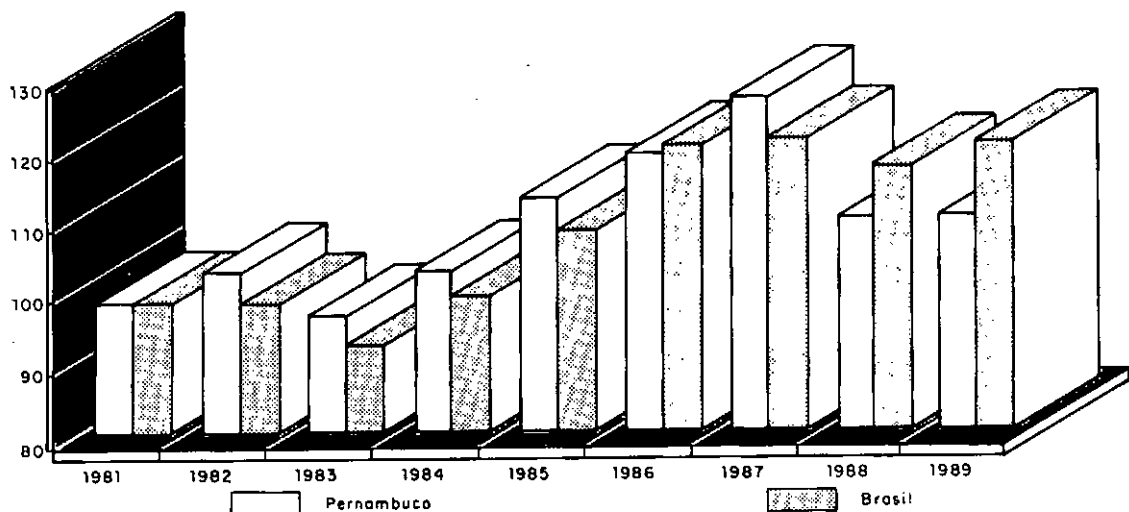
O nível médio de produção em 1989 (112,4), comparando-se com a média de 1981, mantém-se na mesma marca de 1988 (112,1) e abaixo do patamar registrado em 1985 (114,9), com quatro dos onze segmentos fabris revelando um volume de produção menor que o da base de comparação: minerais não-metálicos (76,7), têxtil (83,9), produtos alimentares (87,7) e produtos de matérias plásticas (94,5). A indústria de Pernambuco situa-se, este ano, também, abaixo da média nacional (10,7 pontos). Esta década apresentou um movimento ascendente entre 1983 e 1987, perdendo para a indústria brasileira somente em 1986 — uma vez que o Plano Cruzado refletiu, positivamente, no parque fabril per-

nambucano apenas em 1987 (129,2) quando registrou o maior nível de produção dos últimos nove anos (Gráfico 3).

Os índices trimestrais apontam um desaquecimento da atividade industrial no último período deste ano, ao registrar uma perda de 3,8 pontos percentuais em comparação ao período imediatamente anterior (Tabela N); evidenciam, também, que a melhor performance deu-se no auge do Plano Verão entre os meses de abril e setembro. O desempenho trimestralizado da indústria pernambucana em 1989 revela taxas sempre inferiores às verificadas na região nordestina, exceto no segundo trimestre, demonstrando perda de dinamismo de sua indústria perante outros estados da região.

O indicador mensal assinala em dezembro uma queda de -7,3%, motivada, determi-

GRÁFICO 3
NÍVEL DE PRODUÇÃO DA INDÚSTRIA — 1981-89
(Base: 1981 = 100)
Pernambuco



N — INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL — 1989
(Base: igual período do ano anterior = 100)
Pernambuco

CLASSES E GÊNEROS	1º TRIMESTRE	2º TRIMESTRE	3º TRIMESTRE	4º TRIMESTRE
Indústria geral	92,31	104,32	104,78	100,94
Indústrias de transformação.....	92,31	104,32	104,78	100,94
Minerais não-metálicos	75,14	91,72	80,76	84,01
Metalúrgica.....	98,77	115,93	116,07	108,27
Material elétrico e de comunicações	86,73	185,57	139,00	147,08
Papel e papelão.....	79,37	118,92	121,42	127,78
Química.....	102,81	102,56	101,65	102,16
Perfumaria, sabões e velas	89,09	113,23	135,16	81,72
Produtos de matérias plásticas	71,09	99,67	109,47	118,46
Têxtil.....	93,03	96,90	84,33	98,89
Produtos alimentares.....	96,57	80,43	103,43	88,36
Bebidas.....	96,04	121,49	125,35	108,04
Fumo.....	75,52	110,61	109,38	102,95

nantemente, pela contração verificada nos segmentos articulados com a produção agrícola, como produtos alimentares (açúcar refinado e demerara) e química (fertilizantes compostos NPK) que somados contribuem na formação desta taxa negativa com $-8,3$ pontos percentuais. Vale frisar que a queda de $-4,5\%$ na metalúrgica se coaduna com esse movimento, pois o maior impacto neste desempenho foi a retração na produção de latas para embalagens de produtos alimentares (Tabela N). Por outro lado, fumo é o único gênero que apresenta aceleração do ritmo de crescimento este mês ao registrar a taxa de $9,1\%$ contra $1,3\%$ no mês de novembro.

Bahia

A indústria baiana encerrou 1989, com taxa de crescimento de $4,4\%$, comparativamente ao ano anterior, recuperando-se assim da queda registrada em 1988 ($-4,0\%$). Este resultado foi fortemente influenciado pela boa performance da química ($5,6\%$) — que sozinha contribuiu com $3,5$ pontos percentuais para a formação da taxa global do ano — assim como os setores da metalúrgica ($10,5\%$) e produtos alimentares ($3,6\%$). Por outro lado, cabe assinalar o fraco desempenho de minerais não-metálicos ($-4,9\%$) devido, principalmente, à diminuição na produção de azulejos e chapas,

telhas de fibrocimento, dada a menor demanda dos produtos no mercado.

Ao se observar a evolução dos trimestres no decorrer de 1989 (Tabela O), verifica-se que foi a partir do terceiro período, basicamente, que teve início o processo de aquecimento industrial na região com a taxa passando de - 4,2% no acumulado abril/junho para 8,8% em julho/setembro, tendo contribuído para isso o comportamento dos gêneros material elétrico e de comunicações (15,4%), química (9,8%), minerais não-metálicos (7,1%) e extrativa mineral (3,3%), que esboçaram nesse trimestre uma certa recuperação.

Em outubro/dezembro, a indústria do estado apresenta a mais elevada expansão trimestral (15,1%), mostrando a nível setorial aumento generalizado, à exceção de minerais não-metálicos (- 0,2%). Foi representativo para esse bom desempenho além da química (13,1%) e material elétrico e de comunicações (27,0%) o gênero de produtos alimentares (45,3%) que nos três primeiros trimestres situava-se em patamares negativos e alcança expressivo crescimento de sua taxa (de - 2,9% em julho/setembro para 45,3% em outubro/dezembro), isso devido à elevação na produção de seus principais produtos: chocolate amargo e manteiga de cacau, nos últimos meses do ano.

O indicador mensal de dezembro aponta um crescimento de 5,5%, inferior ao verificado em outubro (15,4%) e novembro (25,9%). Dos nove gêneros, sete registraram resultados inferiores ao do mês passado, destacando-se produtos alimentares (58,1% em novembro contra 13,3% em dezembro). O gênero que mais influenciou o resultado final positivo foi a química

(3,6%), que também apresentou um crescimento menor que o de novembro (27,7%).

O desempenho de 1989, além de ter sido o melhor nos últimos três anos para a indústria baiana, é também o mais elevado dentre os estados analisados na Região Nordeste.

Minas Gerais

A indústria mineira termina o ano de 1989 com um crescimento de 4,6% na comparação mensal e 0,7% na acumulada. Este resultado anual pouco expressivo deve-se a três motivos: o crescimento da economia, este ano, em função do Plano Verão, esteve fortemente vinculado ao mercado interno de bens de consumo e o parque industrial mineiro se caracteriza pela predominância de setores produtores de bens intermediários com grande articulação com as vendas externas. A agroindústria mineira foi muito afetada pela queda na safra de cana-de-açúcar e nos abates bovinos. Em menor medida, a base de comparação também pesou negativamente, na maior parte do período, pois no ano passado a indústria de Minas Gerais foi uma das poucas que se expandiu.

O resultado do indicador mensal (4,6%) foi inferior ao de outubro (5,4%) e novembro (6,7%). Em relação ao mês passado, destacam-se as mudanças em material elétrico (- 17,2% em novembro, contra 33,3% em dezembro) e produtos alimentares (22,4% contra - 1,0%), propiciado pela maior produção de fios e cabos de alumínio e transistores, no primeiro caso, e pelo menor processamento industrial dos derivados da cana-de-açúcar, no segundo. O gênero de maior impacto positivo em dezembro foi

O — INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL — 1989

(Base: igual período do ano anterior = 100)

Bahia

GÊNEROS	TRIMESTRES			
	Janeiro-março	Abril-Junho	Julho-setembro	Outubro-dezembro
Indústria geral	98,72	95,82	108,82	115,07
Extrativa mineral	95,79	96,24	103,30	103,44
Minerais não-metálicos	74,13	98,55	107,09	99,82
Metalúrgica	78,78	112,44	128,41	127,05
Material elétrico e de comunicações	74,59	83,51	115,42	127,04
Borracha	112,35	106,88	108,22	108,49
Química	104,31	95,84	109,84	113,12
Perfumaria, sabões e velas	64,32	127,76	99,95	128,99
Produtos alimentares	97,73	77,62	97,08	145,28
Bebidas	97,96	115,15	123,40	115,53

a metalúrgica (4,4%), com sua maior taxa dos últimos treze meses.

Analisando-se a evolução da indústria ao longo do ano (Tabela P.1), nota-se que seu movimento é ascendente, passando de -3,9% no primeiro trimestre para 5,6% no último. No período outubro/dezembro, esta trajetória foi beneficiada pela comparação com uma base deprimida, tendo o maior incremento se verificado em vestuários, calçados e artefatos de tecido (19,9%).

No acumulado do ano os setores de maior influência positiva foram química (6,8%) e

têxtil (5,9%) e no sentido negativo foram produtos alimentares (-5,4%) e metalúrgica (-1,4%). Diferentemente do ano passado (Tabela P.3), quando as exportações estavam em expansão, o setor produtor de bens intermediários registrou queda (-0,9%). A categoria de uso de melhor desempenho foi a de bens de capital (6,1%), *puxada* pela produção de camionetas e utilitários. Classificando-se a produção industrial segundo sua vinculação predominante (Tabela P.2), confirma-se o decréscimo dos segmentos vinculados à exportação (-0,2%) e à agropecuária (-0,8).

P.1 — EVOLUÇÃO DA INDÚSTRIA EM 1989
(Base: igual período do ano anterior = 100)
Minas Gerais

GÊNEROS	1º TRIMESTRE	2º TRIMESTRE	3º TRIMESTRE	4º TRIMESTRE
Extrativa mineral	100,32	104,05	95,29	97,36
Minerais não-metálicos	92,53	99,57	102,80	101,78
Metalúrgica	92,51	98,07	101,77	102,03
Material elétrico e de comunicações	78,62	98,83	109,49	104,57
Material de transporte	105,98	95,92	103,55	110,65
Papel e papelão	98,16	102,54	69,38	111,69
Química	105,93	107,14	106,20	108,15
Produtos de matérias plásticas	71,90	105,44	124,37	107,55
Têxtil	100,90	113,64	104,38	104,76
Vestuário, calçados e artefatos de tecido	102,19	114,34	118,12	119,90
Produtos alimentares	95,95	84,65	89,36	117,02
Bebidas	91,87	118,92	112,12	104,66
Fumo	83,14	124,12	99,98	111,74
Indústria geral	96,10	100,22	100,59	105,61

P.2 — DESEMPENHO DA INDÚSTRIA EM 1989
INDICADOR ACUMULADO
Minas Gerais

SETORES	ÍNDICE	COMPOSIÇÃO DA TAXA
Vinculados à exportação (1)	99,80	-0,08
Vinculados à agropecuária (2)	99,22	-0,13
Vinculados à construção civil (3)	100,04	0,01
Demais setores	101,44	0,85
Total da indústria	100,65	0,65

NOTA — Esta classificação deve ser entendida como preliminar, em especial no que diz respeito aos setores vinculados à exportação. Os produtos foram classificados segundo sua articulação predominante.

(1) Inclui: a extrativa mineral e segmentos dos gêneros metalúrgica, material de transporte e papel e papelão. (2) Inclui: os gêneros produtos alimentares, bebidas e fumo e segmentos da química e têxtil. (3) Inclui: o gênero minerais não-metálicos e segmentos da metalúrgica e matérias plásticas.

P.3 — DESEMPENHO DA INDÚSTRIA,
SEGUNDO AS CATEGORIAS DE USO
INDICADOR ACUMULADO — 1988-89
Minas Gerais

CATEGORIAS DE USO	1988	1989
Bens de capital	115,14	106,08
Bens intermediários	104,48	99,11
Bens de consumo	96,16	104,40

Rio de Janeiro

Após seguidas taxas positivas no indicador mensal, desde abril de 1989, a indústria fluminense atinge em dezembro queda de -2,4%. Com este resultado, o crescimento acumulado no ano sofre um pequeno recuo, passando de 4,9% em janeiro/novembro para 4,3% ao final do ano.

Esta expansão, entretanto, constitui-se na melhor performance do parque manufatureiro do estado depois do *boom* de crescimento dos anos de 1985-86 (Tabela Q.1). Além disto, a nível Brasil, destaca-se entre os estados que mais ampliaram a produção em 1989.

A Tabela Q.2 discrimina o crescimento por categorias de uso para os anos de 1988 e 1989. Confirmando a afirmação do penúltimo parágrafo, nota-se que em 1988, somente bens de capital revelou crescimento, e bastante acentuado (43,0%), enquanto os demais segmentos tiveram retraída sua produção. Em 1989, todas as categorias apresentam expansão, ressaltando-se

**Q.1 – INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL
ÍNDICES ACUMULADOS JANEIRO/DEZEMBRO
(Base: igual período do ano anterior = 100)
Rio de Janeiro**

GÊNEROS	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989
Extrativa mineral.....	154,3	151,2	165,9	131,1	106,6	99,5	94,8	107,2
Minerais não-metálicos.....	104,8	87,4	87,1	98,3	119,3	100,3	94,8	110,1
Metalúrgica.....	105,5	99,6	100,1	110,0	119,9	101,3	100,3	98,9
Material elétrico e de comunicações.....	110,6	68,1	79,9	102,2	124,7	129,0	153,1	110,6
Material de transporte.....	87,5	61,6	111,7	91,6	88,4	79,6	131,4	105,1
Papel e papelão.....	101,9	94,7	100,7	103,3	102,4	94,4	86,4	104,4
Química.....	107,1	95,3	102,9	99,5	113,9	98,4	100,9	100,0
Farmacêutica.....	95,0	83,3	102,8	100,9	137,6	113,0	87,6	108,8
Perfumaria, sabões e velas.....	117,6	97,1	97,1	97,5	110,1	111,7	93,2	107,5
Produtos de matérias plásticas.....	108,5	94,7	97,6	112,7	140,9	92,7	93,6	121,4
Têxtil.....	106,0	74,3	79,8	145,8	115,2	101,5	75,8	98,7
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	105,6	87,0	93,9	98,6	106,4	90,5	92,4	95,6
Produtos alimentares.....	108,5	93,9	100,0	99,7	110,0	102,0	93,3	103,7
Bebidas.....	89,3	88,0	100,9	108,7	133,7	96,2	103,6	124,5
Fumo.....	88,5	91,4	94,4	127,9	140,7	91,8	89,7	103,0
Indústria geral.....	104,2	89,0	101,3	106,2	115,0	100,0	99,8	104,3

**Q.2 – TAXAS DE CRESCIMENTO DA
PRODUÇÃO INDUSTRIAL (%)
Rio de Janeiro**

CATEGORIAS DE USO	1988-87	1989-88
Bens de capital.....	43,0	8,9
Bens intermediários.....	-2,0	3,7
Bens de consumo.....	-9,4	4,0

que a de bens de consumo, apesar de inferior à da indústria de bens de capital, assume importância pelo peso que possui na estrutura industrial local.

Entretanto, deve-se ter em mente que a continuidade do crescimento industrial em 1990 pode estar comprometida, não só pela aceleração inflacionária do início do ano, que produz desarticulação nos preços relativos, como pela possibilidade de uma re-

tração econômica, a partir das medidas a serem anunciadas pelo novo governo.

De um total de quinze gêneros, apenas três apresentaram taxas negativas no indicador acumulado – metalúrgica – 1,1%; têxtil – 1,3% e vestuário, calçados e artefatos de tecido – 4,5% – e um manteve o nível de produção: química. Com relação à metalúrgica, gênero com significativo peso na estrutura industrial do Rio de Janeiro, a retração da demanda interna, associada às dificuldades financeiras e defasagens de preços por que têm passado as empresas do setor, provocaram retração na produção, principalmente de bobinas e chapas de aço comum a quente e de placas de aço comum. As indústrias têxtil e de vestuário, por sua vez, tiveram seu desempenho ditado pelas oscilações das taxas de inflação, cuja

**Q.3 – INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL – 1989
(Base: igual período do ano anterior = 100)
Rio de Janeiro**

CLASSES E GÊNEROS	1º TRIMESTRE	2º TRIMESTRE	3º TRIMESTRE	4º TRIMESTRE
Indústria geral.....	95,39	105,82	107,46	108,06
Extrativa mineral.....	87,40	107,55	115,71	120,86
Indústrias de transformação.....	96,25	105,66	106,76	106,87
Minerais não-metálicos.....	93,83	108,82	124,85	112,21
Metalúrgica.....	91,75	93,30	97,97	114,08
Material elétrico e de comunicações.....	126,73	114,58	106,69	99,79
Material de transporte.....	114,56	90,01	105,83	110,08
Papel e papelão.....	91,38	97,27	108,22	120,99
Química.....	90,10	105,67	104,90	98,63
Farmacêutica.....	89,73	114,24	114,16	115,53
Perfumaria, sabões e velas.....	95,79	120,03	129,49	87,62
Produtos de matérias plásticas.....	112,21	133,24	128,24	112,38
Têxtil.....	75,39	102,15	105,02	113,44
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	92,83	106,52	94,66	88,84
Produtos alimentares.....	93,90	107,39	105,85	106,64
Bebidas.....	108,65	142,12	135,56	117,57
Fumo.....	85,54	119,42	100,53	109,03

aceleração, ao final do ano, provocou forte retração nas vendas internas (quedas na produção, mais intensas que o normal, de -15,6% e -15,4% do 4º trimestre em relação ao trimestre anterior, respectivamente).

Diferentemente de 1988, quando os segmentos ligados à categoria de bens de capital tiveram o melhor desempenho (Ex.: material elétrico e de comunicações e material de transporte), o ano de 1989 revela supremacia dos bens de consumo não-duráveis, com destaque para bebidas (24,5%), produtos de matérias plásticas (21,4%), farmacêutica (8,8%), perfumaria (7,5%) e alimentares (3,7%), que juntos foram responsáveis por 2,4 pontos percentuais na formação da taxa global da indústria de 4,3%.

A explicar este desempenho estariam alguns fatores. Inicialmente, deve-se considerar os efeitos sobre o consumo de taxas de inflação ascendentes, que acabaram por provocar antecipação de demanda para alguns itens. Mais relevantes para a indústria do estado, todavia, foram os ganhos reais de salário e incremento no emprego (crescimento de 0,4% e de 1,6%, respectivamente), para o setor industrial no ano de 1989³, que impulsionaram a produção de bens de

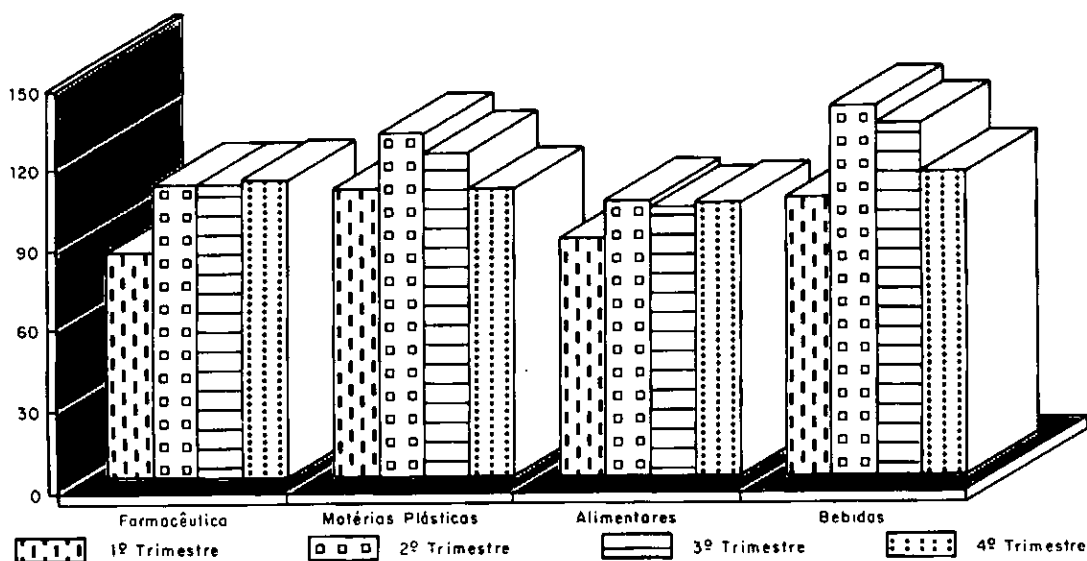
consumo não-duráveis, principalmente a partir do segundo trimestre, após os ajustes provocados pelo Plano Verão. Isto pode ser melhor visualizado no Gráfico 4.

São Paulo

A indústria paulista encerra o ano apresentando crescimento de 2,0% em relação a 1988, confirmando as previsões de expansão industrial para 1989. Esta performance deve-se à expansão da economia provocada pelo Plano Verão, e, em menor medida, ao baixo nível de produção registrado na base de comparação, principalmente nos últimos meses do ano.

O indicador mensal, mesmo apresentando taxa positiva (4,7%), já reflete um arrefecimento do desempenho fabril se comparado com os resultados obtidos em outubro (12,0%) e novembro (9,0%) deste ano. Vale ressaltar que o aquecimento ocorrido nestes dois meses é resultante, principalmente, da maior intensidade do *efeito-base* uma vez que a indústria paulista ajustou seus níveis de produção no último trimestre de 1988 devido ao acúmulo de estoques gerados pela previsão otimista do aumento da demanda do mercado interno entre junho e agosto — cinco gêneros apresentaram taxas negativas em dezembro, enquanto nos

GRÁFICO 4
RIO DE JANEIRO — 1989
Produção Industrial — Índices trimestrais



³ Veja "A Indústria do Estado do Rio de Janeiro e a Economia Nacional" — Balanço Econômico-1989, FIRJAN-CIRJ.

dois meses imediatamente anteriores isto ocorreu, somente em um e dois setores, respectivamente. Dentre os cinco, destacam-se os vinculados ao refino de petróleo (química), a veículos automotores (borracha) e ao beneficiamento de algodão (têxtil) com quedas de - 8,3%, - 12,1% e - 9,8%, respectivamente.

No que se refere às contribuições que mais impactaram na composição da taxa mensal (4,7%), os principais segmentos são: produtos alimentares (30,0%), mecânica (10,3%), material elétrico e de comunicações (15,0%) e papel e papelão (21,5%). Vale ressaltar que o gênero produtos alimentares assinala pelo terceiro mês consecutivo expansão acima de 21,0%, sustentada, principalmente, por suco e concentrado de laranja, o qual teve a sua produção incrementada pelo aumento da demanda do mercado americano, uma vez que ocorreu quebra na safra da laranja devido a fatores climáticos.

Os índices trimestralizados apresentam uma trajetória ascendente a partir do segundo trimestre de 1989 e aumento do número de setores com taxas positivas — passando de dois em janeiro/março para treze em outubro/dezembro. O último trimestre, mesmo assinalando o maior crescimento (8,8%), já registra queda em três gêneros e, se comparado ao período imediatamente anterior, indica perda de dinamismo em oito segmentos industriais (Tabela R).

O crescimento de 2,0 na produção deste parque fabril, em 1989, deveu-se, principalmente, ao aumento da demanda do mercado interno por bens de consumo, devido ao Plano Verão, que teve impactos positivos no rendimento médio do emprego e das vendas no comércio, conforme dados do Departamento de Emprego e Rendimento — DEREN do IBGE e da Fundação do Comércio do Estado de São Paulo — FCESP.

Com estes resultados a indústria paulista acumula um crescimento de 16,0 de 1981 a 1989 e apresentando um nível de produção em 1989 inferior ao verificado em 1986 (Gráfico 5).

Cabe registrar que as maiores expansões neste período estão relacionadas às categorias de bens intermediários e de consumo não-duráveis e setores ligados a vendas ao mercado externo que estão situados muito acima da média industrial: perfumaria, sabões e velas (168,9), papel e papelão (166,7), bebidas (149,9) e produtos de matérias plásticas (140,3). Por outro lado, verifica-se retrações em relação a 1981 em três segmentos: fumo (71,8), vestuário, calçados e artefatos de tecido (80,9) e mecânica (96,0).

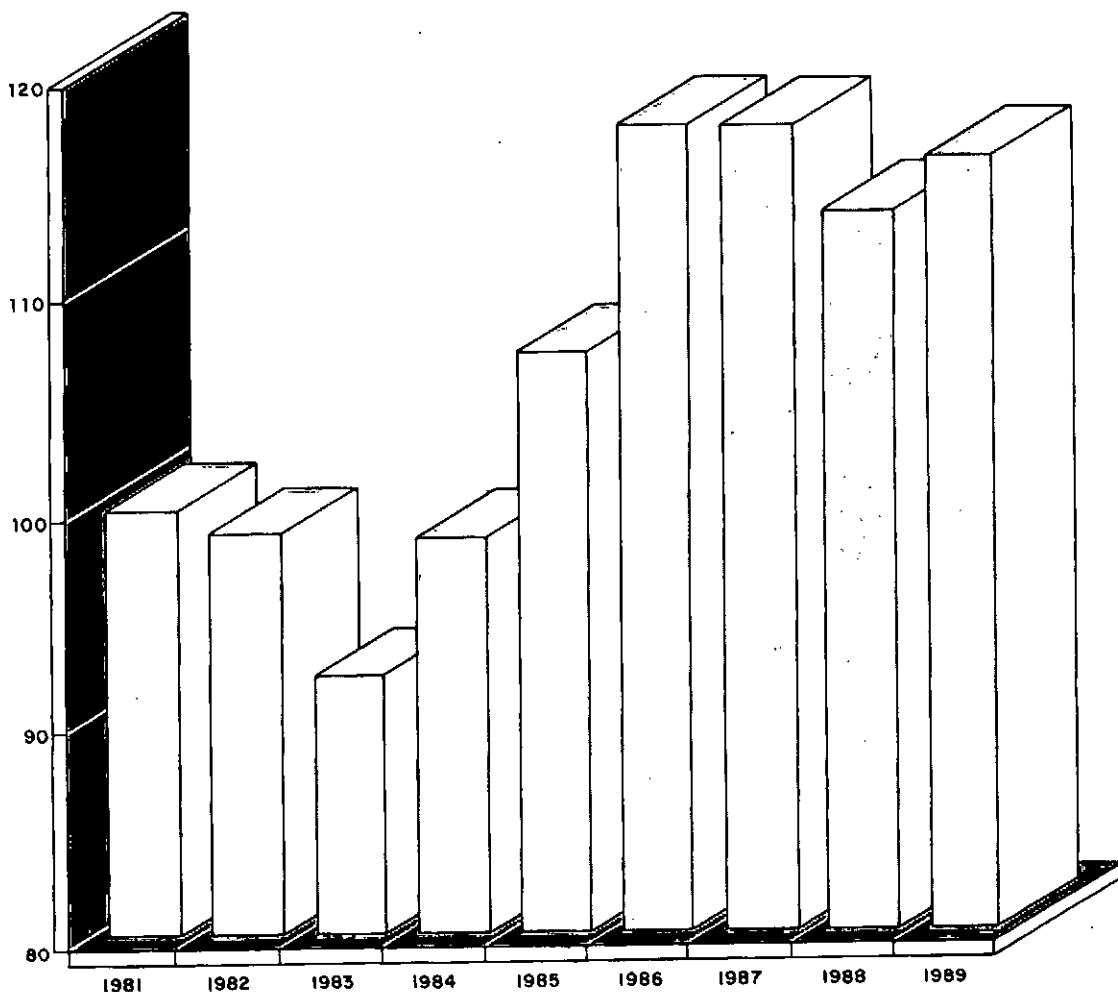
Paraná

A indústria do Paraná termina o ano de 1989 com uma expansão de 8,6% na comparação mensal e 4,2% na acumulada. Es-

R — INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL — 1989
(Base: igual período do ano anterior = 100)
São Paulo

CLASSES E GÊNEROS	1º TRIMESTRE	2º TRIMESTRE	3º TRIMESTRE	4º TRIMESTRE
Indústria geral	91,04	101,22	105,89	108,82
Indústrias de transformação.....	91,04	101,22	105,89	108,82
Minerais não-metálicos	86,95	105,68	110,43	110,35
Metalúrgica.....	95,25	103,77	108,90	108,92
Mecânica.....	78,66	101,30	115,29	112,49
Material elétrico e de comunicações	89,30	99,28	111,72	112,78
Material de transporte.....	90,10	86,92	104,27	98,04
Papel e papelão.....	102,05	110,50	118,90	122,08
Borracha	90,60	95,81	102,71	101,08
Química	94,54	100,16	96,78	104,67
Farmacêutica	79,22	108,30	110,41	118,11
Perfumaria, sabões e velas	83,21	117,22	136,41	118,05
Produtos de matérias plásticas	99,84	128,09	125,40	107,38
Têxtil	92,93	103,54	102,02	99,19
Vestuário, calçados e artefatos de tecido	97,39	107,86	104,48	99,81
Produtos alimentares	93,76	93,41	94,45	124,90
Bebidas	103,05	127,78	116,27	125,08
Fumo.....	91,68	116,01	111,46	110,08

GRÁFICO 5
NÍVEL DE PRODUÇÃO DA INDÚSTRIA — 1981-89
(Base: 1981 = 100)
São Paulo



tes resultados, acima da média nacional, foram conseqüência, principalmente, do incremento da mecânica, com destaque para o setor de refrigeradores para uso doméstico. Este desempenho foi muito influenciado pelo Plano Verão, que teve impactos positivos sobre o mercado interno de bens de consumo.

O indicador mensal registra uma desaceleração de crescimento em relação à taxa de novembro (18,3%). Este movimento descendente, também presente nos resultados a nível nacional, atingiu metade dos gêneros pesquisados, incluindo os de maior peso — produtos alimentares (22,4% em no-

vembro contra 6,1% em dezembro) e química (34,1% contra 1,3%). A evolução destes setores foi, no entanto, parcialmente compensada pela trajetória ascendente dos demais segmentos, com destaque, pela sua influência no índice global, para a mecânica (12,8% contra 68,1% no mês atual) e papel e papelão (7,1% contra 10,1%). O incremento, este mês, foi novamente muito concentrado setorialmente, com dois ramos — mecânica e produtos alimentares — respondendo por mais da metade da variação positiva da indústria.

O resultado do último trimestre do ano (12,3%) foi bem superior (Tabela S) ao pe-

S — INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL — 1989

(Base: igual período do ano anterior = 100)

Paraná

CLASSES E GÊNEROS	1º TRIMESTRE	2º TRIMESTRE	3º TRIMESTRE	4º TRIMESTRE
Indústria geral	93,61	110,44	100,52	112,28
Indústrias de transformação.....	93,61	110,44	100,52	112,28
Minerais não-metálicos	85,80	111,25	122,03	111,46
Mecânica.....	103,10	125,42	117,80	126,71
Papel e papelão.....	102,73	112,67	105,75	108,63
Química.....	97,17	104,21	87,68	108,36
Perfumaria, sabões e velas	79,96	114,84	159,90	122,72
Produtos de matérias plásticas	110,26	101,15	95,26	85,44
Têxtil.....	53,06	132,34	126,91	108,89
Produtos alimentares.....	104,18	99,29	98,48	118,36
Bebidas.....	92,05	125,48	114,73	111,08
Fumo.....	74,22	137,44	114,43	100,52

riodo anterior (0,5%). Destaca-se a melhora na química (8,4%) e produtos alimentares (18,4%) que em julho/setembro assinalaram contrações de -12,3% e -1,5%, respectivamente. O único resultado negativo foi o de produtos de matérias plásticas (-14,6%) com índice abaixo do alcançado na comparação trimestral anterior (-4,7%).

No acumulado do ano, os maiores acréscimos na produção verificaram-se em perfumaria (16,2%), mecânica (18,1%) bebidas (9,8%) e papel e papelão (7,5%). Os produtos que mais influenciaram estes resultados foram: sabão comum (exclusive coco), refrigeradores domésticos, cerveja e caixa de papelão corrugado, respectivamente. Cabe destacar, pelo seu impacto negativo, a queda na química (-1,5%) devido ao decréscimo em gasolina e fertilizantes compostos NPK. Produtos alimentares (4,4%) foi o segundo setor em importância na composição da taxa, tendo sido *puxado* pela menor produção de carne de bovino verde e café solúvel.

Santa Catarina

O parque industrial de Santa Catarina fecha o ano de 1989 com expansão de 4,4% frente ao ano anterior, superando assim o resultado da média brasileira que foi de 3,2%. Esta boa performance deve ser creditada, principalmente, ao expressivo crescimento este ano do setor mecânica (30,3%) impulsionado pela produção de refrigeradores domésticos (46,5%) e de compressores para refrigeradores e semelhantes (13,5%).

Vale ressaltar, também, o desempenho do fumo que assinala incremento de 24,9% influenciado pela entrada em funcionamento de uma unidade produtiva de fumo em folha beneficiado.

No resultado acumulado, outro fato que se destaca é o de que dentre os treze gêneros pesquisados somente quatro apontam queda, exercendo maior impacto negativo, química (-15,8%) e extrativa mineral (-23,9%) influenciados pela retração, principalmente, em farelo de soja peletizado e carvão-de-pedra em bruto.

Na comparação mensal, o resultado de dezembro (5,4%) representa uma contração de 14,1 pontos percentuais frente ao registrado em novembro. À exceção de metalúrgica, todos os demais setores assinalam diminuições em suas taxas mensais entre os dois últimos meses do ano, sendo as mais expressivas detectadas em minerais não-metálicos, que passa de 55,3% para -6,2%, e matérias plásticas, de 25,7% para -7,9%. Nestes gêneros, este comportamento desfavorável é explicado, basicamente, pelo declínio na produção de azulejo decorado — devido à falta de embalagens e de mangueiras, canos, tubos e conexões de material plástico — afetado por férias coletivas em várias empresas respectivamente.

Avaliando-se o comportamento da indústria por um corte trimestral (Tabela T), pode-se verificar que o início do ano foi caracterizado por uma expressiva retração (-12,8% no primeiro trimestre) registrando, inclusive a nível setorial, expansão apenas em mecânica e fumo. Daí em diante, a atividade industrial experimenta acentuada aceleração no seu ritmo de crescimento, al-

T — INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL — 1989
(Base: igual período do ano anterior = 100)
Santa Catarina

CLASSES E GÊNEROS	1º TRIMESTRE	2º TRIMESTRE	3º TRIMESTRE	4º TRIMESTRE
Indústria geral	87,23	106,57	109,69	114,97
Extrativa mineral	75,74	71,74	76,42	80,43
Indústrias de transformação	87,58	107,69	110,87	118,25
Minerais não-metálicos	95,60	106,02	104,05	134,87
Metalúrgica	85,45	100,51	119,13	125,08
Mecânica	104,44	134,43	141,89	138,31
Material elétrico e de comunicações	72,24	88,70	109,05	121,61
Papel e papelão	94,86	101,67	101,21	109,53
Química	69,75	85,27	87,39	91,70
Produtos de matérias plásticas	67,40	120,01	135,24	116,15
Têxtil	85,77	101,02	98,32	100,12
Vestuário, calçados e artefatos de tecido	83,76	103,49	109,92	116,54
Produtos alimentares	83,89	101,39	104,63	115,39
Bebidas	99,97	119,40	109,19	102,53
Fumo	126,90	160,84	80,80	0,00

cançando no período outubro/dezembro a significativa taxa de 15,0% com dez setores assinalando taxas positivas.

Por fim, a indústria catarinense acumula, ao longo da década de 80, crescimento de 29,7%, o maior dentre os locais pesquisados, superior portanto ao da Região Sul (25,1%) e ao da média brasileira (23,1%). Os segmentos que mais se destacaram ao longo deste período foram: material elétrico (181,6%), mecânica (91,2%), fumo (59,9%) e metalúrgica (53,4%). Já com performance negativa figuram: extrativa mineral (-14,8%), têxtil (-4,5%) e vestuário (-4,7%), setores estes que participam com 33,0% da estrutura industrial do estado.

Rio Grande do Sul

A indústria gaúcha termina o ano de 1989 apresentando resultado negativo no indicador mensal de dezembro (-0,5%). Todavia, apesar da desaceleração no ritmo de produção observada a partir do segundo semestre (Gráfico 6), o bom desempenho verificado nos meses de março e junho permitiu que o parque manufatureiro do estado expandisse sua produção, atingindo crescimento de 1,8% no acumulado de 1989, após dois anos seguintes de taxas negativas (1987 = -0,8% e 1988 = -3,0%).

Dentre os quatorze gêneros pesquisados, dez revelaram taxas positivas ao final do ano, com destaque para mecânica (5,6%), metalúrgica (5,9%) e material elétrico e de comunicações (16,2%) devido ao peso as-

sumido na formação da taxa global da indústria. Diferentemente de outros estados, os segmentos ligados à categoria de bens intermediários e de bens de capital tiveram supremacia na definição da performance industrial do Rio Grande do Sul, na forma dos seguintes produtos: transformadores mecânicos de correia ou esteira (mecânica), arame de aço comum (metalúrgica) e capacitores ou condensadores eletrônicos (material elétrico e de comunicações).

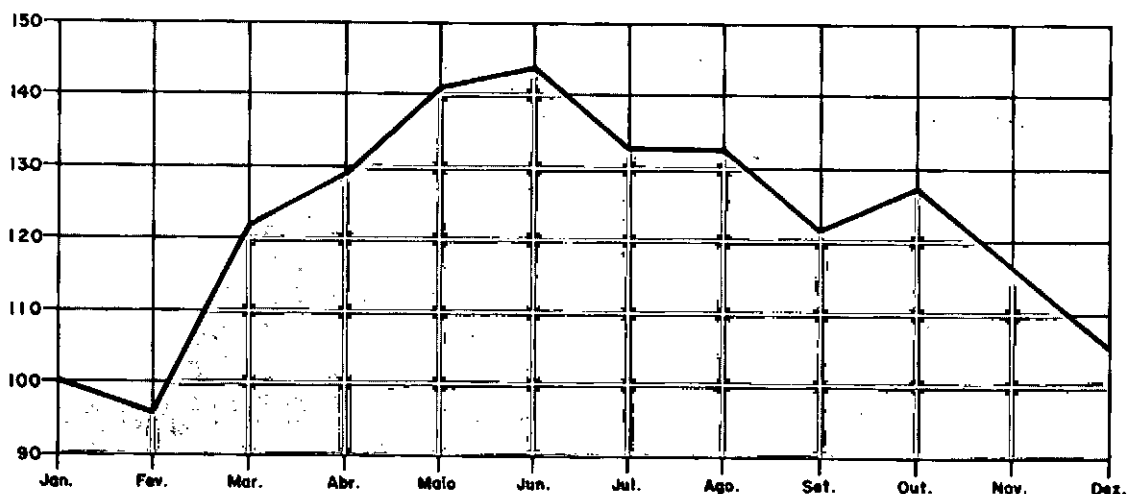
O gênero química, de importante participação na estrutura industrial local, teve o pior desempenho desde 1982 (-9,3%), só superado pela retração de 1988 (-9,5%). Com isto, chega em dezembro de 1989 com o nível de produção cerca de 40% inferior àquele observado para o ano de 1981. Foram responsáveis por esta retração, principalmente, fertilizantes compostos NPK e tintas à base de plástico.

No que tange aos ramos associados a bens de consumo não-duráveis, revelam taxas negativas: perfumaria, sabões e velas (-5,4%) e produtos alimentares (-2,8%), enquanto a indústria de calçados e vestuário mantém praticamente o mesmo nível de produção alcançado no ano anterior (0,1% de crescimento). Os dois últimos segmentos, por terem boa parte da produção voltada para o comércio exterior, podem estar sofrendo influência da defasagem cambial argumentada pelos empresários. Segundo dados da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul — FIERGS, tal defasagem chega a atingir 40% para alguns setores, o que prejudicaria

U – INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL – 1989
(Base: igual período do ano anterior = 100)
Rio Grande do Sul

GÊNEROS	TRIMESTRE			
	Janeiro-março	Abril-Junho	Julho-setembro	Outubro-dezembro
Indústria geral	91,99	106,20	101,70	107,22
Extrativa mineral.....	69,96	91,50	121,84	93,62
Minerais não-metálicos	105,16	132,93	111,27	104,00
Metalúrgica.....	87,35	105,07	117,90	112,05
Mecânica.....	100,06	130,23	96,46	100,92
Material elétrico e de comunicações.....	89,23	113,20	127,71	136,53
Material de transporte.....	64,44	111,78	107,31	126,05
Papel e papelão.....	94,96	110,08	116,31	101,41
Borracha.....	111,59	105,66	123,09	120,58
Química.....	86,64	98,46	79,14	102,90
Perfumaria, sabões e velas.....	75,37	92,58	113,14	99,43
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	96,78	102,70	100,12	100,57
Produtos alimentares.....	95,89	89,50	97,65	106,96
Bebidas.....	91,55	106,90	118,12	116,38
Fumo.....	85,57	108,41	172,40	90,64

GRÁFICO 6
PRODUÇÃO INDUSTRIAL
ÍNDICE DE BASE FIXA MENSAL – 1989
(Base: média de 1981 = 100)
Rio Grande do Sul



a produção industrial, ainda mais se vislumbra um ano de 1990 com medidas econômicas de cunho mais contracionista.

Deste modo, 1989, apesar do crescimento, não significou uma recuperação sustentada da indústria gaúcha, à semelhança do país como um todo, carecendo ainda da falta crônica de investimentos produtivos, que permitam a expansão e modernização do parque produtivo.

DEFINIÇÃO DOS ÍNDICES DIVULGADOS

Índice base fixa: reflete o desempenho do mês de referência do índice, em relação à

produção média mensal do ano-base de comparação (1981).

Índice acumulado de doze meses: reflete o desempenho da produção acumulada nos últimos doze meses de referência dos índices, em relação a igual período imediatamente anterior.

Índice acumulado: reflete o desempenho da produção acumulada no ano, de janeiro até o mês de referência dos índices, em relação a igual período do ano anterior.

Índice mensal: reflete o desempenho da produção no mês de referência dos índices, em relação a igual mês do ano anterior.

1 — ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA — 1989

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Outubro	Novembro	Dezembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Indústria geral	140,12	129,38	112,97	113,11	110,84	104,40
Extrativa mineral.....	205,12	198,32	204,72	109,43	109,52	108,83
Indústrias de transformação	138,15	127,30	110,20	113,28	110,90	104,17
Minerais não-metálicos	112,19	107,02	97,00	112,08	111,06	103,82
Metalúrgica	145,61	140,48	124,59	115,66	116,41	102,92
Metalúrgica básica	144,28	139,31	129,14	104,99	109,94	103,69
Outros produtos metalúrgicos	147,74	142,33	117,31	137,47	128,22	101,58
Mecânica	128,44	121,48	102,95	115,61	107,39	109,44
Material elétrico e de comunicações	154,64	147,26	121,09	117,67	108,83	111,40
Material de transporte.....	120,59	116,49	107,53	103,29	96,96	103,43
Autoveículos.....	128,30	123,94	116,63	99,50	94,38	104,35
Outros produtos de transporte	105,38	101,80	89,58	113,69	103,78	101,12
Papel e papelão	166,37	164,87	159,67	116,40	112,88	113,64
Borracha	149,83	141,04	115,10	111,88	102,06	89,08
Química	157,10	125,68	106,01	107,41	116,08	97,51
Petroquímica, refino e destilação do carvão-de-pedra	130,34	107,45	109,57	107,04	120,82	87,12
Outros produtos químicos	174,67	137,65	103,67	107,59	113,79	106,32
Farmacêutica	132,90	125,99	106,36	111,66	124,40	118,51
Perfumaria, sabões e velas	194,57	160,97	152,30	125,57	103,07	114,94
Produtos de matérias plásticas	151,01	135,86	111,03	121,74	106,53	95,77
Têxtil.....	120,30	116,34	98,19	109,11	110,78	103,59
Vestuário, calçados e artefatos de tecido	101,73	99,84	74,55	111,91	104,70	93,71
Produtos alimentares.....	142,16	129,66	113,56	122,27	115,21	108,54
Bebidas.....	161,75	158,11	149,58	125,38	121,54	106,91
Fumo.....	90,13	81,99	79,81	94,48	106,22	102,77

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ outubro	Janeiro/ novembro	Janeiro/ dezembro	Até outubro	Até novembro	Até dezembro
Indústria geral	102,32	103,07	103,17	101,07	102,57	103,17
Extrativa mineral.....	102,90	103,48	103,93	101,60	102,83	103,93
Indústrias de transformação	102,29	103,05	103,14	101,04	102,56	103,14
Minerais não-metálicos	102,92	103,62	103,64	100,61	102,34	103,64
Metalúrgica	104,60	105,64	105,33	103,30	105,17	105,33
Metalúrgica básica	99,74	100,63	100,87	99,64	100,72	100,87
Outros produtos metalúrgicos	113,29	114,61	113,51	109,97	113,34	113,51
Mecânica	103,71	104,06	104,44	101,40	102,83	104,44
Material elétrico e de comunicações	105,04	105,40	105,83	103,98	105,08	105,83
Material de transporte.....	96,79	96,81	97,30	98,39	97,57	97,30
Autoveículos.....	94,48	94,47	95,18	96,40	95,32	95,18
Outros produtos de transporte	103,37	103,41	103,22	103,95	103,86	103,22
Papel e papelão	107,03	107,58	108,09	106,65	107,29	108,09
Borracha	98,75	99,05	98,27	98,85	99,27	98,27
Química	98,71	100,02	99,84	97,60	100,00	99,84
Petroquímica, refino e destilação do carvão-de-pedra	99,91	101,32	100,08	98,90	101,79	100,08
Outros produtos químicos	98,02	99,27	99,70	96,85	98,97	99,70
Farmacêutica	102,65	104,36	105,28	98,11	101,96	105,28
Perfumaria, sabões e velas	112,05	111,21	111,48	107,86	109,44	111,48
Produtos de matérias plásticas	114,63	113,87	112,45	112,72	113,48	112,45
Têxtil.....	101,39	102,20	102,30	99,85	101,54	102,30
Vestuário, calçados e artefatos de tecido	102,32	102,55	101,69	100,85	101,87	101,69
Produtos alimentares.....	99,13	100,64	101,27	97,72	99,66	101,27
Bebidas.....	114,67	115,51	114,70	112,16	114,37	114,70
Fumo.....	105,18	105,24	105,11	103,63	104,47	105,11

**2 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL, COM AJUSTAMENTO SAZONAL,
SEGUNDO AS CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA – 1989**
Base fixa mensal

CLASSES E GÊNEROS	JUNHO	JULHO	AGOSTO	SETEMBRO	OUTUBRO	NOVEMBRO	DEZEMBRO
Indústria geral.....	128,08	131,14	130,86	126,84	126,30	124,61	124,83
Extrativa mineral.....	194,38	194,82	201,63	200,56	198,85	198,07	197,74
Indústrias de transformação.....	126,08	129,21	128,72	124,61	124,11	122,39	122,63
Minerais não-metálicos.....	113,33	115,17	112,15	108,83	105,90	104,34	98,38
Metalúrgica.....	135,43	139,59	141,30	138,73	136,41	137,92	134,24
Metalúrgica básica.....	135,55	136,98	138,50	137,02	135,74	138,20	134,66
Outros produtos metalúrgicos.....	135,23	143,76	145,78	141,46	137,48	137,46	133,54
Mecânica.....	124,32	126,67	126,42	122,59	116,81	113,26	115,76
Material elétrico e de comunicações.....	135,31	148,01	149,76	143,61	138,41	135,11	143,59
Material de transporte.....	118,33	125,99	125,06	120,43	113,75	110,91	124,07
Autoveículos.....	125,04	139,21	138,34	131,31	123,25	120,23	138,19
Outros produtos de transporte.....	105,08	99,91	98,83	98,94	95,00	92,51	96,20
Papel e papelão.....	151,83	155,40	156,10	156,34	159,26	161,35	163,98
Borracha.....	139,51	146,47	140,58	141,16	140,86	137,71	121,54
Química.....	130,49	132,28	129,82	122,48	131,82	126,35	128,39
Petroquímica, refino e destilação do carvão- de-pedra.....	117,04	121,96	121,88	119,53	123,80	114,98	114,85
Outros produtos químicos.....	139,32	139,06	135,02	124,41	137,08	133,81	137,28
Farmacêutica.....	128,96	135,51	128,97	122,34	125,53	124,17	125,57
Perfumaria, sabões e velas.....	184,64	186,17	191,73	177,69	170,75	162,48	167,56
Produtos de matérias plásticas.....	159,67	157,61	155,34	143,23	139,23	130,65	125,18
Têxtil.....	115,34	115,00	115,88	113,97	112,99	114,27	111,12
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	97,09	95,76	95,27	92,30	87,79	87,23	82,62
Produtos alimentares.....	109,38	109,01	113,29	112,83	115,71	118,34	113,71
Bebidas.....	158,22	156,28	149,61	146,13	149,15	145,51	141,96
Fumo.....	157,53	180,72	139,70	129,35	130,62	129,18	131,48

**3 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL,
SEGUNDO CATEGORIAS DE USO – 1989**

CATEGORIAS DE USO	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Outubro	Novembro	Dezembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Bens de Capital.....	113,77	111,98	100,11	111,85	105,80	105,97
Bens intermediários.....	146,03	134,42	121,50	111,02	111,70	104,10
Bens de consumo.....	140,61	128,07	108,24	114,03	110,46	103,24
Duráveis.....	149,99	136,93	112,88	106,24	96,67	96,78
Não-duráveis.....	138,65	126,22	107,27	115,95	114,15	104,78

CATEGORIAS DE USO	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ outubro	Janeiro/ novembro	Janeiro/ dezembro	Até outubro	Até novembro	Até dezembro
Bens de capital.....	99,46	100,04	100,49	99,14	99,92	100,49
Bens intermediários.....	101,77	102,61	102,73	100,85	102,33	102,73
Bens de consumo.....	103,34	103,98	103,93	101,57	103,21	103,93
Duráveis.....	103,59	102,92	102,46	103,10	102,92	102,46
Não-duráveis.....	103,28	104,25	104,29	101,20	103,28	104,29

4 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL, SEGUNDO OS SETORES DA MATRIZ DE RELAÇÕES INTERSETORIAIS – 1989

(continua)

SETORES DA MATRIZ DE RELAÇÕES INTERSETORIAIS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Outubro	Novembro	Dezembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Extração de minerais metálicos	137,01	131,55	130,52	103,21	97,68	103,87
Extração de petróleo e gás natural	286,67	275,63	290,90	113,20	117,89	119,25
Extração de carvão mineral	88,28	91,30	71,93	92,62	85,15	55,48
Cimento	91,68	92,78	95,98	94,41	108,08	110,57
Vidro e artefatos de vidro	141,52	140,44	130,48	115,04	117,94	120,29
Artefatos de cimento e concreto	112,73	93,95	75,49	128,44	104,29	87,95
Tijolos e artefatos de barro	134,32	126,60	105,06	128,55	123,10	101,20
Gusa	194,60	189,84	192,82	98,71	110,69	102,48
Aço, ferroliga – em forma primária	171,21	167,76	174,72	88,99	98,42	101,42
Laminados de aço	139,50	135,15	128,56	104,00	116,99	98,73
Fundidos e forjados de aço	131,35	126,52	104,58	108,61	102,95	103,28
Trefilados	134,59	129,22	109,80	121,59	122,97	125,03
Motores e bombas	174,10	153,23	130,83	149,90	134,67	126,70
Máquinas agrícolas	128,21	98,50	80,62	132,66	102,26	101,10
Tratores e máquinas rodoviárias	99,45	81,28	60,39	98,81	76,18	94,39
Equipamentos para escritórios e uso domiciliar	171,78	165,55	145,93	120,65	116,85	107,20
Equipamentos para energia elétrica	128,26	132,17	112,95	100,54	103,26	90,12
Condutores elétricos	122,17	122,83	123,23	118,73	112,63	133,23
Material elétrico – exclusive para veículos	160,83	157,95	128,65	132,61	126,45	127,62
Material elétrico para veículos	138,00	125,14	100,84	133,20	112,31	112,37
Motores e aparelhos elétricos	169,04	172,21	150,25	102,52	103,33	116,88
Receptores de televisão, rádio e som	177,66	160,43	108,01	115,51	103,51	98,33
Automóveis e camionetas	128,52	116,41	126,77	91,80	82,92	99,04
Caminhões e ônibus	108,48	114,29	99,92	97,49	99,24	114,90
Motores e autopeças	152,53	144,76	123,50	112,08	103,75	100,68
Indústria naval	66,40	62,34	62,18	128,58	110,08	103,19
Celulose e pasta mecânica	143,10	147,23	146,16	100,17	102,77	105,01
Papel e papelão	180,13	171,84	167,06	105,69	100,50	103,69
Artefatos de papel e papelão	174,55	175,33	167,37	140,61	131,10	128,35
Pneumáticos	147,01	140,27	117,07	108,84	101,81	90,99
Refino de petróleo	127,20	101,27	102,61	108,07	124,92	85,14
Petroquímica	148,85	145,78	154,05	102,34	106,07	97,07
Resinas, fibras e elastômeros	166,21	154,42	151,58	107,13	107,05	103,93
Pigmentos e tintas	165,24	155,13	114,52	118,78	115,46	97,12
Adubos e fertilizantes	119,14	96,69	66,07	84,47	102,08	97,61
Laminados plásticos	169,11	150,11	127,34	126,63	110,26	100,94
Fiação e tecelagem têxteis naturais	122,20	118,01	105,40	108,01	112,32	108,31
Fiação e tecelagem têxteis artificiais	116,75	111,37	87,69	105,02	104,62	94,20
Calçados	117,32	111,78	91,93	110,66	98,83	85,04
Moagem de trigo	113,16	109,61	104,61	106,29	97,48	96,98
Abate e preparo de carne	77,16	88,71	88,50	109,36	117,75	105,84
Abate e preparo de aves	160,58	154,08	148,53	120,59	112,52	105,86
Laticínios	115,58	124,81	131,89	113,43	110,89	104,15
Usinas de açúcar	166,51	111,17	70,67	111,95	99,39	85,27
Refino de açúcar	96,12	103,65	95,95	107,10	108,94	90,92
Refino de óleos e gorduras para alimentos	125,48	111,39	103,42	122,39	109,43	104,91
Preparo de alimentos para animais	111,95	111,19	103,90	106,46	104,66	104,97
Cerveja, chope e malte	164,26	167,75	169,02	120,50	116,68	110,37
Refrigerantes	158,16	168,92	180,19	123,09	121,23	106,97

4 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL, SEGUNDO OS SETORES DA
MATRIZ DE RELAÇÕES INTERSETORIAIS – 1989

SETORES DA MATRIZ DE RELAÇÕES INTERSETORIAIS	(conclusão)					
	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ outubro	Janeiro/ novembro	Janeiro/ dezembro	Até outubro	Até novembro	Até dezembro
Extração de minerais metálicos	102,36	101,92	102,07	102,78	102,23	102,07
Extração de petróleo e gás natural.....	104,84	105,93	107,01	102,57	104,64	107,01
Extração de carvão mineral.....	83,28	83,46	80,60	85,98	85,76	80,60
Cimento.....	101,42	101,99	102,68	99,83	101,22	102,68
Vidro e artefatos de vidro.....	104,95	106,16	107,27	98,97	102,61	107,27
Artefatos de cimento e concreto.....	101,38	101,61	100,63	97,77	99,86	100,63
Tijolos e artefatos de barro.....	105,83	107,24	106,78	103,83	106,00	106,78
Gusa.....	102,58	103,28	103,21	102,54	103,64	103,21
Aço, ferrolga – em forma primária.....	96,04	96,25	96,68	96,68	96,74	96,68
Laminados de aço.....	100,86	102,20	101,90	100,08	102,28	101,90
Fundidos e forjados de aço.....	93,23	94,11	94,75	95,71	95,13	94,75
Trefilados.....	105,82	107,33	108,54	102,59	105,82	108,54
Motores e bombas.....	111,37	113,43	114,41	106,32	111,82	114,41
Máquinas agrícolas.....	126,60	124,37	122,72	115,79	119,36	122,72
Tratores e máquinas rodoviárias.....	90,10	88,86	89,14	87,56	86,35	89,14
Equipamentos para escritórios e uso domiciliar.....	110,05	110,66	110,39	107,51	110,13	110,39
Equipamentos para energia elétrica.....	97,45	97,98	97,33	98,78	99,09	97,33
Condutores elétricos.....	102,99	103,89	106,04	102,73	103,71	106,04
Material elétrico – exclusive para veículos.....	105,67	107,51	108,85	102,72	105,30	108,85
Material elétrico para veículos.....	108,05	108,40	108,65	106,62	108,33	108,65
Motores e aparelhos elétricos.....	98,29	98,82	100,19	98,74	98,89	100,19
Receptores de televisão, rádio e som.....	107,31	106,93	106,36	104,97	106,14	106,36
Automóveis e camionetas.....	97,34	96,00	96,24	100,20	97,44	96,24
Caminhões e ônibus.....	88,59	89,55	91,15	89,76	89,71	91,15
Motores e autopeças.....	99,10	99,52	99,61	100,18	100,19	99,61
Indústria naval.....	103,97	104,54	104,42	107,12	106,47	104,42
Celulose e pasta mecânica.....	100,83	101,02	101,35	100,98	100,64	101,35
Papel e papelão.....	102,08	101,94	102,08	102,35	101,96	102,08
Artefatos de papel e papelão.....	118,40	119,66	120,43	116,88	119,16	120,43
Pneumáticos.....	97,64	98,03	97,46	98,53	98,50	97,46
Refino de petróleo.....	99,43	101,07	99,68	98,14	101,55	99,68
Petroquímica.....	102,62	102,90	102,40	103,00	103,34	102,40
Resinas, fibras e elastômeros.....	101,17	101,68	101,86	100,33	101,40	101,86
Pigmentos e tintas.....	114,39	114,49	113,14	111,58	113,22	113,14
Adubos e fertilizantes.....	79,73	81,24	82,00	78,64	81,13	82,00
Laminados plásticos.....	117,50	116,83	115,58	115,25	116,32	115,58
Fiação e tecelagem têxteis naturais.....	101,99	102,88	103,29	99,93	102,01	103,29
Fiação e tecelagem têxteis artificiais.....	99,06	99,54	99,16	97,90	99,00	99,16
Calçados.....	104,30	103,77	102,16	103,50	103,71	102,16
Moagem de trigo.....	106,66	105,82	105,10	105,15	105,14	105,10
Abate e preparo de carne.....	87,73	89,84	90,99	88,86	90,24	90,99
Abate e preparo de aves.....	104,64	105,36	105,40	103,24	104,66	105,40
Laticínios.....	99,73	100,77	101,09	97,92	99,98	101,09
Usinas de açúcar.....	85,55	86,98	86,86	84,89	86,10	86,86
Refino de açúcar.....	85,76	87,83	88,11	83,81	87,44	88,11
Refino de óleos e gorduras para alimentos.....	110,41	110,33	109,91	108,83	109,31	109,91
Preparo de alimentos para animais.....	102,86	103,03	103,19	101,28	101,97	103,19
Cerveja, chope e malte.....	114,64	114,84	114,41	112,93	113,95	114,41
Refrigerantes.....	118,16	118,47	117,23	113,38	116,19	117,23

5 — ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA — 1989

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Outubro	Novembro	Dezembro	Outubro	Novembro	Dezembro
PERNAMBUCO						
Indústria geral.....	140,02	141,72	131,55	112,34	99,12	92,74
Indústrias de transformação.....	140,02	141,72	131,55	112,34	99,12	92,74
Minerais não-metálicos.....	78,11	64,73	71,68	85,16	77,70	89,25
Metalúrgica.....	159,42	153,54	134,21	114,87	114,77	95,55
Material elétrico e de comunicações.....	147,69	162,53	154,99	174,30	142,38	132,00
Papel e papelão.....	147,00	139,20	129,52	124,09	137,79	122,35
Química.....	261,83	272,80	250,05	120,54	100,91	89,12
Perfumaria, sabões e velas.....	104,07	84,14	63,52	88,99	88,70	66,00
Produtos de matérias plásticas.....	112,91	95,56	76,84	137,94	116,90	99,47
Têxtil.....	96,35	87,92	82,31	100,96	98,40	97,08
Produtos alimentares.....	122,91	136,61	127,37	101,41	83,81	82,88
Bebidas.....	124,90	124,35	120,75	116,72	113,04	96,26
Fumo.....	130,44	127,43	115,62	99,60	101,29	109,07

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro outubro	Janeiro/novembro	Janeiro/dezembro	Até outubro	Até novembro	Até dezembro
PERNAMBUCO						
Indústria geral.....	101,43	101,16	100,27	99,64	100,30	100,27
Indústrias de transformação.....	101,43	101,16	100,27	99,64	100,30	100,27
Minerais não-metálicos.....	82,47	82,09	82,60	80,81	80,53	82,60
Metalúrgica.....	111,07	111,44	109,95	111,44	111,87	109,95
Material elétrico e de comunicações.....	134,05	134,87	134,60	130,22	131,30	134,60
Papel e papelão.....	108,50	110,94	111,85	104,76	109,43	111,85
Química.....	104,73	104,20	102,29	103,24	103,73	102,29
Perfumaria, sabões e velas.....	108,83	107,11	103,83	104,19	105,81	103,83
Produtos de matérias plásticas.....	96,92	98,44	98,51	96,74	98,86	98,51
Têxtil.....	92,01	92,59	92,94	92,64	93,19	92,94
Produtos alimentares.....	95,11	93,25	91,86	92,72	92,16	91,86
Bebidas.....	112,58	112,63	110,77	109,88	111,68	110,77
Fumo.....	97,93	98,23	99,00	96,30	97,83	99,00

5 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA – 1989

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Outubro	Novembro	Dezembro	Outubro	Novembro	Dezembro
BAHIA						
Indústria geral.....	132,36	125,89	123,56	115,43	125,92	105,47
Extrativa mineral.....	107,80	104,12	109,04	98,43	105,74	108,59
Indústrias de transformação.....	136,52	129,57	126,02	118,16	129,27	105,30
Minerais não-metálicos.....	92,19	72,13	60,76	109,17	94,62	93,74
Metalúrgica.....	133,01	114,39	120,88	138,52	143,10	107,45
Material elétrico e de comunicações.....	194,94	178,80	171,63	129,29	115,45	138,80
Borracha.....	168,86	189,12	165,33	120,30	113,40	94,35
Química.....	138,29	131,61	132,26	110,83	127,74	103,56
Perfumaria, sabões e velas.....	138,10	139,16	129,22	137,87	122,74	121,29
Produtos alimentares.....	134,18	139,33	112,65	171,56	158,08	113,27
Bebidas.....	177,47	181,15	161,61	121,48	120,47	105,05
CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ outubro	Janeiro/ novembro	Janeiro/ dezembro	Até outubro	Até novembro	Até dezembro
BAHIA						
Indústria geral.....	102,43	104,26	104,36	99,92	103,22	104,36
Extrativa mineral.....	98,40	99,01	99,60	97,88	98,71	99,60
Indústrias de transformação.....	103,06	105,09	105,10	100,23	103,92	105,10
Minerais não-metálicos.....	95,20	95,16	95,06	94,04	94,32	95,06
Metalúrgica.....	108,28	110,79	110,48	105,04	110,48	110,48
Material elétrico e de comunicações.....	93,80	95,66	98,43	91,04	93,84	98,43
Borracha.....	109,96	110,27	108,90	112,15	111,78	108,90
Química.....	103,93	105,74	105,55	101,48	104,76	105,55
Perfumaria, sabões e velas.....	97,79	99,73	101,20	94,71	97,73	101,20
Produtos alimentares.....	97,97	102,73	103,60	91,67	99,64	103,60
Bebidas.....	112,27	113,06	112,34	109,19	110,98	112,34

5 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA – 1989

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Outubro	Novembro	Dezembro	Outubro	Novembro	Dezembro
REGIÃO NORDESTE						
Indústria geral.....	142,49	142,51	131,85	111,34	112,38	100,40
Extrativa mineral.....	158,92	153,17	161,30	105,08	111,69	111,35
Indústrias de transformação.....	140,22	141,04	127,77	112,39	112,49	98,71
Minerais não-metálicos.....	94,45	90,47	85,67	98,01	103,88	96,90
Metalúrgica.....	167,31	153,81	145,39	124,68	124,80	102,44
Material elétrico e de comunicações.....	155,36	155,98	147,04	158,84	140,48	139,14
Papel e Papelão.....	135,20	133,33	122,79	113,47	119,90	107,20
Borracha.....	120,51	129,58	111,35	110,98	104,05	87,55
Química.....	157,23	155,08	147,64	110,59	117,72	96,22
Perfumaria, sabões e velas.....	113,61	95,24	84,64	106,85	88,54	76,82
Produtos de matérias plásticas.....	127,05	113,07	88,07	140,10	117,55	105,63
Têxtil.....	127,17	140,89	129,79	98,19	112,88	114,45
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	143,03	144,25	89,98	120,35	118,40	104,23
Produtos alimentares.....	136,69	143,54	126,74	116,73	99,15	88,57
Bebidas.....	137,49	139,13	128,75	119,17	118,08	98,57
Fumo.....	118,92	116,63	105,80	97,20	101,20	106,33

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ outubro	Janeiro/ novembro	Janeiro/ dezembro	Até outubro	Até novembro	Até dezembro
REGIÃO NORDESTE						
Indústria geral.....	103,72	104,60	104,20	101,17	103,51	104,20
Extrativa mineral.....	103,28	104,00	104,61	102,00	103,29	104,61
Indústrias de transformação.....	103,80	104,72	104,13	101,02	103,55	104,13
Minerais não-metálicos.....	94,87	95,64	95,74	93,62	94,85	95,74
Metalúrgica.....	115,56	116,38	115,09	112,52	115,43	115,09
Material elétrico e de comunicações.....	110,49	13,04	115,00	107,23	110,40	115,00
Papel e papelão.....	101,56	103,17	103,50	99,80	102,38	103,50
Borracha.....	105,81	105,65	104,14	106,65	106,49	104,14
Química.....	104,23	105,58	104,60	100,83	104,25	104,60
Perfumaria, sabões e velas.....	98,37	97,54	95,87	96,40	96,98	95,87
Produtos de matérias plásticas.....	99,97	101,44	101,72	99,00	101,21	101,72
Têxtil.....	100,49	101,85	102,99	102,40	102,76	102,99
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	105,31	108,55	106,40	102,94	105,90	106,40
Produtos alimentares.....	102,85	102,32	100,58	97,01	99,64	100,58
Bebidas.....	112,62	112,99	111,51	109,91	111,57	111,51
Fumo.....	96,63	97,04	97,70	95,02	96,61	97,70

5 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA – 1989

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Outubro	Novembro	Dezembro	Outubro	Novembro	Dezembro
MINAS GERAIS						
Indústria geral	137,13	135,09	123,43	105,42	106,71	104,63
Extrativa mineral	116,59	113,25	107,91	98,29	94,99	98,95
Indústrias de transformação.....	138,85	136,92	124,73	105,96	107,63	105,06
Minerais não-metálicos.....	104,68	104,43	95,95	98,90	106,75	99,91
Metalúrgica	142,83	147,33	138,08	97,84	104,12	104,41
Material elétrico e de comunicações.....	159,30	151,82	157,86	108,66	82,77	133,28
Material de transporte.....	140,74	197,88	143,55	98,14	122,85	109,33
Papel e papelão.....	175,54	174,02	171,08	147,65	103,33	95,67
Química	194,33	163,97	143,91	111,01	107,76	104,95
Produtos de matérias plásticas.....	134,40	112,74	129,36	115,41	100,83	106,21
Têxtil.....	127,74	123,18	120,19	104,02	102,62	107,87
Vestuário, calçados e artefatos de tecido	115,27	112,07	85,84	123,33	124,32	110,65
Produtos alimentares	113,63	89,38	82,06	129,58	122,42	98,98
Bebidas.....	161,27	153,59	155,70	111,80	105,61	97,35
Fumo.....	171,22	148,77	159,23	106,28	109,81	120,36

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ outubro	Janeiro/ novembro	Janeiro/ dezembro	Até outubro	Até novembro	Até dezembro
MINAS GERAIS						
Indústria geral	99,71	100,33	100,65	99,40	100,11	100,65
Extrativa mineral	99,62	99,20	99,18	100,29	99,71	99,18
Indústrias de transformação.....	99,71	100,41	100,77	99,33	100,13	100,77
Minerais não-metálicos.....	98,41	99,14	99,20	97,27	98,46	99,20
Metalúrgica	97,48	98,09	98,60	98,44	98,37	98,60
Material elétrico e de comunicações.....	97,58	95,88	98,46	100,33	96,03	98,46
Material de transporte.....	101,37	103,39	103,81	101,33	103,39	103,81
Papel e papelão.....	94,67	95,50	95,51	96,14	96,36	95,51
Química	106,92	106,99	106,84	105,35	105,87	106,84
Produtos de matérias plásticas.....	101,36	101,31	101,74	96,96	99,87	101,74
Têxtil.....	106,05	105,74	105,91	104,30	105,20	105,91
Vestuário, calçados e artefatos de tecido	113,47	114,52	114,22	108,29	111,98	114,22
Produtos alimentares	92,50	94,35	94,65	91,12	94,08	94,65
Bebidas.....	107,33	107,17	106,22	104,69	106,70	106,22
Fumo.....	101,35	102,02	103,32	97,34	99,51	103,32

5 — ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA — 1989

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Outubro	Novembro	Dezembro	Outubro	Novembro	Dezembro
RIO DE JANEIRO						
Indústria geral	130,80	119,42	111,48	111,72	115,50	97,57
Extrativa mineral	596,24	573,98	612,63	119,15	121,74	121,75
Indústrias de transformação	121,67	110,50	101,65	111,06	114,90	95,34
Minerais não-metálicos	98,32	99,14	97,96	107,10	120,17	110,10
Metalúrgica	155,09	145,52	138,58	106,31	150,06	97,51
Material elétrico e de comunicações	178,19	175,63	170,18	103,33	99,43	96,68
Material de transporte	59,23	58,53	54,54	120,98	114,32	96,76
Papel e papelão	99,25	97,78	92,11	116,97	127,03	119,38
Química	136,06	94,05	90,21	113,02	99,98	81,77
Farmacêutica	122,35	130,70	115,89	112,38	125,22	109,23
Perfumaria, sabões e velas	119,85	126,41	109,99	99,95	89,83	75,35
Produtos de matérias plásticas	168,23	151,72	142,71	125,47	109,31	102,81
Têxtil	93,39	81,58	67,36	120,50	114,00	104,34
Vestuário, calçados e artefatos de tecido	78,01	72,70	55,15	98,76	85,51	81,45
Produtos alimentares	129,45	121,92	94,73	115,36	114,82	89,25
Bebidas	144,06	153,82	161,39	124,43	120,01	110,03
Fumo	128,79	109,71	112,63	111,93	104,26	110,69
CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ outubro	Janeiro/ novembro	Janeiro/ dezembro	Até outubro	Até novembro	Até dezembro
RIO DE JANEIRO						
Indústria geral	103,94	104,89	104,28	102,46	104,51	104,28
Extrativa mineral	104,44	105,89	107,19	101,55	104,27	107,19
Indústrias de transformação	103,89	104,79	104,00	102,55	104,54	104,00
Minerais não-metálicos	109,20	110,13	110,12	106,94	109,27	110,12
Metalúrgica	95,57	98,98	98,86	93,02	98,63	98,86
Material elétrico e de comunicações	113,63	112,10	110,60	119,07	114,64	110,60
Material de transporte	105,10	105,95	105,10	108,39	107,98	105,10
Papel e papelão	100,99	103,15	104,39	99,73	102,79	104,39
Química	101,62	101,51	99,97	99,66	101,37	99,97
Farmacêutica	107,19	108,72	108,76	103,33	105,76	108,76
Perfumaria, sabões e velas	113,47	110,99	107,49	111,36	111,59	107,49
Produtos de matérias plásticas	124,45	123,06	121,37	119,81	121,19	121,37
Têxtil	96,95	98,29	98,69	92,15	95,89	98,69
Vestuário, calçados e artefatos de tecido	98,00	96,71	95,55	96,57	95,64	95,55
Produtos alimentares	104,01	104,99	103,68	104,91	105,55	103,68
Bebidas	126,98	126,26	124,53	123,33	124,41	124,53
Fumo	102,22	102,39	103,01	99,29	101,20	103,01

5 — ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA — 1989

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Outubro	Novembro	Dezembro	Outubro	Novembro	Dezembro
SÃO PAULO						
Indústria geral.....	134,03	120,40	102,98	112,02	108,98	104,74
Indústrias de transformação.....	134,03	120,40	102,98	112,02	108,98	104,74
Minerais não-metálicos.....	119,92	116,32	102,71	112,52	110,03	108,28
Metalúrgica.....	130,80	126,21	105,78	114,22	110,44	101,45
Mecânica.....	108,21	100,99	85,02	118,77	108,16	110,30
Material elétrico e de comunicações.....	120,66	113,79	97,98	116,11	107,72	114,99
Material de transporte.....	129,71	120,11	116,75	99,54	91,03	104,57
Papel e papelão.....	187,62	187,44	184,79	125,97	118,99	121,48
Borracha.....	155,23	142,13	114,81	113,94	100,82	87,95
Química.....	155,45	122,69	98,39	104,04	119,07	91,73
Farmacêutica.....	139,77	129,34	109,96	109,07	123,89	124,40
Perfumaria, sabões e velas.....	207,59	168,90	155,61	129,97	106,60	117,37
Produtos de matérias plásticas.....	153,60	135,26	108,62	121,66	104,68	94,70
Têxtil.....	113,36	102,46	82,73	104,71	101,41	90,25
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	90,98	88,47	70,08	105,03	98,71	95,02
Produtos alimentares.....	158,38	130,23	108,06	125,07	120,73	130,04
Bebidas.....	181,80	173,22	155,96	129,00	132,07	114,30
Fumo.....	78,51	66,24	69,15	118,80	104,60	106,56

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ outubro	Janeiro/ novembro	Janeiro/ dezembro	Até outubro	Até novembro	Até dezembro
SÃO PAULO						
Indústria geral.....	101,14	101,82	102,03	100,15	101,42	102,03
Indústrias de transformação.....	101,14	101,82	102,03	100,15	101,42	102,03
Minerais não-metálicos.....	102,34	103,03	103,42	100,10	101,50	103,42
Metalúrgica.....	103,90	104,50	104,27	103,83	104,66	104,27
Mecânica.....	100,49	101,17	101,79	97,73	99,54	101,79
Material elétrico e de comunicações.....	102,01	102,53	103,39	100,91	102,26	103,39
Material de transporte.....	94,57	94,24	94,99	96,42	95,04	94,99
Papel e papelão.....	112,26	112,92	113,66	112,10	112,87	113,66
Borracha.....	98,19	98,43	97,62	98,59	98,76	97,62
Química.....	98,02	99,54	99,00	97,03	99,64	99,00
Farmacêutica.....	100,51	102,27	103,60	95,49	99,84	103,60
Perfumaria, sabões e velas.....	113,24	112,60	112,96	108,61	110,60	112,96
Produtos de matérias plásticas.....	118,54	117,21	115,44	116,30	116,59	115,44
Têxtil.....	100,11	100,22	99,50	98,77	99,84	99,50
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	103,66	103,15	102,52	102,22	102,42	102,52
Produtos alimentares.....	97,48	99,51	101,43	96,33	98,25	101,43
Bebidas.....	117,02	118,44	118,07	113,88	117,20	118,07
Fumo.....	107,59	107,33	107,27	105,69	106,37	107,27

5 — ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA — 1989

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Outubro	Novembro	Dezembro	Outubro	Novembro	Dezembro
PARANÁ						
Indústria geral	124,79	115,91	103,37	110,18	118,28	108,59
Indústrias de transformação	124,79	115,91	103,37	110,18	118,28	108,59
Minerais não-metálicos	107,44	98,37	91,88	121,43	105,23	107,94
Mecânica	149,61	152,28	144,02	114,01	112,82	168,05
Papel e papelão	168,46	165,01	160,30	108,84	107,05	110,07
Química	110,79	101,04	82,88	96,47	134,07	101,34
Perfumaria, sabões e velas	146,48	120,83	111,06	128,18	95,25	165,26
Produtos de matérias plásticas	102,40	87,37	72,10	94,88	81,98	78,37
Têxtil	78,20	66,98	50,60	120,73	105,20	98,52
Produtos alimentares	140,86	128,63	117,46	126,72	122,44	106,10
Bebidas	160,06	162,39	177,49	116,63	112,42	105,35
Fumo	204,69	205,04	189,19	90,29	94,94	123,52

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ outubro	Janeiro/ novembro	Janeiro/ dezembro	Até outubro	Até novembro	Até dezembro
PARANÁ						
Indústria geral	102,74	103,92	104,24	103,56	104,37	104,24
Indústrias de transformação	102,74	103,92	104,24	103,56	104,37	104,24
Minerais não-metálicos	107,64	107,42	107,46	104,75	106,00	107,46
Mecânica	115,61	115,37	118,14	108,12	111,35	118,14
Papel e papelão	107,28	107,26	107,49	106,24	106,79	107,49
Química	95,79	98,34	98,54	101,37	101,42	98,54
Perfumaria, sabões e velas	115,73	113,89	116,23	115,78	113,05	116,23
Produtos de matérias plásticas	100,97	99,20	97,65	102,59	100,29	97,65
Têxtil	104,18	104,22	104,04	103,64	103,82	104,04
Produtos alimentares	102,74	104,30	104,44	102,56	104,17	104,44
Bebidas	110,10	110,33	109,81	108,23	109,31	109,81
Fumo	104,06	103,33	104,42	103,82	102,08	104,42

5 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA – 1989

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Outubro	Novembro	Dezembro	Outubro	Novembro	Dezembro
SANTA CATARINA						
Indústria geral.....	141,15	139,15	111,81	119,04	119,52	105,43
Extrativa mineral.....	96,70	88,29	85,67	85,43	80,05	75,80
Indústrias de transformação.....	142,83	141,06	112,79	120,25	120,92	106,62
Minerais não-metálicos.....	156,17	144,09	113,92	168,22	155,34	93,77
Metalúrgica.....	180,40	165,16	134,16	130,46	117,66	127,92
Mecânica.....	212,92	205,44	171,24	143,97	142,78	127,30
Material elétrico e de comunicações.....	355,06	343,49	266,18	134,13	115,51	115,12
Papel e papelão.....	157,46	148,91	138,97	114,56	107,78	106,09
Química.....	112,65	132,13	113,05	79,40	101,10	96,08
Produtos de matérias plásticas.....	135,44	139,79	94,73	129,62	125,70	92,12
Têxtil.....	99,20	99,99	77,49	97,42	103,85	99,04
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	115,15	121,11	78,71	115,97	120,48	111,71
Produtos alimentares.....	136,15	135,84	118,90	121,70	118,72	105,73
Bebidas.....	88,65	99,42	104,83	112,28	110,98	89,48
Fumo.....	0,00	0,00	0,00	0,00	0,02	0,00

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ outubro	Janeiro/ novembro	Janeiro/ dezembro	Até outubro	Até novembro	Até dezembro
SANTA CATARINA						
Indústria geral.....	102,96	104,36	104,43	100,77	103,59	104,43
Extrativa mineral.....	75,79	76,17	76,14	79,97	78,35	76,14
Indústrias de transformação.....	103,86	105,29	105,39	101,46	104,43	105,39
Minerais não-metálicos.....	106,49	109,64	108,41	101,16	107,35	108,41
Metalúrgica.....	104,91	106,02	107,36	103,08	105,33	107,36
Mecânica.....	129,37	130,55	130,30	122,32	128,16	130,30
Material elétrico e de comunicações.....	94,59	96,52	97,76	92,93	95,48	97,76
Papel e papelão.....	100,78	101,41	101,78	99,70	100,68	101,78
Química.....	81,61	83,28	84,19	85,73	86,07	84,19
Produtos de matérias plásticas.....	109,27	110,73	109,32	108,18	110,98	109,32
Têxtil.....	95,26	96,00	96,20	94,59	95,49	96,20
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	101,52	103,37	103,90	100,66	102,83	103,90
Produtos alimentares.....	98,53	100,28	100,71	94,83	98,75	100,71
Bebidas.....	110,37	110,42	108,33	108,01	109,10	108,33
Fumo.....	127,63	127,61	124,93	129,78	129,77	124,93

5 — ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA — 1989

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Outubro	Novembro	Dezembro	Outubro	Novembro	Dezembro
RIO GRANDE DO SUL						
Indústria geral.....	127,35	116,15	105,48	112,81	108,97	99,50
Extrativa mineral.....	131,31	136,96	109,54	109,83	111,14	68,13
Indústrias de transformação.....	127,33	116,02	105,45	112,83	108,96	99,80
Minerais não-metálicos.....	117,20	97,30	82,21	109,67	111,33	90,31
Metalúrgica.....	153,42	139,37	117,36	124,41	118,58	93,75
Mecânica.....	189,72	170,36	143,34	97,30	97,60	110,85
Material elétrico e de comunicações.....	145,10	157,85	150,14	137,35	137,54	134,72
Material de transporte.....	142,46	137,40	129,74	139,71	113,13	127,79
Papel e papelão.....	164,37	154,64	138,57	105,55	103,84	94,55
Borracha.....	144,03	141,17	125,08	128,92	123,00	109,94
Química.....	108,85	72,15	61,56	102,63	116,00	91,23
Perfumaria, sabões e velas.....	106,06	104,63	92,25	97,99	101,77	98,55
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	107,38	104,47	90,87	114,29	99,56	88,99
Produtos alimentares.....	101,73	106,15	117,48	118,37	108,81	97,34
Bebidas.....	160,30	146,74	126,61	131,88	116,94	100,96
Fumo.....	37,37	36,02	33,12	89,61	107,25	78,44
CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ outubro	Janeiro/ novembro	Janeiro/ dezembro	Até outubro	Até novembro	Até dezembro
RIO GRANDE DO SUL						
Indústria geral.....	101,42	102,02	101,84	100,20	101,66	101,84
Extrativa mineral.....	94,24	95,74	92,88	93,68	96,78	92,88
Indústrias de transformação.....	101,46	102,06	101,89	100,24	101,69	101,89
Minerais não-metálicos.....	115,56	115,20	113,17	110,86	113,20	113,17
Metalúrgica.....	105,91	106,97	105,89	103,21	105,65	105,89
Mecânica.....	106,03	105,24	105,60	103,25	103,94	105,60
Material elétrico e de comunicações.....	112,34	114,61	116,23	107,81	111,86	116,23
Material de transporte.....	99,28	100,59	102,59	101,09	101,02	102,59
Papel e papelão.....	107,07	106,75	105,67	105,79	105,91	105,67
Borracha.....	115,43	116,14	115,61	115,62	116,95	115,61
Química.....	89,28	90,65	90,68	87,79	91,30	90,68
Perfumaria, sabões e velas.....	93,71	94,32	94,59	93,95	93,46	94,59
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	101,32	101,15	100,09	101,10	101,40	100,09
Produtos alimentares.....	96,17	97,23	97,24	96,51	97,24	97,24
Bebidas.....	107,80	108,59	107,98	106,56	108,24	107,98
Fumo.....	104,55	104,59	104,08	104,78	104,88	104,08

5 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA – 1989

(conclusão)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Outubro	Novembro	Dezembro	Outubro	Novembro	Dezembro
REGIÃO SUL						
Indústria geral	134,81	126,95	107,98	114,97	113,81	102,51
Extrativa mineral	95,18	98,20	78,91	94,99	87,70	58,95
Indústrias de transformação	135,40	127,38	108,39	115,22	114,00	103,33
Minerais não-metálicos	131,65	117,21	102,78	135,50	121,96	99,41
Metalúrgica	168,51	150,88	127,02	128,25	115,72	106,77
Mecânica	189,70	186,07	146,80	116,04	117,05	116,13
Material elétrico e de comunicações	224,69	227,54	197,21	120,31	115,99	120,30
Papel e papelão	168,93	161,03	149,37	110,31	106,31	104,27
Química	100,37	82,83	65,21	97,29	124,86	104,75
Perfumaria, sabões e velas	115,04	105,30	92,15	102,48	100,72	111,24
Produtos de matérias plásticas	137,34	129,25	93,40	119,96	105,15	87,37
Têxtil	130,79	132,90	103,72	104,74	107,52	95,66
Vestuário, calçados e artefatos de tecido	116,93	112,10	91,16	116,00	101,68	92,92
Produtos alimentares	122,90	120,18	116,95	122,71	116,32	101,99
Bebidas	161,91	150,88	136,43	129,69	117,57	102,37
Fumo	35,03	34,29	31,58	56,98	101,70	76,35
CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ outubro	Janeiro/ novembro	Janeiro/ dezembro	Até outubro	Até novembro	Até dezembro
REGIÃO SUL						
Indústria geral	102,78	103,69	103,60	101,67	103,29	103,60
Extrativa mineral	84,97	85,22	82,58	87,50	87,43	82,58
Indústrias de transformação	103,02	103,93	103,89	101,86	103,51	103,89
Minerais não-metálicos	107,80	108,91	108,17	103,45	107,11	108,17
Metalúrgica	106,86	107,82	107,56	104,26	106,28	107,56
Mecânica	115,65	115,79	115,81	111,59	113,93	115,81
Material elétrico e de comunicações	104,20	105,38	106,53	103,28	104,63	106,53
Papel e papelão	104,05	104,26	104,26	103,21	103,70	104,26
Química	90,31	92,39	93,06	91,46	93,58	93,06
Perfumaria, sabões e velas	102,06	101,95	102,50	101,97	101,00	102,50
Produtos de matérias plásticas	107,00	106,83	105,38	107,23	107,80	105,38
Têxtil	98,64	99,40	99,14	97,76	98,97	99,14
Vestuário, calçados e artefatos de tecido	102,84	102,73	101,94	102,64	102,83	101,94
Produtos alimentares	99,89	101,26	101,32	98,95	100,79	101,32
Bebidas	109,26	110,00	109,36	107,62	109,59	109,36
Fumo	107,73	107,62	106,93	108,13	107,99	106,93

SISTEMA NACIONAL DE PESQUISA DE CUSTOS E ÍNDICES DA CONSTRUÇÃO CIVIL

RESULTADOS PARA O BRASIL E PARA AS REGIÕES

O SINAPI — Sistema Nacional de Pesquisa de Custos e Índices da Construção Civil — apresentou, no mês de dezembro de 1989, o custo de NCz\$ 3.115,97 por metro quadrado, para o Brasil, o que significou uma variação mensal de 49,22%. A variação acumulada no ano atingiu a 2.249,28%, a qual corresponde aos doze meses do ano, janeiro a dezembro.

Os resultados do SINAPI de dezembro/89 encerram as séries de custos e índices com base em maio/87.

O encerramento se fez necessário devido à implantação das novas bases cadastrais e ao novo calendário para a coleta de preços e salários, estabelecidos a partir do Projeto de Revisão do Sistema, constituído das seguintes etapas: Pesquisa de Locais de Compra — PLC; Coleta Especial de Preços e Salários — CEPS; e Pesquisa de Especificação de Materiais — PEM.

A partir de janeiro/90, serão iniciadas novas séries de custos e índices, com base em dezembro/89.

PARTICIPAÇÃO DOS INSUMOS NO CUSTO Dezembro de 1989

GRANDES REGIÕES	MATERIAIS		MÃO-DE-OBRA	
	Em NCz\$/m ²	Varição mensal (%)	Em NCz\$/m ²	Varição mensal (%)
Norte	2 980,26	50,08	643,05	44,10
Nordeste.....	2 265,13	52,26	559,17	55,33
Sudeste.....	2 498,16	49,68	716,92	47,82
Sul.....	2 248,57	43,66	721,12	44,12
Centro-Oeste.....	2 322,10	51,41	626,24	48,78

Os resultados regionais, em dezembro, indicaram para as Regiões Norte e Nordeste o maior e o menor custo médio, respectivamente iguais a NCz\$ 3.623,31 e NCz\$ 2.824,30. Quanto às variações mensais, a mais elevada foi a registrada na Região Nordeste, igual a 52,85%, sendo a menor, 43,77%, observada na Região Sul. Na Região Centro-Oeste foi registrada a mais alta variação acumulada nos doze meses do ano de 1989 (2 356,44%), e a menor variação no mesmo período ocorreu na Região Sul (2 129,46%).

A participação dos materiais na composição do custo médio, para o Brasil, foi de NCz\$ 2.435,39, variando no mês 49,45%; a participação da mão-de-obra correspondeu a NCz\$ 680,58, resultando em uma variação mensal igual a 48,41%.

A Região Nordeste ficou com a maior variação em relação à participação dos materiais (52,26%), sendo registrada na Região Sul a menor variação (43,66%).

Em relação à participação na mão-de-obra, a Região Nordeste ficou com a maior variação (55,33%), sendo registradas as menores variações, 44,10% e 44,12%, nas Regiões Norte e Sul, respectivamente.

RESULTADOS PARA AS UNIDADES DA FEDERAÇÃO

Destacamos, primeiramente, os custos mais altos em dezembro, por Região: Roraima (NCz\$ 4.406,30); Maranhão (NCz\$ 3.321,08); São Paulo (NCz\$ 3.456,78); Santa Catarina (NCz\$ 3.147,15); e Mato Grosso do Sul (NCz\$ 3.263,89). E quanto aos custos mais baixos, foram registrados no Amapá (NCz\$ 3.248,08); Pernambuco (NCz\$ 2.464,35); Minas Gerais (NCz\$ 2.613,72); Rio Grande do Sul (NCz\$ 2.882,75); e Goiás (NCz\$ 2.588,79).

Os demais custos médios podem ser vistos na Tabela 2.

Quanto às variações percentuais: mensal, no ano e em doze meses, são destacados os valores máximos e mínimos por região, na Tabela 3.

RESULTADOS DAS CATEGORIAS SÓCIO-PROFISSIONAIS DA CONSTRUÇÃO CIVIL PARA O BRASIL E MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS

Para o Brasil, a categoria bombeiro hidráulico foi a que apresentou o maior aumento em dezembro (53,81%), elevando o salário-hora para NCz\$ 9,09. A menor variação mensal foi registrada para a categoria pintor (42,56%), sendo o salário-hora igual a NCz\$ 8,14.

Dentre os municípios, as variações salariais mais acentuadas, segundo as categorias, ocorreram em Porto Velho: pedreiro (129,71%); Natal: mestre-de-obras (111,02%); Recife: armador (89,63%), carpinteiro de esquadrias (89,63%), carpinteiro de formas (89,63%), pintor (89,63%), e eletricitista (84,18%); Boa Vista: ladrilheiro (83,98%); Rio Branco: bombeiro hidráulico (83,50%); e Recife: servente (79,53%).

NOTAS EXPLICATIVAS

1 — A manutenção da base teórica do SINAPI é hoje uma competência conjunta do IBGE e CEF — Caixa Econômica Federal.

2 — As séries mensais de salários médios são produzidas a partir dos salários coletados nas empresas construtoras, considerando-se:

a) o salário-hora bruto, ou seja, não é subtraído qualquer desconto de responsabilidade do empregado;

b) o valor contratado com o empregado, ou seja, não é incluído qualquer encargo social de responsabilidade do empregador; e

c) o valor referente à jornada normal de trabalho, ou seja, não consideradas horas extras.

3 — O SINAPI considera quatro padrões de acabamento: alto, normal, baixo e mínimo. São apresentados os custos dos projetos residenciais nos padrões normal e mínimo.

Na nomenclatura dos projetos, Rp e Cp significam, respectivamente, projeto residencial e projeto comercial com p pavimentos; nQ indica o n° de quartos da unidade

residencial. Para os projetos comerciais, LA significa lojas e salas autônomas e LC, lojas e andar corrido; P significa que o 1º pavimento é em pilotis, e T, que o 1º pavimento é térreo. Por último é indicada a área total da construção do projeto.

O custo médio de cada Área Geográfica é a média ponderada dos custos dos 21 projetos residenciais, considerando-se apenas o padrão normal de acabamento.

4 — As séries mensais de custos e índices de custos referem-se ao custo do metro quadrado de uma construção no canteiro de obras. Não se incluem as despesas com projetos em geral, licenças, seguros, instalações provisórias, depreciações dos equipamentos, compra de terreno, administração, financiamentos, nem com os equipamentos mecânicos (elevadores, compactadores, exaustores e outros) e não estão envolvidos os lucros da construtora e da incorporadora.

5 — Para o cálculo do Orçamento Final por metro quadrado (OF), deverão ser acrescidos ao Custo SINAPI os custos relativos a alguns itens para os quais o SINAPI, dadas suas características, não dispõe de informações. Estes itens são os seguintes:

- Fundações Profundas e Especiais;
- Equipamentos (elevadores, compactadores, interfone, etc.);

— Complementos (jardins, decorações, etc.); e

— Máquinas e Equipamentos de Obra.

O Orçamento Final por metro quadrado (OF), incluindo todos os custos do empreendimento, será calculado adotando-se a seguinte fórmula:

$$OF = C \text{ SINAPI} + \frac{(OFe - OFd) + OE + OC}{S}$$

onde:

- OF = Orçamento Final por metro quadrado
 C SINAPI = Custo do metro quadrado do projeto, estimado com base nos custos do SINAPI
 OFe = Orçamento das Fundações especiais ou profundas
 OFd = Orçamento das Fundações diretas (já consideradas nos projetos de casas)
 OE = Orçamento de Equipamentos
 OC = Orçamento dos Complementos
 S = Área de Construção do Projeto em Estudo

Ao Orçamento Final por metro quadrado deverão ser acrescidos os custos financeiros, taxa de administração e lucro da empresa.

1 - EVOLUÇÃO DO CUSTO MÉDIO, NÚMERO ÍNDICE E VARIAÇÃO MENSAL DA CONSTRUÇÃO CIVIL Brasil

Período de referência janeiro-88/dezembro-89

ANOS E MESES DE REFERÊNCIA	CUSTO MÉDIO (Cz\$)	NÚMERO ÍNDICE	VARIAÇÃO MENSAL (%)
1988			
Janeiro	14 194,98	210,63	18,65
Fevereiro	16 418,07	243,62	15,66
Março	19 746,82	293,02	20,27
Abril	22 980,66	341,00	16,37
Maió	27 310,20	405,25	18,84
Junho	33 115,37	491,39	21,25
Julho	39 718,55	589,37	19,93
Agosto	49 324,87	731,91	24,18
Setembro	61 785,03	916,81	25,26
Outubro	78 477,36	1 164,50	27,01
Novembro	102 656,93	1 523,29	30,81
Dezembro	132 634,97	1 968,12	29,20
1989			
Janeiro	187,16	2 777,20	41,10
Fevereiro	194,90	2 892,05	4,13
Março	204,41	3 033,17	4,87
Abril	225,13	3 340,62	10,13
Maió	259,64	3 852,71	15,32
Junho	372,55	5 528,14	43,48
Julho	504,63	7 488,03	35,45
Agosto	782,62	11 613,02	55,08
Setembro	1 073,27	15 925,87	37,82
Outubro	1 476,32	21 906,59	37,55
Novembro	2 088,17	30 985,61	41,44
Dezembro	3 115,97	46 236,77	49,22

2 – CUSTO MÉDIO, NÚMERO ÍNDICE E VARIAÇÕES PERCENTUAIS DA CONSTRUÇÃO CIVIL, SEGUNDO AS GRANDES REGIÕES E AS UNIDADES DA FEDERAÇÃO

Mês de referência: dezembro-89

GRANDES REGIÕES E UNIDADES DA FEDERAÇÃO	CUSTO MÉDIO (NCz\$/m ²)	NÚMERO ÍNDICE (maio-87 = 100)	VARIAÇÕES PERCENTUAIS		
			Mensal	No ano	Em doze meses
NORTE	3 623,31	46 017,71	48,97	2 218,69	2 218,69
Rondônia.....	3 357,48	41 300,41	53,25	2 126,54	2 126,54
Acre.....	3 682,86	48 397,42	48,50	2 533,15	2 533,15
Amazonas.....	3 713,22	46 823,55	48,77	2 238,76	2 238,76
Roraima.....	4 406,30	41 232,67	58,03	2 312,40	2 312,40
Pará.....	3 532,33	46 016,29	46,58	2 165,04	2 165,04
Amapá.....	3 248,08	47 810,53	56,54	2 088,51	2 088,51
NORDESTE	2 824,30	47 893,36	52,85	2 191,84	2 191,84
Maranhão.....	3 321,08	53 418,47	45,15	2 334,17	2 334,17
Piauí.....	2 923,70	48 841,07	56,43	2 261,49	2 261,49
Ceará.....	2 765,85	45 131,17	55,81	2 169,63	2 169,63
Rio Grande do Norte.....	3 228,28	52 385,54	52,52	2 057,54	2 057,54
Paraíba.....	3 079,60	49 549,89	52,35	2 221,54	2 221,54
Pernambuco.....	2 464,35	45 697,29	52,49	2 013,98	2 013,98
Alagoas.....	2 884,30	52 832,30	64,51	2 267,99	2 267,99
Sergipe.....	2 834,01	48 640,51	50,10	2 071,11	2 071,11
Bahia.....	2 822,57	47 676,29	50,33	2 326,02	2 326,02
SUDESTE	3 215,08	45 725,13	49,26	2 276,38	2 276,38
Minas Gerais.....	2 613,72	47 462,38	49,44	2 341,06	2 341,06
Espírito Santo.....	2 703,68	49 849,46	47,59	2 292,88	2 292,88
Rio de Janeiro.....	3 058,89	46 210,92	44,75	2 089,70	2 089,70
São Paulo.....	3 456,78	45 071,48	50,85	2 331,11	2 331,11
SUL	2 969,69	44 464,69	43,77	2 129,46	2 129,46
Paraná.....	2 987,55	44 828,22	42,14	2 152,36	2 152,36
Santa Catarina.....	3 147,15	46 174,80	52,18	2 314,83	2 314,83
Rio Grande do Sul.....	2 882,75	43 418,44	42,08	2 037,26	2 037,26
CENTRO-OESTE	2 948,34	49 989,91	50,84	2 356,44	2 356,44
Mato Grosso do Sul.....	3 263,89	44 682,67	41,27	2 512,01	2 512,01
Mato Grosso.....	2 802,39	40 400,34	46,04	2 170,38	2 170,38
Goiás.....	2 588,79	48 812,12	54,08	2 346,73	2 346,73
Distrito Federal.....	3 092,61	53 965,75	52,36	2 368,91	2 368,91

3 – QUADRO DEMONSTRATIVO DAS VARIAÇÕES PERCENTUAIS NAS UNIDADES DA FEDERAÇÃO, COM VARIAÇÕES MÁXIMAS E MÍNIMAS, SEGUNDO AS GRANDES REGIÕES

Mês de referência: dezembro-89

GRANDES REGIÕES E UNIDADES DA FEDERAÇÃO	VARIAÇÕES PERCENTUAIS		
	Mensal	No ano	Em doze meses
NORTE	48,97	2 218,69	2 218,69
Roraima – variação máxima.....	58,03		
Acre – variação máxima.....		2 533,15	2 533,15
Pará – variação mínima.....	46,58		
Amapá – variação mínima.....		2 088,51	2 088,51
NORDESTE	52,85	2 191,84	2 191,84
Alagoas – variação máxima.....	64,51		
Maranhão – variação máxima.....		2 334,17	2 334,17
Maranhão – variação mínima.....	45,15		
Pernambuco – variação mínima.....		2 013,98	2 013,98
SUDESTE	49,26	2 276,38	2 276,38
São Paulo – variação máxima.....	50,85		
Minas Gerais – variação máxima.....		2 341,06	2 341,06
Rio de Janeiro – variação mínima.....	44,75	2 089,70	2 089,70
SUL	43,77	2 129,46	2 129,46
Santa Catarina – variação máxima.....	52,18	2 314,83	2 314,83
Rio Grande do Sul – variação mínima.....	42,08	2 037,26	2 037,26
CENTRO-OESTE	50,84	2 356,44	2 356,44
Goiás – variação máxima.....	54,08		
Mato Grosso do Sul – variação máxima.....		2 512,01	2 512,01
Mato Grosso do Sul – variação mínima.....	41,27		
Mato Grosso – variação mínima.....		2 170,38	2 170,38

4 - CUSTOS DE PROJETOS NO PADRÃO NORMAL DE ACABAMENTO, SEGUNDO AS UNIDADES DA FEDERAÇÃO - 1989

Mês de referência: dezembro-89

(continua)

UNIDADES DA FEDERAÇÃO	PROJETOS				
	R1 - 2Q (46)	R1 - 2Q (40)	R1 - 2Q (62)	R1 - 3Q (104)	R1 - 4Q (122)
Rondônia.....	4 130,06	4 541,30	3 776,30	2 942,31	2 760,65
Acre.....	4 547,70	4 995,66	4 227,81	3 294,56	3 092,11
Amazonas.....	4 923,00	5 416,63	4 528,42	3 529,44	3 305,01
Roraima.....	5 220,07	5 757,93	4 811,94	3 742,00	3 502,38
Pará.....	4 307,98	4 716,50	4 065,23	3 164,84	2 981,37
Amapá.....	4 462,40	4 901,31	4 131,18	3 223,55	3 015,28
Maranhão.....	4 471,97	4 916,65	4 078,74	3 175,76	2 988,37
Piauí.....	4 020,05	4 427,65	3 674,70	2 885,31	2 709,62
Ceará.....	4 113,83	4 540,08	3 755,34	2 921,65	2 736,49
Rio Grande do Norte.....	4 202,32	4 595,38	3 965,83	3 090,37	2 931,52
Pernambuco.....	3 878,77	4 238,96	3 612,20	2 820,98	2 670,64
Alagoas.....	3 836,48	4 220,02	3 530,55	2 766,41	2 611,51
Sergipe.....	4 096,96	4 504,89	3 782,38	2 945,51	2 776,04
Bahia.....	3 977,96	4 361,31	3 704,51	2 877,56	2 732,01
Minas Gerais.....	4 298,16	4 715,49	3 950,63	3 108,63	2 939,45
Espírito Santo.....	4 169,10	4 585,69	3 789,03	2 958,61	2 791,21
Rio de Janeiro.....	4 507,68	4 977,56	4 109,30	3 200,02	3 026,98
São Paulo.....	4 404,23	4 835,49	4 079,54	3 205,45	3 046,12
Paraná.....	4 958,59	5 448,40	4 567,96	3 565,73	3 382,00
Santa Catarina.....	4 140,85	4 540,75	3 830,78	2 996,62	2 854,87
Rio Grande do Sul.....	4 411,60	4 830,13	4 107,53	3 212,97	3 057,15
Mato Grosso do Sul.....	4 147,75	4 574,44	3 776,70	2 953,18	2 797,13
Mato Grosso.....	4 012,08	4 416,03	3 650,74	2 870,62	2 716,82
Goiás.....	3 664,02	4 049,18	3 310,80	2 567,32	2 416,50
Distrito Federal.....	3 659,88	4 028,32	3 308,80	2 581,14	2 436,23
Distrito Federal.....	4 316,75	4 772,00	3 913,00	3 039,00	2 866,64

UNIDADES DA FEDERAÇÃO	PROJETOS				
	R1 - 1Q (30)	R2 - 3Q (56)	R2 - 2Q (81)	R5 - 2QT (2 125)	R4 - 2QT (1 433)
Rondônia.....	5 285,72	3 278,03	2 884,23	2 547,82	2 866,52
Acre.....	5 794,15	3 573,20	3 119,16	2 591,19	3 086,91
Amazonas.....	6 307,37	3 900,64	3 442,24	2 903,31	3 343,55
Roraima.....	6 706,77	4 162,12	3 717,02	3 048,66	3 526,28
Pará.....	5 429,64	3 517,23	3 136,81	2 824,54	3 326,04
Amapá.....	5 715,79	3 600,47	3 202,66	2 937,52	3 356,95
Maranhão.....	5 656,96	3 542,24	3 123,65	2 718,10	3 074,11
Piauí.....	5 149,02	3 217,13	2 860,77	2 532,80	2 872,32
Ceará.....	5 275,25	3 246,65	2 889,80	2 392,57	2 757,13
Rio Grande do Norte.....	5 202,39	3 401,18	3 000,98	2 655,13	3 141,95
Pernambuco.....	4 892,41	3 153,17	2 747,92	2 540,12	2 924,50
Alagoas.....	4 843,46	3 050,81	2 681,88	2 393,03	2 740,27
Sergipe.....	5 166,04	3 252,16	2 872,26	2 456,72	2 852,16
Bahia.....	4 978,69	3 244,79	2 803,67	2 554,42	2 963,93
Minas Gerais.....	5 396,76	3 434,57	3 025,06	2 617,30	3 025,98
Espírito Santo.....	5 303,89	3 301,82	2 889,20	2 518,24	2 835,37
Rio de Janeiro.....	5 695,83	3 697,08	3 171,40	2 745,18	3 104,64
São Paulo.....	5 515,36	3 529,09	3 086,83	2 760,92	3 174,70
Paraná.....	6 213,96	3 952,89	3 466,66	2 913,80	3 406,77
Santa Catarina.....	5 191,71	3 398,58	2 969,30	2 800,69	3 200,20
Rio Grande do Sul.....	5 468,38	3 533,62	3 103,33	2 833,66	3 284,14
Mato Grosso do Sul.....	5 247,35	3 311,11	2 933,48	2 611,11	2 918,52
Mato Grosso.....	5 092,07	3 229,07	2 836,57	2 586,68	2 900,54
Goiás.....	4 654,17	2 911,30	2 598,04	2 279,98	2 536,55
Distrito Federal.....	4 643,96	2 926,00	2 593,15	2 207,53	2 519,62
Distrito Federal.....	5 540,10	3 441,87	3 009,10	2 836,58	2 958,44

4 – CUSTOS DE PROJETOS NO PADRÃO NORMAL DE ACABAMENTO, SEGUNDO AS UNIDADES DA FEDERAÇÃO – 1989

Mês de referência: dezembro-89

(conclusão)

UNIDADES DA FEDERAÇÃO	PROJETOS				
	R4 – 3QT (2 264)	R4 – 2QP (1 643)	R4 – 3QP (2 520)	R6 – 3QP (7 181)	R8 – 2QP (2 620)
Rondônia.....	2 463,92	2 498,87	2 212,31	1 956,76	2 698,65
Acre.....	2 643,41	2 693,10	2 382,38	2 060,97	2 889,71
Amazonas.....	2 866,66	2 914,91	2 568,43	2 260,58	3 145,87
Roraima.....	3 018,50	3 093,64	2 713,93	2 360,85	3 336,98
Pará.....	2 859,08	2 924,55	2 574,31	2 253,69	3 151,86
Amapá.....	2 890,54	2 942,64	2 602,59	2 283,54	3 177,79
Maranhão.....	2 658,86	2 679,18	2 393,00	2 119,60	2 887,84
Piauí.....	2 475,96	2 487,69	2 209,06	1 930,31	2 702,66
Ceará.....	2 378,35	2 399,82	2 132,13	1 850,85	2 595,91
Rio Grande do Norte.....	2 679,38	2 727,45	2 395,18	2 092,01	2 953,54
Paraíba.....	2 509,46	2 544,85	2 246,88	1 989,97	2 754,24
Pernambuco.....	2 355,51	2 388,92	2 114,13	1 854,17	2 577,12
Alagoas.....	2 456,14	2 481,30	2 200,82	1 937,37	2 677,63
Sergipe.....	2 518,23	2 573,64	2 247,96	1 958,51	2 786,59
Bahia.....	2 620,87	2 634,10	2 350,92	2 072,50	2 841,65
Minas Gerais.....	2 439,89	2 457,04	2 182,87	1 916,30	2 660,15
Espírito Santo.....	2 674,06	2 690,50	2 387,98	2 095,78	2 919,87
Rio de Janeiro.....	2 731,13	2 768,21	2 448,74	2 131,45	2 985,33
São Paulo.....	2 919,22	2 965,93	2 617,65	2 272,79	3 200,91
Paraná.....	2 748,55	2 776,37	2 457,50	2 162,16	3 010,89
Santa Catarina.....	2 821,89	2 849,63	2 526,49	2 195,01	3 078,57
Rio Grande do Sul.....	2 521,21	2 530,89	2 255,73	2 005,37	2 737,67
Mato Grosso do Sul.....	2 508,24	2 518,01	2 248,62	1 981,59	2 724,21
Mato Grosso.....	2 199,62	2 198,27	1 971,06	1 754,74	2 380,70
Goiás.....	2 178,35	2 188,42	1 958,37	1 720,62	2 370,24
Distrito Federal.....	2 535,83	2 558,33	2 268,48	1 992,75	2 779,22

UNIDADES DA FEDERAÇÃO	PROJETOS					
	R8 – 3QP (4 266)	R8 – 3QP (3 176)	R12 – 2QP (3 597)	R12 – 3QP (6 013)	R12 – 4QP (4 050)	R18 – 4QP (6 870)
Rondônia.....	2 282,46	2 194,50	2 825,38	2 327,56	2 145,98	2 140,93
Acre.....	2 446,80	2 334,00	3 013,82	2 488,81	2 281,63	2 273,48
Amazonas.....	2 647,98	2 526,16	3 287,93	2 697,50	2 466,96	2 464,27
Roraima.....	2 804,85	2 673,09	3 489,32	2 860,70	2 606,21	2 601,93
Pará.....	2 662,77	2 553,16	3 295,43	2 716,95	2 487,10	2 484,97
Amapá.....	2 688,78	2 568,70	3 324,87	2 742,23	2 501,92	2 498,96
Maranhão.....	2 465,72	2 397,61	3 020,91	2 512,72	2 333,43	2 325,40
Piauí.....	2 289,11	2 193,49	2 831,03	2 336,23	2 121,06	2 123,90
Ceará.....	2 205,46	2 126,15	2 716,36	2 249,86	2 084,90	2 060,98
Rio Grande do Norte.....	2 479,18	2 382,38	3 089,02	2 528,91	2 346,33	2 349,88
Paraíba.....	2 324,16	2 258,28	2 882,39	2 371,02	2 203,25	2 202,49
Pernambuco.....	2 178,96	2 104,56	2 693,81	2 220,03	2 057,12	2 053,78
Alagoas.....	2 270,57	2 198,71	2 798,27	2 313,60	2 143,09	2 142,05
Sergipe.....	2 323,78	2 214,18	2 911,79	2 368,12	2 158,82	2 163,36
Bahia.....	2 422,05	2 355,03	2 970,74	2 467,46	2 284,09	2 279,06
Minas Gerais.....	2 250,87	2 174,45	2 783,92	2 293,57	2 112,56	2 108,28
Espírito Santo.....	2 477,39	2 389,03	3 080,94	2 531,24	2 324,66	2 325,50
Rio de Janeiro.....	2 526,13	2 430,33	3 119,62	2 574,32	2 363,07	2 358,27
São Paulo.....	2 697,46	2 592,49	3 342,59	2 746,45	2 531,09	2 527,22
Paraná.....	2 545,11	2 471,48	3 152,88	2 597,38	2 414,12	2 413,59
Santa Catarina.....	2 607,49	2 520,01	3 217,17	2 656,89	2 457,16	2 453,03
Rio Grande do Sul.....	2 329,32	2 251,36	2 864,73	2 374,46	2 197,21	2 193,61
Mato Grosso do Sul.....	2 319,21	2 238,33	2 851,14	2 363,60	2 180,53	2 174,88
Mato Grosso.....	2 040,13	1 984,14	2 494,46	2 082,31	1 930,37	1 927,76
Goiás.....	2 020,35	1 966,80	2 481,40	2 060,13	1 910,81	1 908,23
Distrito Federal.....	2 347,60	2 261,41	2 912,15	2 395,31	2 219,44	2 218,68

5 – CUSTOS DE PROJETOS NO PADRÃO MÍNIMO DE ACABAMENTO, SEGUNDO AS UNIDADES DA FEDERAÇÃO – 1989

Mês de referência: dezembro-89

UNIDADES DA FEDERAÇÃO	PROJETOS						
	R1 – 2Q (46)	R1 – 2Q (40)	R1 – 2Q (62)	R1 – 1Q (30)	R2 – 3Q (56)	R2 – 2Q (61)	R5 – 2QT (2 125)
Rondônia.....	2 456,70	2 596,43	2 329,96	3 048,90	1 927,52	1 778,71	1 753,57
Acre.....	2 381,90	2 467,76	2 325,11	2 937,99	1 859,39	1 769,06	1 707,68
Amazonas.....	2 689,06	2 818,07	2 573,70	3 344,16	2 109,08	1 959,96	1 901,14
Roraima.....	2 727,99	2 851,30	2 632,02	3 415,69	2 167,64	2 039,89	2 050,18
Pará.....	2 399,03	2 476,88	2 349,75	2 959,79	1 922,28	1 829,89	1 911,17
Amapá.....	2 567,84	2 703,01	2 457,59	3 208,05	2 044,58	1 914,21	1 965,90
Maranhão.....	2 505,12	2 622,08	2 396,62	3 031,13	1 977,02	1 833,76	1 857,33
Piauí.....	2 122,61	2 234,31	2 018,12	2 624,39	1 661,89	1 529,24	1 540,12
Ceará.....	1 967,57	2 048,72	1 893,15	2 408,49	1 555,40	1 454,12	1 501,12
Rio Grande do Norte.....	2 412,22	2 487,99	2 344,61	2 926,55	1 886,53	1 744,43	1 726,99
Paraíba.....	2 209,12	2 294,41	2 129,96	2 711,11	1 764,30	1 625,09	1 661,50
Pernambuco.....	2 204,75	2 309,95	2 108,99	2 684,46	1 709,22	1 581,05	1 551,98
Alagoas.....	2 199,50	2 280,14	2 130,44	2 656,07	1 720,77	1 605,32	1 590,53
Sergipe.....	2 230,50	2 308,52	2 148,45	2 762,74	1 746,20	1 606,39	1 611,44
Bahia.....	2 361,81	2 462,80	2 263,18	2 869,50	1 854,63	1 724,65	1 692,61
Minas Gerais.....	2 268,70	2 395,97	2 148,07	2 797,85	1 776,83	1 631,77	1 608,11
Espírito Santo.....	2 406,06	2 530,98	2 296,53	2 952,10	1 899,60	1 758,02	1 781,96
Rio de Janeiro.....	2 495,53	2 602,38	2 404,11	3 055,99	1 938,42	1 812,28	1 788,52
São Paulo.....	2 698,45	2 803,85	2 605,13	3 297,81	2 099,36	1 955,90	1 893,89
Paraná.....	2 434,11	2 538,90	2 333,13	2 980,08	1 935,05	1 783,59	1 819,04
Santa Catarina.....	2 595,15	2 700,70	2 507,68	3 127,72	2 010,55	1 879,30	1 844,82
Rio Grande do Sul.....	2 333,40	2 461,21	2 221,33	2 849,03	1 831,43	1 686,02	1 685,78
Mato Grosso do Sul.....	2 322,08	2 455,53	2 195,29	2 863,07	1 819,36	1 676,63	1 679,40
Mato Grosso.....	1 901,84	2 001,49	1 820,57	2 288,70	1 519,00	1 409,71	1 494,31
Goiás.....	1 881,72	1 969,23	1 801,76	2 276,62	1 503,35	1 384,85	1 409,07
Distrito Federal.....	2 313,15	2 440,30	2 207,64	2 839,05	1 833,80	1 675,51	1 698,33

6 - VARIAÇÃO MENSAL DOS SALÁRIOS-HORA DAS CATEGORIAS SÓCIO-PROFISSIONAIS, SEGUNDO OS MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS

Mês de referência: dezembro-89

MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS	VARIAÇÃO MENSAL DOS SALÁRIOS-HORA DAS CATEGORIAS SÓCIO-PROFISSIONAIS (%)				
	Armador	Bombeiro hidráulico	Carpinteiro de esquadrias	Carpinteiro de formas	Eletricista
BRASIL	46,54	53,81	45,84	46,55	49,58
Porto Velho	33,44	83,50	38,04	16,88	16,88
Rio Branco	41,39	41,39	41,39	52,32	52,32
Manaus	40,88	40,88	40,88	40,97	32,30
Boa Vista	41,76	40,45	41,42	41,42	41,42
Belém	41,47	41,47	41,47	41,47	41,47
Macapá	41,46	41,44	41,24	41,44	41,44
São Luís	41,47	41,65	41,47	41,47	41,58
Teresina	40,27	54,03	41,37	41,37	54,03
Fortaleza	30,84	30,24	30,84	30,84	30,84
Natal	45,81	45,81	45,81	45,81	47,04
João Pessoa	41,53	41,53	41,30	41,53	41,30
Recife	89,63	82,94	89,63	89,63	84,18
Maceió	49,71	58,59	47,80	51,12	54,02
Aracaju	41,48	41,48	41,48	41,48	41,48
Salvador	55,54	49,02	55,26	55,71	56,61
Belo Horizonte	63,27	56,86	56,86	58,42	56,86
Vitória	41,35	41,53	41,35	41,35	41,35
Rio de Janeiro	41,43	42,06	41,97	41,43	40,87
São Paulo	46,23	61,24	44,03	46,22	53,49
Curitiba	29,55	41,69	40,32	43,42	34,28
Florianópolis	56,87	68,63	68,63	48,79	64,08
Porto Alegre	41,40	41,41	41,51	41,40	43,83
Campo Grande	17,57	18,57	0,00	16,00	0,00
Cuiabá	31,35	39,53	33,79	27,48	41,48
Goiânia	66,20	66,20	66,20	66,20	66,20
Brasília	55,62	55,62	51,21	55,62	48,76

MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS	VARIAÇÃO MENSAL DOS SALÁRIOS-HORA DAS CATEGORIAS SÓCIO-PROFISSIONAIS (%)				
	Ladrilheiro	Mestre-de-obras	Pedreiro	Pintor	Servente
BRASIL	42,78	45,27	44,76	42,56	45,64
Porto Velho	48,51	22,74	129,71	35,94	46,92
Rio Branco	41,54	37,39	46,65	41,39	46,12
Manaus	39,16	43,31	40,88	41,09	41,31
Boa Vista	83,98	54,76	41,55	81,49	41,19
Belém	41,47	42,38	41,47	41,47	41,61
Macapá	42,50	41,34	41,44	41,44	41,35
São Luís	28,76	74,95	41,47	41,47	41,69
Teresina	41,37	41,46	41,37	48,65	41,70
Fortaleza	29,85	59,12	30,84	30,84	29,64
Natal	45,81	111,02	45,81	45,81	45,93
João Pessoa	41,30	41,42	41,53	41,53	41,33
Recife	82,40	64,97	89,63	89,63	79,53
Maceió	41,19	60,41	68,98	52,84	41,35
Aracaju	41,48	90,48	41,48	41,48	41,92
Salvador	55,44	55,56	55,71	55,71	55,78
Belo Horizonte	56,86	41,73	59,36	59,36	61,29
Vitória	41,51	41,45	41,35	41,35	41,50
Rio de Janeiro	44,84	34,99	41,43	41,43	41,32
São Paulo	38,56	45,55	42,33	36,49	43,94
Curitiba	29,22	43,98	38,94	29,22	48,45
Florianópolis	41,28	25,68	56,87	46,06	56,20
Porto Alegre	41,31	44,00	26,44	53,25	41,50
Campo Grande	15,86	27,44	16,00	18,00	20,80
Cuiabá	46,34	39,71	37,96	38,90	41,34
Goiânia	66,20	56,71	66,20	66,20	41,35
Brasília	55,62	53,26	55,62	55,62	55,56

7 - SALÁRIOS-HORA DAS CATEGORIAS SÓCIO-PROFISSIONAIS,
SEGUNDO OS MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS

Mês de referência: dezembro-89

MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS	SALÁRIOS-HORA DAS CATEGORIAS SÓCIO-PROFISSIONAIS				
	Armador	Bombeiro hidráulico	Carpinteiro de esquadrias	Carpinteiro de formas	Eletricista
BRASIL	7,62	9,09	7,89	7,65	8,87
Porto Velho	4,35	5,56	4,50	4,50	4,50
Rio Branco	5,91	5,91	5,91	5,91	5,91
Manaus	6,72	6,72	6,72	6,71	7,66
Boa Vista	6,62	6,18	6,18	6,18	6,18
Belém	6,72	6,72	6,72	6,72	6,72
Macapá	6,79	6,86	6,85	6,86	6,86
São Luís	7,88	7,89	7,88	7,88	7,90
Teresina	5,19	5,16	5,16	5,16	5,16
Fortaleza	4,37	4,35	4,37	4,37	4,37
Natal	5,92	5,92	5,92	5,92	5,97
João Pessoa	6,27	6,27	7,63	6,27	7,63
Recife	6,22	6,22	6,22	6,22	6,52
Maceió	5,12	7,85	5,38	5,38	7,47
Aracaju	5,73	5,73	5,73	5,73	5,73
Salvador	8,71	8,36	8,71	8,72	8,73
Belo Horizonte	8,00	8,00	8,00	8,00	8,00
Vitória	6,70	7,60	6,70	6,70	6,70
Rio de Janeiro	7,10	7,16	7,34	7,10	7,10
São Paulo	8,54	12,48	9,29	8,51	11,88
Curitiba	7,98	8,87	8,70	8,72	8,50
Florianópolis	9,82	10,00	10,00	9,82	9,73
Porto Alegre	8,71	9,05	7,50	8,71	8,86
Campo Grande	8,23	8,30	7,00	8,12	7,00
Cuiabá	4,88	5,33	4,91	6,15	5,56
Goiânia	6,00	6,00	6,00	6,00	6,00
Brasília	7,47	7,47	7,47	7,47	7,81

MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS	SALÁRIOS-HORA DAS CATEGORIAS SÓCIO-PROFISSIONAIS				
	Ladrilheiro	Mestre-de- obras	Pedreiro	Pintor	Servente
BRASIL	7,91	25,93	7,60	8,14	5,01
Porto Velho	4,50	11,28	8,04	5,56	3,82
Rio Branco	4,60	10,84	5,91	5,91	3,58
Manaus	6,61	14,89	6,72	6,73	4,96
Boa Vista	8,04	26,00	6,20	8,04	4,97
Belém	6,72	12,80	6,72	6,72	4,05
Macapá	6,84	11,83	6,86	6,86	4,82
São Luís	7,88	18,58	7,88	7,88	4,18
Teresina	5,16	10,27	5,16	4,95	3,67
Fortaleza	4,35	10,12	4,37	4,37	3,28
Natal	5,92	18,00	5,92	5,92	3,94
João Pessoa	7,63	14,75	6,27	6,27	4,24
Recife	6,22	23,64	6,22	6,22	4,56
Maceió	4,49	12,40	5,12	5,12	3,76
Aracaju	5,73	16,00	5,73	5,73	3,69
Salvador	8,72	24,61	8,72	8,72	4,58
Belo Horizonte	8,00	19,70	8,00	8,00	5,00
Vitória	6,92	16,55	6,70	6,70	4,33
Rio de Janeiro	7,30	24,92	7,10	7,10	4,48
São Paulo	9,81	39,59	8,54	9,95	5,70
Curitiba	7,96	14,47	8,35	7,96	6,22
Florianópolis	6,64	18,11	9,82	9,64	5,67
Porto Alegre	6,02	14,40	7,70	9,44	5,66
Campo Grande	8,11	19,09	8,12	8,26	6,04
Cuiabá	6,00	13,72	6,27	4,82	3,59
Goiânia	6,00	19,26	6,00	6,00	3,76
Brasília	7,47	27,74	7,47	7,47	4,90

ESTATÍSTICA DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA ANUAL

PRODUÇÃO DAS LAVOURAS EM JANEIRO DE 1990, E PRODUÇÃO ANIMAL EM DEZEMBRO DE 1989

Lavouras

Situação das lavouras em janeiro de 1990 em relação à produção de 1989

Em relação ao ano passado, a possibilidade de aumento na produção ocorre com o algodão herbáceo (+22,04%), batata-inglesa — 1ª safra (+13,39%), cebola (+17,51%), feijão — 1ª safra (+42,05%), mamona (+47,47%), mandioca (+4,64%) e tomate (+5,59%).

A batata-inglesa teve, em 89, área e produção menores que em 88. Neste ano, tenta recuperar os níveis anteriores, apesar de sofrer os problemas tradicionais, como falta ou má qualidade da batata semente, preço do produto instável e o alto custo do cultivo.

O crescimento do feijão — 1ª safra refere-se à recuperação de áreas que não foram cultivadas na safra passada, devido à

forte estiagem verificada no Centro-sul do país. Evidentemente, os excelentes preços obtidos pelos produtores no ano passado deram novo ânimo à produção que, de longo tempo, não sentia incentivos de mercado.

São seis os produtos que apresentam perspectivas de diminuição na produção em 90, comparativamente ao ano passado: amendoim — 1ª safra (4,43%), arroz (12,90%), cana-de-açúcar (1,13%), fumo (0,16%), milho (0,93%) e soja (10,14%).

A queda no arroz é, de uma maneira geral, fruto do desestímulo do produtor quanto ao comportamento do mercado para o produto, os altos custos de implantação da cultura, crédito escasso e insumos a preços elevados. Em algumas regiões do país, o produto tem sido substituído por pastagens ou milho. No Rio Grande do Sul, ocorre o problema de deficiência hídrica desde maio, reduzindo os mananciais e as bacias de acumulação a níveis irrisórios, chegando até à completa falta de água para o cultivo em algumas áreas produtoras.

Quanto ao decréscimo esperado na produção de cana-de-açúcar, é ainda prematu-

ra qualquer análise, quer seja devido ao confuso mercado interno do álcool, quer seja devido ao ignorado comportamento dos preços internacionais do açúcar em face das recentes estimativas de aumento da produção mundial.

Produção de oleaginosas, cereais e leguminosas

No Centro-sul verifica-se, de um modo geral, queda em quase todos os produtos, exceção feita ao feijão — 1ª safra e algodão herbáceo. Este último, muito beneficiado pela alta nos preços internos e no mercado internacional, que se tem verificado desde o ano passado. Ademais, as últimas estimativas de decréscimo na produção e nos estoques mundiais, realizados pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), cerca de 5,9% e 20,17% respectivamente, acenam com excelentes possibilidades de ganhos para os produtores nacionais que certamente investirão mais no cultivo do produto.

A soja, que apresentava excepcional crescimento nos anos pretéritos, nesta safra perde uma área considerável com a desmotivação dos agricultores em face das dificuldades e lentidão na comercialização da última safra. Além disso, o preço baixo obtido pelo produtor foi um desestímulo.

A perspectiva de produção deste grupo (oleaginosas, cereais e leguminosas) não atingirá o patamar de 1989, quando foram colhidas 71,6 milhões de toneladas. Estimativas preliminares apontam para um resultado ao redor de 68,5 milhões de toneladas.

As produções, nas Regiões Norte e Nordeste, crescentes e com bons resultados em 1988, sofreram uma interrupção em 1989, com grandes perdas relativas. Tenta nesta safra recuperar-se, como pode ser constatado na tabela anexa.

Produção animal

O resultado de dezembro de 1989 da Pesquisa Mensal de Abate de Animais continua confirmando as tendências prenunciadas, a partir de setembro, de crescimento do sub-setor.

Na comparação com o respectivo mês do ano de 1988, dezembro de 1989 registrou crescimento de 6,0% no número de bovinos abatidos alcançando um total de 1,12 milhões de cabeças abatidas e de 9,3% no peso das carcaças, registrando um total de 230 009 toneladas de carnes.

Observa-se que o peso médio de bovinos passou de 202,9 kg em novembro-89 para 205,5 kg em dezembro-89, apresentando-se superior ao registrado em dezembro-88, que foi de 199,2 kg.

Em dezembro último, o número de bovinos abatidos e o peso das carcaças foi, respectivamente, 4,9% e 6,4% superior ao registrado em novembro-89, contribuindo para esse resultado positivo o fato de haver em dezembro comemorações de Festas Natalinas e a queda no preço do boi gordo.

O resultado do abate de aves constatou uma elevação de 7,2% e 7,9%, respectivamente no número de aves abatidas e no peso das carcaças, no mês de dezembro de 1989, em confronto com dezembro de 1988.

A — ABATE DE BOVINOS
(Janeiro a dezembro e dezembro — 1988-89)

PERÍODOS	ABATE DE BOVINOS											
	Total			Bois			Vacas			Vitelos		
	1988	1989	Variação (%)	1988	1989	Variação (%)	1988	1989	Variação (%)	1988	1989	Variação (%)
Animais abatidos (1 000 cabeças)												
Janeiro/dezembro	12 542	12 979	3,5	7 849	8 104	3,3	4 656	4 841	4,0	37	34	- 8,1
Dezembro	1 056	1 119	6,0	639	699	9,4	414	418	1,0	3	2	-33,3
Peso das carcaças (1 000 t)												
Janeiro/dezembro	2 580,8	2 680,2	3,1	1 785,7	1 832,7	2,6	792,3	824,5	4,1	2,84	2,72	- 4,2
Dezembro	210,4	230,0	9,3	140,5	158,4	12,7	69,6	71,4	2,6	0,27	0,18	-33,3

O acumulado em doze meses apresentou elevação de 3,2% no número de cabeças abatidas e de 6,3% no peso das carcaças. As exportações de carne de frango encerraram o ano com um total de 240 mil toneladas embarcadas.

Os preços do frango tiveram queda real de 9% neste ano, tendo como balizador de preços no mercado o preço do boi gordo. Como esses preços registraram queda neste ano, era de se esperar, como aconteceu, uma queda também nos preços reais do frango.

Os dados relativos ao abate de suínos apontam uma elevação de 7,5% e 10,6%, respectivamente no número de suínos abatidos e pesos das carcaças, no mês de de-

zembro de 1989, em confronto com dezembro de 1988. O acumulado, em doze meses apresentou um decréscimo de 11,6% no número de suínos abatidos e de 10,7% no peso das carcaças. O mercado ficou firme em dezembro-89 em função das comemorações das Festas Natalinas.

Produção real do setor agropecuário

Com a disponibilidade dos dados de dezembro para a pecuária, que apontam para o crescimento de 0,76%, e os anteriormente divulgados para lavouras (+ 3,45%), o produto real do setor Agropecuário apresentou um crescimento de 2,31% em 1989.

B — ABATE DE AVES
(Janeiro a dezembro e dezembro — 1988-89)
Brasil

PERÍODOS	ABATE DE AVES		
	1988	1989	Variação (%)
Animais abatidos (1 000 cabeças)			
Janeiro/dezembro	820 059	846 325	3,2
Dezembro	70 373	75 434	7,2
Peso das carcaças (t)			
Janeiro/dezembro	1 317 718	1 400 806	6,3
Dezembro	111 704	120 506	7,9

C — ABATE DE SUÍNOS,
(Janeiro a dezembro e dezembro — 1988-89)

PERÍODOS	ABATE DE SUÍNOS		
	1988	1989	Variação (%)
Animais abatidos (1 000 cabeças)			
Janeiro/dezembro	10 610	9 379	- 11,6
Dezembro	838	901	7,5
Peso das carcaças (t)			
Janeiro/dezembro	698 596	624 152	- 10,7
Dezembro	52 188	57 731	10,6

**1 — ÁREA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO MÉDIO — CONFRONTO
DAS SAFRAS/89 E DAS ESTIMATIVAS PARA 1990
Brasil**

Janeiro

PRODUTOS AGRÍCOLAS	ÁREA (ha)		
	Colhida (safra/89)	Plantada (safra/90)	Varição (%)
Total	38 831 081	37 547 476	- 3,31
Algodão herbáceo (em caroço).....	1 461 000	1 532 822	4,92
Amendoim (em casca) 1ª safra	59 637	59 631	- 0,01
Arroz (em casca)	4 826 251	4 033 477	- 16,43
Batata-inglesa — 1ª safra	87 669	91 447	4,31
Cana-de-açúcar.....	4 065 530	4 061 574	0,10
Cebola.....	65 009	70 835	8,96
Feijão (em grão) 1ª safra.....	2 326 742	2 707 797	16,38
Fumo (em folha)	269 114	264 457	- 1,73
Mamona	254 770	215 138	- 15,56
Mandioca	1 498 441	1 533 922	2,37
Milho (em grão)	11 659 125	11 576 545	- 0,71
Soja (em grão).....	12 202 563	11 345 179	- 7,03
Tomate.....	55 230	54 652	- 1,05

PRODUTOS AGRÍCOLAS	PRODUÇÃO (t)			RENDIMENTO MÉDIO (kg/ha)		
	Obtida (safra/89)	Esperada (safra/90)	Varição (%)	Obtido (safra/89)	Esperado (safra/90)	Varição (%)
Total	-	-	-	-	-	-
Algodão herbáceo (em caroço).....	1 785 450	2 178 989	22,04	1 222	1 422	16,37
Amendoim (em casca) 1ª safra	114 159	109 101	- 4,43	1 914	1 830	- 4,39
Arroz (em casca)	10 488 795	9 135 813	- 12,90	2 173	2 265	4,23
Batata-inglesa — 1ª safra	1 094 554	1 241 105	13,39	12 485	13 572	8,71
Cana-de-açúcar.....	259 193 553	256 277 528	- 1,13	63 754	63 098	- 1,03
Cebola.....	677 573	796 242	17,51	10 423	11 241	7,85
Feijão (em grão) 1ª safra.....	995 932	1 414 680	42,05	428	522	21,96
Fumo (em folha)	431 554	430 862	- 0,16	1 604	1 629	1,56
Mamona	113 454	167 316	47,47	445	778	74,83
Mandioca	18 615 497	19 479 820	6,64	12 423	12 699	2,22
Milho (em grão)	25 126 736	24 892 227	- 0,93	2 155	2 150	- 0,23
Soja (em grão).....	24 080 376	21 639 604	- 10,14	1 973	1 907	- 3,35
Tomate.....	1 956 185	2 065 463	5,59	35 419	37 793	6,70

2 – COMPARAÇÃO ENTRE A SAFRA/89 E AS ESTIMATIVAS PARA 1990
Brasil, Centro-sul e Norte-Nordeste

Janeiro

PRODUTOS AGRÍCOLAS	PRODUÇÃO (1 000 t)		
	Centro-sul e Rondônia		
	Safra/89	Safra/90	Variação (%)
Arroz.....	8 340	7 152	- 14,24
Feijão – 1ª safra.....	738	938	27,10
Milho – 1ª e 2ª safras.....	24 322	23 718	- 2,48
Algodão herbáceo.....	1 113	1 285	15,45
Amendoim – 1ª safra.....	113	108	- 4,42
Mamona.....	27	24	- 11,11
Soja.....	23 356	20 948	- 10,31
Total.....	58 009	54 173	- 6,61
Feijão – 2ª safra.....	582	593	1,89
Feijão – 3ª safra.....	191	191	-
Trigo.....	5 296	5 296	-
Aveia, centeio e cevada.....	476	476	-
Sorgo.....	212	229	8,02
Algodão arbóreo.....	-	-	-
Amendoim – 2ª safra.....	30	30	-
Total.....	6 786	6 814	0,41
Total.....	64 795	60 987	- 5,88

PRODUTOS AGRÍCOLAS	PRODUÇÃO (1 000 t)					
	Norte-Nordeste			Total		
	Safra/89	Safra/90	Variação (%)	Safra/89	Safra/90	Variação (%)
Arroz.....	2 703	2 538	- 6,10	11 043	9 690	- 12,25
Feijão – 1ª safra.....	334	554	65,87	1 072	1 492	39,18
Milho – 1ª e 2ª safras.....	2 250	2 616	16,27	26 572	26 334	- 0,90
Algodão herbáceo.....	144	249	72,92	1 257	1 534	22,04
Amendoim – 1ª safra.....	1	1	-	114	109	- 4,39
Mamona.....	101	158	56,44	128	182	42,19
Soja.....	724	692	- 4,42	24 080	21 640	- 10,13
Total.....	6 257	6 808	8,81	64 266	60 981	- 5,11
Feijão – 2ª safra.....	455	567	24,62	1 037	1 160	11,86
Feijão – 3ª safra.....	-	-	-	191	191	-
Trigo.....	-	-	-	5 295	5 295	-
Aveia, centeio e cevada.....	-	-	-	476	476	-
Sorgo.....	24	42	75,00	236	271	14,83
Algodão arbóreo.....	33	45	36,36	33	45	36,36
Amendoim – 2ª safra.....	6	6	-	36	36	-
Total.....	518	660	27,41	7 304	7 474	2,33
Total.....	6 775	7 468	10,23	71 570	68 455	- 4,35

FONTES – IBGE, Diretoria de Pesquisas, Departamento de Agropecuária, Levantamento Sistemático da Produção Agrícola.

3 – ABATE DE ANIMAIS, PRODUÇÃO DE LEITE E DE OVOS
Janeiro a dezembro de 1988 e de 1989

ABATE DE ANIMAIS, PRODUÇÃO DE LEITE E DE OVOS	QUANTIDADE				
	Dezembro-88	Novembro-89	Dezembro-89	Janeiro/ dezembro-88	Janeiro/ dezembro-89
LEITE (1) (2)	909 305	830 825	906 701	9 065 651	8 905 865
Pasteurizado					
Vendido ao público	300 423	297 420	307 562	3 487 299	3 394 961
Industrializado na empresa	456 747	404 167	458 655	4 054 326	4 143 079
Resfriado ou não					
Vendido ao público	97	153	273	1 498	2 505
Vendido a outras empresas	152 038	129 085	140 211	1 522 528	1 365 320
ABATE (3)					
Bovinos	210 369	216 166	230 009	2 580 847	2 660 150
Suínos	52 188	56 375	57 731	698 596	624 152
Aves	111 704	125 250	120 506	1 317 718	1 400 806
OVOS (4) (5)	-	-	-	908 611	906 551
ABATE DE ANIMAIS PRODUÇÃO DE LEITE E DE OVOS	TAXAS DE CRESCIMENTO (%)				
	$\frac{\text{Dezembro-89}}{\text{Dezembro-88}}$	$\frac{\text{Dezembro-89}}{\text{Novembro-89}}$	$\frac{\text{Janeiro/dezembro-89}}{\text{Janeiro/dezembro-88}}$		
LEITE (1) (2)	-0,3	9,1	-1,8		
Pasteurizado					
Vendido ao público	2,4	3,4	-2,7		
Industrializado na empresa	0,4	13,5	2,2		
Resfriado ou não					
Vendido ao público	181,4	78,4	67,2		
Vendido a outras empresas	-7,8	8,6	-10,3		
ABATE (3)					
Bovinos	9,3	6,4	3,1		
Suínos	10,6	2,4	-10,7		
Aves	7,9	-3,8	6,3		
OVOS (4) (5)	-	-	-0,2		

(1) Leite beneficiado e industrializado. (2) Mil litros. (3) Peso total das carcaças. (4) Janeiro-setembro. (5) Mil dúzias.

PROJEÇÕES DE POPULAÇÃO E O AJUSTE DAS ESTIMATIVAS DAS PESQUISAS DOMICILIARES: SOLUÇÃO OU PROBLEMA?

Zélia Magalhães Bianchini *

INTRODUÇÃO

É prática corrente no IBGE o ajuste das estimativas provenientes das pesquisas domiciliares por amostragem (PNAD, PME, POF), tomando por base os dados da população projetada que o próprio IBGE elabora e divulga. Ocorre que algumas dessas pesquisas (PNAD, por exemplo) também revelam informações que poderiam ser usadas para ajustar ou calibrar as projeções de população.

Nesse documento, procura-se mostrar porque é necessário proceder ajuste nas estimativas provenientes das pesquisas domiciliares por amostragem, falando dos problemas do cadastro que lhes serve de base ou *marco de referência* (Capítulo 1), se descreve como é feita a estimação e se analisa a magnitude dos ajustes processados em 2 (duas) pesquisas recentes (Capítulo 2), se discute a periodicidade e o emprego de informações não censitárias para a revisão das projeções de população (Capítulo

3), e se conclui apontando para a necessidade de um estudo mais cuidadoso dos procedimentos hoje adotados para elaborar as projeções de população e para obter as estimativas das pesquisas domiciliares, tarefa que deve contar com a participação de todos os departamentos envolvidos com a questão.

O CADASTRO DAS PESQUISAS DOMICILIARES POR AMOSTRAGEM

Os recenseamentos constituem a oportunidade que o IBGE tem de coletar informações sobre uma série de variáveis fundamentais para aferir a estrutura sócio-econômica básica do país, revelando resultados a um nível geográfico extremamente detalhado. Além disso, essas informações servem para orientar todas as suas pesquisas no período intercensitário, dentre as quais destacam-se as pesquisas contínuas por amostragem. Portanto, os censos são, também, o principal *marco* para a realização de pesquisas por amostragem.

* Analista Consultor do Núcleo de Metodologia da Diretoria de Pesquisas do IBGE.

A coleta censitária é efetuada, tradicionalmente, mediante o percurso das unidades territoriais denominadas setores censitários (coleta por varredura). O cadastro contendo estas unidades constitui o que se chama a Base Operacional do IBGE. Os setores censitários, além de servirem como áreas de controle de execução e cobertura da coleta, formam um completo cadastro de áreas do país, de grande aplicação como estágio intermediário de amostragem, principalmente em pesquisas domiciliares.

O IBGE tem três pesquisas implantadas dentro do sistema contínuo de pesquisas domiciliares:

PNAD — Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, de âmbito nacional e com periodicidade anual;

PME — Pesquisa Mensal de Emprego, de âmbito metropolitano e com periodicidade mensal; e

POF — Pesquisa de Orçamentos Familiares, de âmbito metropolitano (incluindo Distrito Federal e Município de Goiânia) e com proposta de periodicidade quinzenal.

O plano amostral destas pesquisas não foge aos delineamentos clássicos de pesquisas do gênero, podendo ser estratificado em estágios múltiplos, onde o setor e o domicílio constituem as unidades de amostragem dos últimos estágios. Os setores são selecionados com probabilidade proporcional a alguma medida de tamanho, em geral, a população ou o número de domicílios do setor.

O envelhecimento da base setorial

Conforme Flôres (1986) "Um dos grandes problemas enfrentados (nas pesquisas domiciliares contínuas), diz respeito ao envelhecimento da base setorial, em virtude da defasagem entre a época de sua elaboração e a da execução da pesquisa. Dessa forma, variações em termos de crescimentos e, algumas vezes, de decréscimos (da população residente nos setores), devido a demolições, obras públicas, etc., têm lugar, alterando a estrutura do conjunto de conglomerados.

A conseqüência mais séria do fato acima é que a medida de tamanho utilizada na seleção dos setores não corresponde mais à verdadeira distribuição do tamanho atual dos setores (na época da pesquisa). O plano

amostral se apresenta, portanto, como que distorcido, e embora os estimadores naturais pelo desenho ainda continuem não viciados, as suas variâncias podem aumentar consideravelmente. Mesmo supondo que nas unidades selecionadas a medida de tamanho seja atualizada (mediante, por exemplo, uma contagem rápida de população ou domicílios), este fato não resolve o problema das estimativas e suas variâncias, pois estas estão determinadas pela distribuição de probabilidades usadas na seleção.

A alteração dos tamanhos dos setores pode anular o efeito que eles desempenham nos estimadores da variância. Este fato pode adquirir proporções sérias, se as transformações na malha setorial tiverem sido profundas. Uma das medidas clássicas para atenuar os efeitos das transformações da malha setorial tem sido o uso dos cadastros de *Novas Construções*, confeccionados em separado, para determinado conjunto de setores onde tenham ocorrido variações relevantes, e nos quais são anotados os novos grandes acréscimos de população aí ocorridos. A seleção de domicílios neste cadastro é feita independentemente da seleção usual nos setores normais da amostra, onde se admite manter as probabilidades originais.

A idéia básica é que este cadastro deveria conter os maiores responsáveis pelas mais significativas alterações na distribuição dos tamanhos. Admitindo-se que, retirados estes, a distribuição do tamanho atual dos setores remanescentes não seria muito distinta da utilizada na seleção, seria preservada, portanto, a precisão do plano.

Interessante que seja, a idéia se ampara fortemente na atualização e precisão do cadastro de *Novas Construções*. Caso haja problemas de qualquer ordem, a eficácia do artifício fica bastante prejudicada. Além disso, o fato do cadastro incluir domicílios espalhados por diversos setores pode acarretar problemas operacionais no campo e duplas inclusões de novas habitações, se o sistema de identificações e referência entre os setores não for bem feito.

Ao se abandonar um esquema como o acima, as alternativas não são necessariamente melhores. Partem elas, em princípio, da listagem completa dos setores seleciona-

dos, de modo a se comparar o tamanho atual com o usado na seleção.

É importante, porém, ressaltar que esta solução é um paliativo à situação discutida. Os resultados da listagem em todas as unidades selecionadas devem ser comparados com os valores iniciais; caso as discrepâncias sejam acentuadas e se dêem de modo a alterar sensivelmente o perfil relativo da distribuição de tamanho revelada na amostra de setores selecionados, cuidados especiais devem ser tomados na estimação e no uso das informações, pois pode-se estar em níveis de precisão bem distantes dos concebidos no plano original, o que poderia até invalidar a amostra. É claro que se pode imaginar o emprego de estimadores especiais em lugar dos estimadores naturais embora, em princípio, isto contribua para atenuar este problema, não representa, entretanto, uma solução geral para o mesmo."

A precisão da listagem dos domicílios

A listagem dos domicílios é a operação que tem por finalidade estabelecer um cadastro completo e atualizado dos domicílios existentes nos setores selecionados para a amostra. É a partir desse cadastro que são selecionados os domicílios de cada setor da amostra que farão parte da pesquisa.

A boa qualidade da listagem é condição fundamental para se garantir uma cobertura adequada da população objetivo de cada pesquisa. A defasagem entre a listagem e a entrevista gera imperfeições no cadastro, de tal forma que nem sempre há uma correspondência perfeita entre os elementos do cadastro e os da população objetivo, acarretando, por exemplo, a seleção de domicílios não-eleitos para o levantamento.

Outros problemas de imperfeição do cadastro são provenientes:

- De falhas na cobertura causadas por dificuldades de acesso, de identificação dos limites de cada setor, gerando cadastro incompleto ou com duplicação de unidades; e
- A impressão da listagem, causada por endereços errados ou informações incorretas como, por exemplo, a classificação dos domicílios em ocupados, vagos, fechados ou de uso ocasional; estas informações são fundamentais para o cálculo dos fatores de expansão da amostra quando se utiliza o estimador natural.

A ESTIMAÇÃO NAS PESQUISAS DOMICILIARES

A construção dos estimadores das quantidades de interesse nas pesquisas domiciliares por amostragem tem um profundo relacionamento com os problemas identificados no cadastro. Sempre existe, em princípio, um estimador natural, cujo comportamento para valores básicos (totais e médias em geral) de algumas variáveis-chave orientou o delineamento do plano amostral.

Apesar disso, existem muitos outros estimadores, especialmente quando são incorporadas informações de outras fontes e se utilizam técnicas como pós-estratificação, razão, regressão, etc.

A procura de outros estimadores para substituir o estimador natural pode ser explicada pelos seguintes aspectos:

- a) Inviabilidade de atualização das probabilidades de seleção dos setores, com o envelhecimento da base setorial;
- b) Desconhecimento do total de domicílios no universo;
- c) Incerteza sobre a capacidade da amostra em captar a variação do tamanho de cada área, através das estimativas obtidas pelo estimador natural; e
- d) Desconhecimento da precisão das informações da listagem.

O IBGE elabora e divulga estimativas da evolução futura da população brasileira, através de projeções para atendimento a dispositivos legais, como criação de municípios, definição de representação legislativa, participação das Unidades da Federação e Municípios nos Fundos de Receita Tributária, etc. Portanto, diante dos aspectos mencionados anteriormente, para manter a coerência com os dados provenientes das projeções de população, as pesquisas domiciliares têm optado pelo uso do estimador de razão para expansão dos seus resultados, adotando-se como variável auxiliar a estimativa do total da população residente dada pela projeção para a data de referência da pesquisa, independentemente para cada nível geográfico de estimação considerado nessas pesquisas (ver metodologia da PNAD-1981 e Bianchini 1989).

As amostras da PNAD e POF foram desenhadas de forma independente, com diferenças expressivas em vários aspectos dos seus desenhos tais como, por exemplo: estratificação, auto-ponderação, novas construções, tratamento da não-resposta, estimador natural, etc. Apesar disso, apresenta-se, à guisa de ilustração, a Tabela 1 a seguir, que mostra os fatores de ajuste das estimativas naturais da população total necessários para que essas estimativas se igualem à projeção de população divulgada pelo IBGE, calculados para cada pesquisa, segundo as áreas de interesse.

Note que há uma certa correspondência na ordem de grandeza dos ajustes efetuados pelas duas pesquisas para a maioria das áreas, lembrando que a POF abrange ape-

1 – FATORES DE AJUSTE, POR PESQUISA, SEGUNDO AS ÁREAS DE INTERESSE 100 X [(População Projetada/População Estimada pela Pesquisa) – 1]

ÁREAS DE INTERESSE	FATORES DE AJUSTE (%)	
	PNAD-87	POF
Regiões Metropolitanas		
Belém	35	29
Fortaleza	15	8
Recife	14	18
Salvador	23	2
Belo Horizonte	20	24
Rio de Janeiro	18	8
São Paulo	23	17
Curitiba	32	25
Porto Alegre	17	21
Unidades da Federação		
Goiás	17	(1) 24
Distrito Federal	42	34
Total das Áreas	20	15

(1) Referente ao Município de Goiânia.

nas a parte urbana de cada área. Surgem então as seguintes questões:

– Será que o crescimento captado pelo estimador natural está tão subestimado quanto parece em todas as áreas?

– Qual será a precisão da projeção de população existente?

Com o intuito de avaliar os crescimentos captados pela população projetada e pelas estimativas obtidas com o estimador natural das duas pesquisas, foram calculadas taxas geométricas de crescimento anual para o período de 1980 a 1987, por fonte, para cada área de interesse, cujos valores são apresentados na Tabela 2, a seguir.

Observe que as taxas geométricas de crescimento da PNAD e da POF (exceto Salvador) são muito inferiores às taxas de crescimento da projeção, que guarda uma certa relação com a magnitude das taxas calculadas para a década anterior. Veja o caso extremo da PNAD, para o Distrito Federal, com taxa negativa.

É importante analisar cuidadosamente os motivos que devem estar influenciando os resultados dessas pesquisas, desde o tratamento referente ao envelhecimento do cadastro (Novas Construções), à qualidade da listagem, ao tratamento da não-resposta, bem como à definição dos estimadores naturais utilizados.

Ajustar as estimativas da população obtida com os resultados da pesquisa às estimativas fornecidas pela projeção de população pode ser uma solução, porém a inves-

2 – TAXAS GEOMÉTRICAS DE CRESCIMENTO ANUAL POR FONTE, SEGUNDO AS ÁREAS DE INTERESSE

ÁREAS DE INTERESSE	TAXAS GEOMÉTRICAS DE CRESCIMENTO ANUAL (%)			
	Projeção		PNAD-87	POF-87
	População total	População urbana	Estimador natural	Estimador natural
Regiões Metropolitanas				
Belém	-	4,60	0,24	0,92
Fortaleza	3,42	4,00	1,40	2,86
Recife	2,73	2,92	0,84	0,54
Salvador	3,48	3,70	0,48	3,41
Belo Horizonte	3,96	4,17	1,31	0,99
Rio de Janeiro	2,50	2,64	0,36	1,59
São Paulo	3,68	3,66	0,68	1,40
Curitiba	4,94	5,61	0,89	2,37
Porto Alegre	3,23	3,49	0,96	0,69
Município de Goiânia	-	4,31	-	1,12
Distrito Federal	4,58	5,40	-0,50	1,10
Total das Áreas	3,10	3,58	0,71	1,50

tigação dos problemas que estão causando as subestimações não pode ser ignorada. Por outro lado, existe a questão associada à precisão da projeção da população existente.

A PERIODICIDADE DE REVISÃO DAS PROJEÇÕES DE POPULAÇÃO

As projeções de população são elaboradas, em primeiro lugar, a nível Brasil. Para tanto, são utilizados: o método das componentes, os resultados dos recenseamentos anteriores (série histórica) e hipóteses sobre a evolução futura da mortalidade e fecundidade para a década projetada. Portanto, as projeções são elaboradas separadamente para o número de homens e mulheres em cada grupo etário, de tal forma que a estrutura etária por sexo fica *fechada* a partir dessas projeções, no país.

Admite-se, portanto, a hipótese de uma população fechada, que não incorpora os fluxos migratórios, tal que o crescimento da população se deva exclusivamente ao excesso de nascimentos sobre os óbitos, o que é basicamente verdade para o Brasil como um todo (migração internacional desprezível).

As projeções da população para as Unidades da Federação não são feitas pelo método das componentes, seguem um modelo matemático logístico representativo da evolução das participações relativas de cada Unidade da Federação no total da população do país, tendo como base a evolução das participações nos recenseamentos anteriores. O mesmo método é usado para rater a população entre urbana e rural e a parte da região metropolitana.

Se as hipóteses sobre a dinâmica populacional (mortalidade e fecundidade) não se verificarem, a repetição do perfil de evolução anterior se refletirá em diferenças grandes entre os valores projetados e os reais, que podem se tornar muito grandes no final da década (momento de maior afastamento do último censo disponível). O fato das migrações internas não serem incorporadas no modelo para cálculo das projeções de população deve contribuir significativamente para que os valores projetados se distanciem dos valores reais, especialmente

em níveis geográficos detalhados como nas regiões metropolitanas.

Na década passada, os valores projetados para 1980 foram superiores em 3,86% no total nacional, aos apurados no Censo Demográfico.

A Tabela do Anexo apresenta os resultados da população residente obtida pela projeção e pelo Censo Demográfico e as diferenças absoluta e relativa (em relação ao censo), segundo as Regiões e as Unidades da Federação. Consta, também, do anexo, um gráfico da diferença relativa, segundo as Unidades da Federação.

Observe que diferença pequena a nível Brasil não significa diferença pequena para cada Unidade da Federação, tendo ocorrido inclusive subestimações. Diante disto, os dados divulgados anteriormente pelas PNADs foram superestimados ou subestimados, conduzindo à necessidade de um reprocessamento das estimativas para os principais cruzamentos da pesquisa, expandidas em função da projeção corrigida pelos dados do Censo de 80, para o período 1986/89. Pelo visto, nesta década ocorrerá o mesmo.

Da maneira como as pesquisas domiciliares vêm divulgando seus resultados (somente estimativas de totais), é necessário ajustar as estimativas, para atender à imposição de coerência com a população projetada. Se, por outro lado, fossem divulgadas apenas taxas ou percentagens, tal ajuste resultaria desnecessário.

Diante do efeito das projeções de população sobre as estimativas ajustadas das pesquisas domiciliares, propomos que se faça uma discussão a respeito da periodicidade que deve ter a revisão das projeções de população para a próxima década.

A propósito, cabe lembrar que atualmente a periodicidade de revisão das projeções de população tem sido a cada cinco anos, para atendimento aos dispositivos legais. A partir de agora, com as mudanças trazidas pela nova Constituição, no sentido de que as projeções de população anualizadas serão usadas com finalidades legais, há uma maior exigência da revisão da periodicidade. Rever as projeções com mais frequência, em intervalos de tempo menores, sem dúvida, acarreta custos adicionais, mas por outro lado deve ser levado em con-

ta o ganho político da qualidade da informação pelo acompanhamento mais de perto dessas projeções.

A utilização dos resultados das PNADs

A mudança das tendências de fecundidade e as dificuldades em seu dimensionamento envolvem um risco maior de erro, especialmente à vista do fato de que a fecundidade usualmente é o mais importante elemento das variações demográficas para populações fechadas (Manual III da ONU — 1978).

Conforme Oliveira e Simões (1989) “A investigação e divulgação de informações demográficas nos intervalos intercensitários é uma necessidade imperiosa para o acompanhamento competente das rápidas e profundas transformações que estão ocorrendo na dinâmica demográfica brasileira. Com efeito, variações significativas nos índices de fecundidade, sobretudo, vem sendo observadas em curtos períodos de tempo, desde os anos 70, configurando um processo acelerado especificamente nacional de transição da fecundidade, que demanda avaliação e análise constante. A PNAD oferece a cobertura nacional, a comprovada consistência de suas informações básicas e a possibilidade de se efetuar cruzamentos sócio-econômicos para controle e classificação dos processos de fecundidade e mortalidade.

Os resultados sobre fecundidade obtidos a partir dos dados do Censo Demográfico de 1980 vieram a confirmar uma tendência, inicialmente observada através das PNADs da segunda metade da década de 70, acerca da queda acentuada nos níveis de fecundidade no Brasil.

As PNADs realizadas a partir de 1981 não incorporaram, em seu corpo básico, os quesitos que permitiriam, pelo menos, acompanhar as alterações nos níveis de fecundidade conforme se fazia na década de 70. A PNAD-84 veio responder a demanda por informações atualizadas e detalhadas sobre os níveis e padrões de fecundidade, através do Suplemento Fecundidade. Utilizando os resultados preliminares deste suplemento, a análise ressalta o rápido e intenso declínio ocorrido entre o Censo de 1980 e a

PNAD-84, a generalização desse declínio pelo conjunto do país, atingindo pela primeira vez com maior ênfase as Regiões Norte e Nordeste, inclusive áreas rurais e também a extensão do processo de transição da fecundidade à totalidade da população.

Em suma, os resultados preliminares do Suplemento Fecundidade vêm a confirmar a adequabilidade da PNAD como instrumento de investigação e medição dos níveis e características da fecundidade e mortalidade no conjunto do país e reforçar a constatação de que a PNAD é uma das mais importantes fontes de produção dessas estatísticas a nível nacional”.

Em julho de 1989, foi divulgado na revista *Isto É Senhor* um artigo sobre a superestimação das projeções de população do IBGE. “Há um Maranhão a mais no Brasil, graças a uma falha nas estimativas do IBGE para 1990. Estudos realizados por pesquisadores do Instituto de Planejamento Econômico (IPEA) mostram que a população brasileira está superestimada pelo órgão oficial de estatística em quase cinco milhões de habitantes, ou seja a exata população do Estado onde nasceu o presidente José Sarney. A explicação para a diferença entre as projeções elaboradas pelos dois institutos — ambos vinculados ao Ministério do Planejamento — é simples. O IBGE não considerou em suas estimativas a queda brusca da natalidade dos últimos dez anos, detectada nas PNADs (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), feitas anualmente pelo próprio órgão, mas somente os indicadores demográficos dos dez anos anteriores (70-80).”

Para efeito da futura reformulação da PNAD caberia, portanto, refletir sobre a inclusão nos questionários e conseqüente importância do quadro temático de fecundidade e mortalidade e decidir sobre a sua periodicidade em relação às operações anuais da pesquisa, para que essas informações possam ser efetivamente utilizadas na avaliação e revisão das projeções de população.

A utilização de estatísticas do Registro Civil

O Registro Civil é uma fonte que deve ser examinada com maior profundidade, a fim de subsidiar o estudo das tendências da fe-

cundidade. Vale observar que as informações do Registro Civil, onde estão incorporados os movimentos migratórios, não estão sujeitas aos erros de amostragem e de interpretação devido à uniformidade nos critérios de declaração.

Por outro lado, devem ser considerados os problemas de sub-registro e de atraso na disponibilidade das informações do Registro Civil.

Nas pesquisas domiciliares como também nos censos demográficos, a investigação do item fecundidade pode estar sujeita a distorções, se não houver rigidez e uniformidade no modo de formular as perguntas e uma padronização no treinamento e em todas as fases de retransmissão de instruções, pois depende da forma como o entrevistador pergunta ao informante ou como o informante entende a pergunta (veja Costa — 1988).

Uma outra fonte que pode completar as informações do Registro Civil é através das estatísticas da Assistência Médico-Sanitária (AMS), que fornece o número de filhos nascidos vivos nas casas de saúde.

A necessidade da contagem de população

Utilização dos resultados das PNADs ou do Registro Civil para revisão das projeções não é suficiente para assegurar a necessária precisão das projeções de população, tendo em vista a sua utilização quer seja para atendimento aos dispositivos legais, quer seja para ajustar as estimativas provenientes das pesquisas domiciliares.

Vale enfatizar a importância da conscientização da necessidade de uma contagem de população nos anos terminados em 5 (cinco), pois teríamos cadastro atualizado para seleção de amostras e condições para atualizar com mais precisão as projeções de população. Embora o custo de uma contagem de população sobreponha, significativamente, o custo de uma mera atualização das projeções, é importante refletir sobre os benefícios provenientes da atualização do cadastro para seleção do cadastro para seleção das amostras das pesquisas domiciliares e da revisão das projeções de população, no sentido de assegurar a qualidade das informações que o IBGE divulga sobre a população brasileira.

CONCLUSÃO

Para abordar os aspectos relacionados com a questão polêmica sobre o ajuste das estimativas das pesquisas domiciliares, tomando como base os dados da projeção de população, propõe-se que seja iniciado um estudo cuidadoso sobre os procedimentos adotados para elaborar as projeções de população e para obter estimativas das pesquisas domiciliares, a partir da próxima década.

Para tanto, sugerimos discussões sobre a periodicidade de revisão das projeções de população, a viabilidade do emprego de informações da PNAD e do Registro Civil e conseqüentemente a estruturação da PNAD com a finalidade de atender a tempo, também, por esta demanda.

Por outro lado, deve ser refletida a forma de divulgação dos resultados das pesquisas domiciliares por amostragem, tendo em vista o papel de cada pesquisa passando a divulgar apenas indicadores em substituição à divulgação de totais, como alternativa para a não utilização do ajuste das estimativas das pesquisas domiciliares tomando por base os dados da projeção de população.

Por fim, cabe enfatizar que para realização desta tarefa é imprescindível a participação direta de todos os departamentos envolvidos com a questão.

BIBLIOGRAFIA

BIANCHINI, Zélia Magalhães. *Expansão da amostra e precisão das estimativas da Pesquisa de Orçamentos Familiares*. Rio de Janeiro: IBGE, Departamento de Índices de Preços, 1989.

COSTA, Luiz Nery da. *Pesquisa de avaliação do Censo Demográfico de 1980: estudo sobre as principais tendências da fecundidade no Censo Demográfico de 1980*. Rio de Janeiro: IBGE, Departamento de População, 1988.

FLÔRES JUNIOR, Renato Galvão. *Aspectos de amostragem nas Pesquisas de Orçamento Familiar*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1986. mimeo.

METODOLOGIA da Pesquisa Nacional por Amostra de domicílios na década de 70. Rio de Janeiro: IBGE, 1981. (Relatórios Metodológicos, 1).

MÉTODOS para preparar projeções de população por sexo e idade: manual III. Rio de Janeiro: IBGE, 1978.

OLIVEIRA, Luiz Antônio P.; SIMÕES, Celso Cardoso da S. *As informações sobre fe-*

cundidade, mortalidade e anticoncepção nas PNADs. Rio de Janeiro: IBGE, Diretoria de Pesquisas, 1989. 44f. (Textos para Discussão; n. 15).

PRINCIPAIS características das pesquisas econômicas, sociais e demográficas — DPE/IBGE. Rio de Janeiro: IBGE, Diretoria de Pesquisas, 1988. 154p. (Textos para Discussão: vol. I, Número Especial).

ANEXO

POPULAÇÃO RESIDENTE EM 1980, POR FONTE E A DIFERENÇA ENTRE AS FONTES, SEGUNDO AS REGIÕES E AS UNIDADES DA FEDERAÇÃO

REGIÕES E UNIDADES DA FEDERAÇÃO	POPULAÇÃO RESIDENTE EM 1980			
	Fonte		Diferença	
	Projeção (1)	Censo (2)	Absoluta (1)-(2)	Relativa (%)
Brasil	123 593 410	119 002 701	4 590 709	3,86
Região Norte	4 948 439	5 880 268	-931 829	-15,85
Rondônia	173 311	491 069	-317 758	-64,71
Acre	289 490	301 303	-11 813	-3,92
Amazonas	1 257 419	1 430 089	-172 670	-12,07
Roraima	56 664	79 159	-22 495	-28,42
Pará	2 996 215	3 403 391	-407 176	-11,96
Amapá	175 340	175 257	83	0,05
Região Nordeste	36 400 393	34 812 351	1 588 042	4,56
Maranhão	3 711 186	3 996 404	-285 218	-7,14
Piauí	2 318 013	2 139 021	178 992	8,37
Ceará	5 918 528	5 288 253	630 275	11,92
Rio Grande do Norte	2 173 544	1 898 172	275 372	14,51
Paraíba	2 974 023	2 770 176	203 847	7,36
Pernambuco (1)	6 633 690	6 143 267	490 423	7,98
Alagoas	2 020 640	1 982 591	38 049	1,92
Sergipe	1 097 981	1 140 121	-42 140	-3,70
Bahia	9 552 788	9 454 346	98 442	1,04
Região Sudeste	51 795 860	51 734 125	61 735	0,12
Minas Gerais	13 729 172	13 378 553	350 619	2,62
Espírito Santo	1 864 610	2 023 340	-158 730	-7,84
Rio de Janeiro	12 079 180	11 291 520	787 660	6,98
São Paulo	24 122 898	25 040 712	-917 814	-3,67
Região Sul	22 609 610	19 031 162	3 578 448	18,80
Paraná	10 338 659	7 629 392	2 709 267	35,51
Santa Catarina	3 899 447	3 627 933	271 514	7,48
Rio Grande do Sul	8 371 504	7 773 837	597 667	7,69
Região Centro-Oeste	7 839 108	7 544 795	294 313	3,90
Mato Grosso do Sul	1 543 889	1 369 567	174 322	12,73
Mato Grosso	962 007	1 138 691	-176 684	-15,52
Goiás	4 287 192	3 859 602	427 590	11,08
Distrito Federal	1 046 020	1 176 935	-130 915	-11,12

FONTES — Boletim Demográfico; Volume 11, Número 2 (out./dez. 1980) — Censo Demográfico de 1980, Volume 1, Tomo 4.

(1) Inclusive Fernando de Noronha.

DIFERENÇA RELATIVA DA PROJEÇÃO E CENSO

